



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

**ACONTECIMENTOS POSSÍVEIS NO ENSINO
SUPERIOR: UMA INVESTIGAÇÃO COM OS/AS
ESTUDANTES QUE CURSARAM A DISCIPLINA
GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS**

Évelin Pellegrinotti Rodrigues

Orientadora: Profa. Dra. Paula Regina
Costa Ribeiro

Coorientadora: Profa. Dra. Juliana
Lapa Rizza

Rio Grande
2021

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

ACONTECIMENTOS POSSÍVEIS NO ENSINO SUPERIOR: UMA
INVESTIGAÇÃO COM OS/AS ESTUDANTES QUE CURSARAM A DISCIPLINA
GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

ÉVELIN PELLEGRINOTTI RODRIGUES

RIO GRANDE
2021

ÉVELIN PELLEGRINOTTI RODRIGUES

ACONTECIMENTOS POSSÍVEIS NO ENSINO SUPERIOR: UMA
INVESTIGAÇÃO COM OS/AS ESTUDANTES QUE CURSARAM A DISCIPLINA
GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação em
Ciências: Química da Vida e Saúde da
Universidade Federal do Rio Grande -
FURG como requisito à obtenção do
título de Mestra em Educação em
Ciências.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paula Regina
Costa Ribeiro

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Lapa
Rizza

Linha de Pesquisa:
Educação Científica: Implicações das
Práticas Científicas na Constituição dos
Sujeitos

RIO GRANDE
2021

Ficha Catalográfica

R696a Rodrigues, Évelin Pellegrinotti.

Acontecimentos possíveis no Ensino Superior: uma investigação com os/as estudantes que cursaram a disciplina Gêneros e Sexualidades nos espaços educativos / Évelin Pellegrinotti Rodrigues. – 2021.

139 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2021.

Orientadora: Dra. Paula Regina Costa Ribeiro.

Coorientadora: Dra. Juliana Lapa Rizza.

1. Disciplina 2. Gêneros 3. Sexualidades 4. Formação Acadêmica
5. Formação Profissional 6. Estudos Culturais I. Ribeiro, Paula Regina Costa II. Rizza, Juliana Lapa III. Título.

CDU 378

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Dedico essa dissertação a todos/as que como eu acreditam em uma
sociedade que respeite as diferenças...

AGRADECIMENTOS

Aqueles e àquelas que me impulsionaram e me fortaleceram nessa caminhada minha gratidão eterna. O processo de pesquisa é lento e na maior parte do tempo solitário, família, amigos/as, colegas, professores/as, são essenciais durante todo o percurso e são eles/as que me deram ânimo e muitas vezes me ajudaram a passar por momentos que foram bem difíceis, mas que não me impediram de chegar à conclusão desse estudo. Isso só foi possível justamente por que eu tive essas pessoas ao meu lado.

Primeiramente gostaria de agradecer minha mãe sem ela nada seria feito, ela que me deu a vida e que me ensinou a querer ser sempre melhor, seu incentivo e sua ajuda sem medir esforços sempre foram minha força para nunca desistir dos meus objetivos, obrigada por tudo!

Deixo registrado também em nome da minha mãe a minha gratidão a toda minha família que de uma maneira ou de outra seguraram minha mão por todo o caminho.

Ao Grupo de pesquisa Sexualidade e Escola – GESE agradeço imensamente a acolhida e todo o conhecimento compartilhado, toda a ajuda e colaboração para que essa pesquisa acontecesse, aproveito aqui para agradecer a existência da disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos e a todos/as estudantes que passaram pela disciplina e por esse estudo.

Às minhas orientadoras professoras Paula Ribeiro e Juliana Lapa Rizza além da minha gratidão, minha total admiração, carinho e respeito, palavras não vão descrever o quanto vocês são importantes para mim, sei que não foi fácil essa caminhada, dei trabalho a vocês, mas as orientações, as escutas, as trocas me fizeram chegar até o fim desse processo, me senti a todo momento de mãos dadas a vocês e reconheço que foram muito mais do que orientadoras, são minhas amigas, minha família, assim como o GESE.

À banca, professoras Joanalira e Fabiane foi um prazer e uma inspiração ter mulheres que lutam através da educação por dias melhores e que acreditam em seus alunos/as para construir esse processo de uma sociedade mais justa e com respeito a todos/as, obrigada por aceitarem o convite e pelas colaborações com essa pesquisa, minha eterna gratidão...

À minha amiga Yasmin, irmã de outras vidas, minha motivadora, que me ajudou, me apoiou, me acalmou, me ouviu, muitas vezes foi meu cérebro, sempre atenta e me lembrando de tudo que estava por vir, “coragem, companheira. Não dá para desejar que o mundo te seja leve, pois inventaste de ser intelectual” (CORAZZA, 1996, p. 110). É

sim amiga, escolhemos o caminho da educação para acreditar em uma sociedade melhor e pode ter certeza que vamos estar sempre juntas é “aliar-se a quem se admira – espíritos livres – ética amiga” (NIETZSCHE, 2005), e seguir sempre no caminho da esperança, de braços dados e na luta sempre!

Às minhas amigas Tainã e Karine que me acompanham da graduação em Geografia e que sempre pude contar durante essa caminhada, vocês foram calma e tranquilidade em dias turbulentos, flores em meio a tantos espinhos, meus agradecimentos e minha amizade sempre e para a eternidade.

À minha amiga Camila que dividiu comigo muitos momentos, cafés, risadas, choros e que sempre esteve ao meu lado, minha querida, obrigada por ser essa pessoa que está sempre disposta a me ajudar, que sempre manda mensagem para saber como estou e que me fortaleceu muito durante todo o mestrado...

E por fim agradeço a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, pública e gratuita, ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - PPGEC e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior - CAPES, minha gratidão sempre!

Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer nascer novos espaços-tempos, mesmo de superfícies e volume reduzidos (DELEUZE, 1990).

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa "Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos". No estudo, tivemos, como objetivo, analisar as enunciações dos/as estudantes universitários da Universidade Federal do Rio Grande – FURG sobre uma disciplina que trata das temáticas de gênero e sexualidade. Trata-se do enunciado que afirma a potência do debate das questões de corpos, gêneros e sexualidades por intermédio de uma disciplina no Ensino Superior. Para a produção dos dados da pesquisa, produzimos um questionário, através da plataforma *google forms*, o qual foi enviado para todos/as estudantes que cursaram a disciplina Gênero e Sexualidade nos Espaços Educativos no período de 2012 a 2018. Essa pesquisa fundamentou-se a partir dos campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero e Sexualidade, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas. Por esse viés, entendemos os gêneros e as sexualidades como construções sócio-históricas e culturais, as quais são engendradas em relações de poder-saber. Com base na análise das enunciações, percebemos que os/as estudantes reconhecem a importância da disciplina e das temáticas trabalhadas durante ela, e alguns/algumas reivindicam sua oferta de forma obrigatória. Ficou evidente que a maioria dos/as estudantes entendem a disciplina como relevante para suas formações profissionais e, por meio das problematizações realizadas durante as aulas, eles/as também destacaram que repensaram seus entendimentos a respeito dos assuntos corpos, gêneros e sexualidades em interface com suas futuras atuações profissionais. Nesse sentido, temos a emergência do enunciado discutido nesse estudo, configurando a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos espaços Educativos como um acontecimento, um espaço em que as normas de gêneros e sexualidades são colocadas em questão, são problematizadas, de modo que os/as estudantes conseguem refletir sobre as temáticas já referidas.

Palavras-chave: Disciplina. Gêneros. Sexualidades. Formação Acadêmica. Formação Profissional. Estudos Culturais.

ABSTRACT

This research was developed in the Graduate Program in Science Education: Chemistry of Life and Health, in the research line “Scientific Education: implications of scientific practices in the constitution of subjects”. In the study, we aimed to analyze the statements of university students at the Federal University of Rio Grande – FURG about discipline that deals with the themes of gender and sexuality. This is the statement that affirms the power of the debate on issues of bodies, genders, and sexualities through a discipline in Higher Education. For the production of the research data, we produced a questionnaire, through the google forms platform, which was set to all students who took the discipline Gender and Sexuality in Educational Spaces from 2012 to 2018. This research was based on the theoretical fields of cultural studies and gender and sexuality studies, through the bias of its poststructuralist strands. Through this bias, we understand genders and sexualities as socio-historical and cultural constructions, which are engendered in relations of power-to know. Based on the analysis of the statements, we realize that the students recognize the importance of the discipline and the themes worked on during it, and some claim is offered in a mandatory way. It was evident that the majority of students understand the discipline as relevant to their professional training and, through the problematizations carried out during classes, they also highlighted that they rethought their understandings regarding the subjects' bodies, genders, and sexualities in interface with future professional activities. In this sense, we have the emergence of the states discussed in this study, configuring the discipline of Genders and Sexualities in Educational spaces as an event, a space in which the norms of gender and sexuality are questioned, is problematized so that students can reflect on the themes already mentioned.

Keywords: Discipline. Genders. Sexualities. Academic Education. Professional Qualification. Cultural Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícia publicada na página da universidade sobre a criação da disciplina	29
Figura 2 – Notícia da página da FURG sobre matrícula na disciplina.....	31
Figura 3 – Blog disciplina.....	31
Figura 4 – Boas-vindas a plataforma <i>moodle</i>	32
Figura 5 – Apresentação da disciplina na plataforma <i>moodle</i>	33
Figura 6 – Abertura módulo diversidade na plataforma <i>moodle</i>	33
Figura 7 – Abertura do módulo gêneros na plataforma <i>moodle</i>	34
Figura 8 – Abertura do módulo corpos na plataforma moodle.....	35
Figura 9 – Abertura do módulo sexualidades na plataforma <i>moodle</i>	36
Figura 10 – Página da disciplina no Facebook	38
Figura 11 – Média de idade dos/as estudantes participantes da pesquisa	43
Figura 12 – Gênero dos/as estudantes	43
Figura 13 – Sobre à cor/raça do/as estudantes (Essa classificação está relacionada aos dados de raça/etnia presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE).....	44
Figura 14 – Sobre a identidade sexual/orientação sexual dos/as estudantes	45
Figura 15 – Sobre a religião dos/as estudantes (Essa classificação está relacionada aos dados de religião presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)	45
Figura 16 – Qual curso de graduação os/as estudantes estavam cursando quando fizeram a disciplina.....	46
Figura 17 – Sobre a ocupação atual dos/as estudantes.....	47
Figura 18 – Ano que os/as estudantes cursaram a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”	47
Figura 19 – Motivações para cursar a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”	48
Figura 20 – Sobre a identificação ou não das temáticas de gêneros e sexualidades nos cursos de graduação.....	54
Figura 21 – Situações que os/as estudantes identificam a presença dos temas que a disciplina se propõe a problematizar	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Detalhamento de Cursos da universidade referente a oferta da disciplina	30
Quadro 2 – Alunos/as que cursaram a disciplina por ano e semestre entre 2012 e 2015	42
Quadro 3 – Alunos/as que cursaram a disciplina por ano e semestre entre 2016 e 2018	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAMECIM	Centro de Educação Ambiental, Ciências, Matemática
EAD	Educação a Distância
EC	Estudos Culturais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GESE	Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
ICHI	Instituto de Ciências Humanas e da Informação
IE	Instituto de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONG	Organização não governamental
MEC	Ministério da Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNILAB	Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. INTRODUÇÃO.....	6
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	13
4. CAMINHOS PERCORRIDOS NA BUSCA DE SUSCITAR NOVOS ACONTECIMENTOS: DA MOBILIZAÇÃO, CRIAÇÃO E MOMENTO ATUAL DA DISCIPLINA GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS.....	26
5. ENTRE LINHAS E ESCRITAS A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA.....	38
5.1. Sobre o questionário.....	40
5.2. Sobre a rede de enunciações.....	78
6. ARTIGOS CONSTRUINDO A REDE DE ANÁLISES.....	79
1. GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS: EM FOCO ENUNICAÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR.....	80
2. NOTAS SOBRE UMA DISCIPLINA QUE DISCUTE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR.....	99
7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR.....	125
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICE A.....	135

1. APRESENTAÇÃO

Desenvolvemos essa dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, vinculado à linha de pesquisa Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos. A pesquisa teve como propósito analisar as enunciações dos/as estudantes universitários da Universidade Federal do Rio Grande – FURG sobre uma disciplina que trata das temáticas de gênero e sexualidade.

A presente pesquisa está dividida em seis capítulos. No primeiro, apresentamos os caminhos e descaminhos que levaram a esse objetivo de estudo, a trajetória da pesquisadora e a justificativa para essa pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos a perspectiva teórica que fundamenta essa pesquisa, os Estudos Culturais na sua vertente pós-estruturalista. Assim, tecemos nossos entendimentos de currículo, das questões de gênero e sexualidade e de disciplina, enquanto campo de conhecimento.

No terceiro capítulo, apresentamos os movimentos que foram empreendidos desde o processo de criação da disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos junto ao Instituto de Educação e também junto a Pró-Reitoria de Graduação da FURG, até o momento em que ela passou a ser ofertada de forma optativa para alguns cursos de graduação e como atividade complementar para outros. Destacamos aspectos referentes à sua organização, trabalhos, plataforma *moodle*, focos de discussões, entre outros aspectos.

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para produção e análise dos dados, bem como as estratégias utilizadas para essa produção, que corresponde a aplicação de um questionário, logo após no quinto capítulo apresentamos os dois artigos que compõem as análises da pesquisa e para finalizar, no sexto capítulo, apresentamos as nossas considerações finais sobre essa pesquisa.

Sendo assim, passamos a seguir a cada capítulo, trilhando os caminhos e descaminhos que me constituíram durante a caminhada como uma pesquisadora a espera de novos acontecimentos, que motivaram, colocaram em xeque verdades que pareciam acabadas e mostraram que não existe a “verdade” e que, através das narrativas dos/as estudantes participantes dessa pesquisa, possamos repensar acerca das questões de gênero e sexualidade no Ensino Superior.

2. INTRODUÇÃO

Se não contarmos nossas histórias a partir do lugar em que nos encontramos, elas serão narradas desde outros lugares, aprisionando-nos em posições, territórios e significados que poderão comprometer amplamente nossas possibilidades de desconstruir os saberes que justificam o controle, a regulação e o governo das pessoas que não habitam espaços culturais hegemônicos (COSTA, 2007, p. 92).

Iniciamos a escrita com essa citação de Marisa Vorraber Costa voltando o olhar às questões que nos levaram a delinear esta pesquisa, nos mobilizando a problematizar a importância do debate das questões de corpos, gêneros e sexualidades através de uma disciplina no Ensino Superior. Para isso escrevo minha trajetória e os caminhos e descaminhos¹ que me levaram até aqui.

No ano de 2013 quando comecei a graduação foi por uma escolha que me ligasse às questões ambientais, pois sempre gostei muito da Educação Ambiental e meus cursos de formação inicial foram voltados a essa temática. Cursei primeiramente no ano de 2011 o curso de técnico em Meio Ambiente com Ênfase em Gestão Ambiental; logo após, no ano de 2012 para aprofundar meus conhecimentos, resolvi fazer o curso de Tecnólogo em Gestão Ambiental no qual encontrei algumas questões que me deixavam muito incomodada, principalmente porque tudo que aprendíamos era relacionado a mitigar os impactos ambientais, e eu, com uma visão romântica, queria que pudéssemos pensar como alguns impactos poderiam nem mesmo existir.

Assim, no ano de 2013 decidi por fazer licenciatura em Geografia, acreditando que através da educação poderia fazer com que meus futuros/as alunos/as se fizessem participantes dessas relações que tanto me incomodavam, pois sempre se aprendia sobre as questões ambientais como um fazer fora do meio em que vivemos, afastada das nossas vivências, ou por pequenas soluções que na realidade não seriam nada eficazes.

Pensando assim, fui cursar a graduação em Geografia, mas já no início do curso, mais precisamente no segundo ano, ao acessar a página da universidade, vi a notícia sobre a oferta da disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos e logo me interessei em fazer. Queria compreender e me apropriar melhor dos conceitos e também ver novas possibilidades para minha formação enquanto futura professora.

¹ Falamos em descaminhos concordando com Foucault que diz “existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (FOUCAULT, 2015, p. 13).

Fiz minha matrícula na disciplina e fiquei ansiosa pelo início das aulas, já que não tinha ideia do que seria apresentado assim como quais discussões se apresentariam. Foi minha primeira aproximação com as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades que já no primeiro dia começou com um debate animado ou melhor com várias interrogações no meu pensamento.

A professora Paula Ribeiro fez, no primeiro momento da aula, uma pergunta que colocou todos e todas em silêncio, e me fez pensar: não sei o que responder! Ela perguntou: “quando você se descobriu homem ou mulher?” Eu nunca tinha pensado sobre isso e não tinha uma resposta definitiva, lembro que fui para casa pensando sobre a pergunta feita, embora na aula as respostas de alguns/algumas colegas foram bem interessantes, como a de um rapaz que prontamente respondeu que se descobriu homem porque seu pai sempre falava: “homem não chora!” Essa resposta me causou estranhamento, como é possível a fala de um pai para o seu filho torná-lo homem?

A resposta para essa minha dúvida só foi respondida ao longo da disciplina, quando fui compreendendo, ao estudar os conceitos na perspectiva teórica dos Estudos Culturais no viés pós-estruturalista, como as diferentes redes discursivas vão nos produzindo, produzindo nosso gênero e nossa sexualidade durante toda nossa vida.

Os acontecimentos, trocas e problematizações durante a disciplina foram me possibilitando novos olhares, me fizeram uma apaixonada pelas temáticas trabalhadas e me proporcionaram colocar o “óculos teórico”² dessas discussões, o que para mim foi um caminho sem volta e extremamente prazeroso. Compartilhar com o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – Gese, através da disciplina, esses outros saberes, me fez querer fazer parte do grupo, estar presente nas diferentes ações, me fazer presente em todos os eventos, participar efetivamente das atividades, partilhar desses espaços que, além de tudo, não apenas nos proporcionam viver e apreender, como também são espaços de afeto e acolhimento.

Assim, fui me aproximando cada vez mais das discussões em torno dos seguintes campos teóricos: Estudos Culturais; Estudos de Gênero e estudos da Sexualidade, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas e no ano de 2014 participei do curso de extensão promovido pelo Gese, “Gênero e Diversidade na Escola: dos currículos escolares aos espaços educativos”, no mesmo ano em que cursei a disciplina. O curso foi muito importante para minha formação, pois através dele fiz minha primeira atividade em uma sala de aula de escola pública, cujo objetivo foi promover o respeito e desmistificar marcadores sociais. Essa aula virou um resumo

² “A metáfora do óculos teórico, busca discutir a noção de que é através desse óculos, utilizado por mim ao longo da escrita da tese, e que é constituído por leituras de diferentes obras, que a pesquisa vai sendo constituída” (RIZZA, 2015, p. 27).

para o pôster intitulado “Diálogos sobre diversidade sexual com uma turma de Educação de Jovens e Adultos - EJA da Escola França Pinto: promovendo o respeito e desmistificando marcadores sociais apresentado no “Seminário Integrador: gênero e diversidade na escola”.

Particpei também de outros eventos que problematizavam as temáticas de gênero e sexualidade como o “XVI ENUDSG - Povo que não tem virtude acaba por escravizar: por uma política antirracista e a [r]existência dos corpos colonizados e do movimento LGBT” nesse evento participei da organização e como ouvinte.

Fui participando de eventos como ouvinte, para aprofundar meus conhecimentos e nesse movimento me aproximei das problematizações.

No ano de 2017 já conhecendo o trabalho da professora Paula Ribeiro e do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, procurei a professora para conversar sobre uma possível orientação de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, a vontade de discutir as temáticas de gêneros e sexualidades articuladas ao currículo da Geografia eram minha grande motivação e também a possibilidade de participar do grupo de pesquisa e das discussões.

A professora Paula Ribeiro como uma grande apaixonada pelo que faz e pelas temáticas as quais se propõe a pesquisar, sempre disposta a ajudar os/as estudantes, motivando e buscando possibilidades de participação para todos/as nos diferentes espaços, sejam esses de pesquisa, extensão, eventos, entre outros, quando conversamos sobre meu interesse em pesquisar as temáticas de gêneros e Sexualidades na Geografia, ela não mediu esforços para me incentivar e me passou orientações já nessa primeira conversa de como começar a pesquisa.

Mas ainda não sabíamos se ela poderia ser minha orientadora, pois ela não fazia parte do instituto no qual o curso de Geografia está lotado, a professora Paula Ribeiro era do instituto de Educação - IE e o curso de Geografia é do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI, precisei então, procurar a coordenação do curso para verificar as normativas a respeito de orientações de TCC, e a resposta foi que a professora poderia sim me orientar, mas com um coorientador que fosse professorar do ICHI, especificamente do curso de Geografia.

Ciente dessas informações procurei a professora Paula novamente que aceitou me orientar, juntas escolhemos o coorientador, ela me acolheu no grupo de pesquisa, assim como todos/as integrantes do mesmo, e começamos essa caminhada de construção do trabalho de conclusão do curso.

Meu TCC, intitulado “Os estudos de gênero no currículo do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG”, teve como objetivo investigar as temáticas de gênero no Currículo e no Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia

Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, a partir dos entendimentos dos/as licenciandos/as sobre essas questões e a importância dessa temática para o curso.

A construção do TCC me possibilitou muitos encontros. Neles, estudantes que, como eu, tinham interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre a temática de gênero na Geografia, e que também compreendiam que falar de igualdade e desconstruir preconceitos é compromisso de todos/as e que assim como eu, buscavam espaço para as discussões sobre a temática nas disciplinas do curso e, muitas vezes, faziam o tensionamento para que ela estivesse presente.

É claro que tem muitos/as alunos/as do curso de Geografia que não entendem essa temática como importante e nem reconhecem que ela faz parte da Geografia o que justifica a importância dessas discussões em aula, as problematizações e tensionamentos que aconteciam, nos davam mais força para seguir com os debates. Sendo assim, motivada pelo projeto de TCC que estava em andamento e afim de suscitar mais um espaço de discussões sobre a temática de gênero no curso, produzi uma oficina sobre as contribuições da professora doutora Joseli Maria Silva para a Geografia, nas áreas de Geografias Feministas e das Sexualidades, com o intuito de auxiliar meus colegas e minhas colegas da Geografia na busca dessas temáticas no nosso curso e também incentivar a criação de um grupo de estudo sobre a temática de gênero e Geografia na FURG.

Importante destacar que a professora Joseli é editora chefe da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, organizou oito obras na área de Geografia Feminista e das Sexualidades entre outros trabalhos que ela desenvolve.

A oficina em questão não fez parte do TCC, ela foi pensada para a Semana Acadêmica do curso de Geografia em que os/as estudantes têm a oportunidade de promover um espaço para trocas sobre diferentes temáticas que envolvem a ciência geográfica.

Os espaços de trocas e conhecimentos que o TCC me possibilitou foram crescendo principalmente quando passei a integrar o Grupo de Pesquisa - Gese, participei como voluntária, tanto na Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero, como também no Projeto Escolas Promotoras da Igualdade de Gênero, atividades que me trouxeram e me trazem muitas alegrias e aprendizados, bem como tive a oportunidade de colaborar na organização do “Lançamento do Movimento He For She” na FURG, do “Seminário Integrador 15 anos do Gese: interlocuções sobre gêneros e sexualidades nas escolas”, “Seminário Integrador: vai ter gênero e sexualidade na escola, sim!” e “VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade” entre tantos outros eventos que foram me

constituindo cada vez mais uma apaixonada pelo Gese e pelas temáticas de gênero e sexualidade.

Posso dizer que nada no grupo é feito individualmente. Contamos sempre com a colaboração de todos e todas integrantes em nossas ações e projetos, assim como na produção dessa dissertação, que vai ter a participação de todos e todas em diferentes momentos, seja para colaborar com alguma questão teórica, para apontar caminhos ou para dar abraços e ouvir quando precisamos de apoio e “confetos (conceitos e afetos)” (SATO, 2005, p. 110).

Ao revisitar alguns dos caminhos que trilhei, entendo que a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos foi um acontecimento que me mobilizou durante toda a graduação na busca pelas questões trabalhadas em sua ementa - corpos, gêneros, sexualidades e diversidade. Posso dizer que nesse processo de construção e desconstrução constante que vivemos, a disciplina me possibilitou repensar algumas questões, entendendo assim que somos constituídos e atravessados por nossas vivências e pelas nossas experiências.

As motivações mudam, conforme novos entendimentos sobre a sociedade vão ganhando outras configurações. Assim, passamos a compreender que vivemos em uma sociedade múltipla e que devemos respeitar essa multiplicidade e, mais do que isso, como pesquisadores/as, tencionar, colocar em xeque padrões naturalizados que promovem discriminação e desigualdades sociais.

Todos os movimentos que fiz durante os caminhos e descaminhos trilhados, me fazem problematizar acerca do lugar da universidade em relação à construção dos sujeitos e também da importância dessas temáticas na nossa formação profissional. Possibilitar que as questões de gêneros e sexualidades atravessem nossa formação inicial, permite a construção de conhecimentos sobre essas temáticas, seus conceitos, desdobramentos, novas pesquisas e que essas discussões possam estar em todos os espaços.

Sendo assim, a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos configurou importante desdobramento para minha formação pessoal e acadêmica e, pensando na importância dela para minha constituição, emergiu essa proposta de pesquisa que não tem a pretensão de instituir “uma verdade” sobre a potencialidade da disciplina em questão, mas construir em conjunto, com todos/as os/as participantes desse estudo, caminhos e descaminhos para olhar sobre a disciplina, se ela afeta, se ela produz afetos.

Utilizo nessa pesquisa o conceito de potência no sentido que nos traz Gilles Deleuze (2001) de compor com o outro, de gerar bons encontros. Potência, porque é uma disciplina optativa e, sendo assim, quem cursa é por vontade, seja de conhecer como os conceitos são trabalhados, seja pelo espaço de trocas ou, simplesmente, por ser um componente que

possibilita acúmulo de horas, necessárias para a conclusão dos cursos de graduação. Potência, porque trabalhamos com a multiplicidade que é “[...] multiplicadora, ativadora e produtora de diferenças” diferença que “[...] por sua vez, tem por critério o acontecimento, trabalha pela variação de sentidos, pela multiplicação das forças, pela disseminação daquilo que aumenta a potência de existir, pela proliferação dos afectos felizes” (PARAÍSO, 2012, p. 31). Entendendo o espaço da disciplina como possível proliferadora de afetos felizes, não um espaço de “verdades absolutas”, mas sim um espaço de construção de novos olhares de acontecimentos.

Para François Zourabichvili, o acontecimento “não é mais apenas a diferença das coisas ou dos estados de coisas; ele afeta a subjetividade, insere a diferença no próprio sujeito” (2004, p. 11-12). Ainda segundo o autor “se chamarmos acontecimento a uma mudança na ordem do sentido (o que fazia sentido até o presente tornou-se indiferente e mesmo opaco para nós, aquilo a que agora somos sensíveis não fazia sentido antes) [...]” (2004, p. 12).

Então, a partir das discussões tecidas por Zourabichvili sobre acontecimento, estamos entendendo a disciplina como um espaço que mobiliza a sensibilidade, que afeta os/as estudantes para repensarem sobre as temáticas de gêneros e sexualidades, ela tensiona o espaço da universidade para que essas questões sejam problematizadas.

A cada oferta da disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos possíveis acontecimentos e afetos vão sendo produzidos. Acontecimentos esses que podem ser para um ou vários/as estudantes, “perceptível ou microscópicos” (TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 71). Mas que de alguma maneira os/as estudantes que passam pela disciplina levam as para outros espaços afinal, “eu, tu, a gente: nada são, se não acontecimentos impessoais, ou subpessoais, cada um com sua duração própria variável, individuações não subjetivas, mas intensivas: afectos, paixões, sensações” (TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 71).

Sendo assim, como um espaço de acontecimentos e produção de afetos, segundo Paula Ribeiro, Juliana Rizza e Dárcia Ávila (2014), com base no pensamento de Michel Foucault, colocam que propor a disciplina é promover outro espaço-tempo nos cursos de graduação, uma possível heterotopia³, “estes espaços diferentes que são a contestação dos espaços onde vivemos” (FOUCAULT, 2013, p. 35).

Espaços que possibilitam colocar em xeque as normas de gêneros e sexualidades, problematizar acerca do lugar da universidade em relação à construção dos sujeitos e também

³A pesquisadora cristina varela (2019, p. 20) em sua tese discute o conceito de heterotopia, problematizando que: “A esses lugares reais, a essas utopias localizáveis no tempo e no espaço, o filósofo chamou de heterotopia. Trata-se de uma palavra composta pelo prefixo grego heteros, que significa diferente, e topia, que significa espaço/lugar, indicando ser a heterotopia um espaço outro diferente daqueles com os quais cruzamos sempre.”

da importância dessas temáticas na nossa formação profissional, na construção de conhecimentos sobre essas questões, seus conceitos, desdobramentos, tornando, assim, essa disciplina uma potente fonte para reflexões e disseminação das problematizações acerca dos temas de gêneros e sexualidades nos diferentes espaços educativos da nossa sociedade.

Nesse sentido, ao entender a potência dessa disciplina ao questionar os diversos discursos e práticas sobre os gêneros e as sexualidades – as identidades, a diversidade sexual e de gênero, a homofobia, a transfobia, as configurações familiares, os prazeres, os desejos, entre outras questões que possam emergir a partir das interlocuções que vão sendo tecidas –, juntamente com as turmas, fomos instigadas a fazer essa pesquisa.

Sendo assim, o objetivo geral dessa pesquisa foi:

- ✓ Analisar as enunciações dos/as estudantes universitários da Universidade Federal do Rio Grande – FURG sobre uma disciplina que trata das temáticas de gênero e sexualidade.

Os objetivos Específicos que nortearam a pesquisa foram:

- ✓ Analisar o entendimento dos/as estudantes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG sobre a disciplina enquanto um componente curricular que é parte do processo formativo deles/as em âmbito pessoal e profissional;
- ✓ Analisar as compreensões produzidas pelos/as estudantes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG sobre as problematizações das temáticas de gênero e sexualidade no ensino superior, a partir da disciplina;
- ✓ Discutir a possível contribuição da disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”, para que os/as estudantes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG construam entendimentos sobre gênero e sexualidade;
- ✓ Investigar se as discussões presentes na disciplina acerca das temáticas de gênero e sexualidade contribuem para que os/as acadêmicos/as da Universidade Federal do Rio Grande – FURG percebam/reconheçam preconceitos e discriminações naturalizados na sociedade.

Com nossos objetivos delineados, a seguir passamos a construção do referencial teórico que fundamentou esta pesquisa.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nessa pesquisa buscar tecer nossas discussões, produzindo assim os nossos pressupostos teóricos que orientam este estudo a partir das teorias pós-críticas, dos Estudos Culturais (EC), dos Estudos de Gênero e Sexualidade, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas que orientam as problematizações tecidas durante este estudo, bem como, nos fornecem as ferramentas teóricas e de análise para nossa investigação que tem como propósito analisar uma disciplina que discute as temáticas de gênero e sexualidade e é ofertada para todos os cursos – licenciatura, bacharelado e tecnólogo – da universidade.

Trilhar esse caminho teórico na pesquisa é um desacomodar constante, nos coloca sempre em alerta para desconfiar do que é dado, do que está posto e nos faz tencionar e problematizar as verdades⁴ que nos constituem, nos dando outras possibilidades e outras trilhas para seguir ou desviar. Por isso, esse campo de estudo é potente para realizarmos tal estudo. Assim, buscamos alguns conceitos articulados a esse campo como currículo, disciplina, gênero, sexualidade.

Tendo seu surgimento na década de 60, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, os Estudos Culturais não reivindicam uma disciplina para si nem tão somente são uma disciplina, mas transitam por diferentes campos teóricos. Sendo assim, os Estudos Culturais são considerados como um “campo interdisciplinar, transdisciplinar e, algumas vezes, contradisciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 12), o que para as pesquisas na área de educação é de suma importância, levando em consideração que nesse campo de estudos são pensadas diferentes culturas, relações de poder/saber, gênero, sexualidade, raça/etnia entre outras questões. E são esses processos de produção cultural da sociedade e, por consequência, dos sujeitos, que os EC vêm estudando.

Marisa Costa define provisoriamente os EC na sua versão contemporânea como “saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições, e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano” (2004, p. 13).

⁴ Para Foucault (2007) a produção da verdade em nossa sociedade está centrada nos regimes discursivos, nos discursos científicos, nas instâncias sociais, que a produzem e reproduzem.

Os EC ao problematizarem o conceito de cultura buscam romper com o entendimento existente de uma cultura considerada hegemônica e totalizante, e com isso, passam a entender a cultura nas suas diversas expressões, ou seja,

tanto como uma forma de vida - compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder - quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013, p. 14).

Assim, esse campo de estudos visa a romper com as dicotomias existentes entre as formas de conhecimento produzidas nas culturas locais – entendidas como baixa cultura – e as denominadas universais – compreendidas como alta cultura. Nesse sentido, o campo dos EC busca discutir como as diferentes culturas vão constituindo os sujeitos, seus modos de viver e olhar para o mundo.

Sendo assim, é importante ressaltar que, em nosso estudo, estamos entendendo a cultura enquanto uma construção social imersa em relações de poder. Segundo Veiga-Neto:

A cultura está imbricada indissolavelmente com relações de poder, derivam dessas relações de poder a significação do que é relevante culturalmente para cada grupo. Isso significa, então, uma desnaturalização da cultura, isso é, significa que, para os Estudos Culturais, não há sentido dizer que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder. (VEIGA-NETO, 2004, p. 40).

Assim, ao desnaturalizar a ideia de uma cultura hegemônica, emerge, portanto, a ideia de diferentes culturas, que permeadas por relações de poder, foram sendo submetidas a processos de marginalização umas em relação as outras. No entanto, é importante destacar que nesse processo foram ocorrendo resistências, enfrentamentos e a luta de grupos sociais por representação, ou seja, por reconhecimento, também a partir de relações de poder.

Com base em Foucault (2015), o poder são ações que acontecem entre os indivíduos e não uma ação que age sobre eles, “o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2015, p. 101). O poder está presente, então, nas mais variadas relações. Não é algo fixo ou que se detenha e sim fruto das interações. Não é repressivo e nem compreendido como sinônimo de violência ou aprisionamento. Ele acontece de forma sutil e eficiente entre sujeitos livres. (FOUCAULT, 2015).

Pensar o conceito de poder nessa perspectiva possibilita entender que estamos imersos nessas redes que o configuram. Sendo assim, ele é exercido em nossas relações diárias e através

de todos/as nós, vai nos subjetivando. E é por meio dessas relações que vai se construindo o que é culturalmente relevante para cada grupo social e, por consequência, para cada sujeito.

As temáticas de gênero e sexualidade, entre outras, as quais se ocupam os EC, nos possibilitam promover reflexões sobre a cultura atrelada às relações de poder e como esses processos implicam na constituição dos sujeitos. Dessa forma, segundo Caroline Amaral Amaral (2017), além de se ocuparem da promoção de reflexões sobre o que é cultura, os EC entendem os produtos que resultam da cultura como agentes de reprodução social. Esses produtos são artefatos culturais que construídos socialmente são imbricados por pedagogias que naturalizam verdades, nos ensinando modos de ser e viver.

Por esse viés, com base nos EC na vertente pós-estruturalista, estamos entendendo o currículo enquanto um artefato cultural, construído social e culturalmente, perpassado por verdades que nos educam, nos produzem enquanto sujeitos em diferentes espaços, desdobrando-se em diferentes pedagogias (PARAÍSO, 2010). Esses espaços não são só a escola e a universidade, mas também são a televisão, a internet, as redes sociais – *facebook* e *instragam* –, entre outros espaços, que possuem um currículo e que também nos ensinam e nos constroem enquanto sujeitos e onde estão presentes diferentes relações de poder, gênero, sexualidade, raça/etnia e cultura.

Imerso em relações de poder, o currículo expressa então, o que se acredita ou o que se quer para a sociedade em um determinado tempo. Assim, é preciso tencionar e problematizar essas relações de poder a fim de produzirmos uma sociedade com mais respeito e igualdade. Para tanto, é necessário pensar as questões de gênero, de sexualidade, os diferentes espaços de convivência e as diferentes expressões culturais.

Como coloca Tomaz Tadeu da Silva, “o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero” (SILVA, 2014, p. 97) e também de sexualidade.

Segundo Jane Cordeiro Oliveira (2016) o currículo passa a ser a representação de uma forma de poder, considerado como um discurso carregado de micro relações de poder que coexistem nos espaços das instituições, influenciando comportamentos tanto individuais quanto coletivos, normalizando esses comportamentos dentro do considerado como adequado ou não, estando o poder enraizado nos diferentes discursos sociais. Assim, discursos não são somente textos escritos e sim posturas que colocam em evidência as relações de poder que perpassam a sociedade.

Dessa forma, nas diferentes instituições e nos mais variados espaços, como o espaço escolar e universitário, o currículo, a partir de relações de poder, exclui alguns segmentos da

sociedade, como, por exemplo, as pessoas trans que não se veem representadas. Paula Ribeiro e Joanalira Magalhães destacam, em seus últimos estudos, que há “uma explosão de saberes sobre as questões trans na ciência e nas mídias. Porém, ao olharmos para o livro didático, observamos um silenciamento e uma invisibilidade da temática trans.” (2019, p. 121). Assim, para as pessoas trans, torna-se uma forma de resistência tencionar as identidades de gênero para que no livro didático não se fale apenas da existência de homem e mulher, mas que outras identidades estejam presentes no currículo como outras formas de ser e estar na sociedade. Ainda segundo Paula Ribeiro e Joanalira Magalhães:

Um dos campos de saber acionado para olhar para os corpos tem sido o da Biologia, que vem ensinando sobre a anatomia e fisiologia de homens e mulheres, numa lógica binária, pautada na genitalidade. Esses saberes, produzidos nessa racionalidade científica, constituem o currículo escolar, os livros didáticos, bem como, outros materiais didático-pedagógicos, como os modelos anatômicos, silenciando e invisibilizando outros corpos que rompem com a linearidade sexo, gênero e sexualidade, como os sujeitos transexuais. A transexual, Sofia Favero Ricardo, reitera essa discussão destacando que: “Todas as instituições – inclusive o estado – te ensinam a se odiar a partir do momento que coloca em um livro de biologia que você não existe!” (2019, p. 122-123).

Entendemos assim, que o processo de construção do currículo é permeado por disputas e resistências. Vão se produzindo verdades sobre o que é entendido ou não como componente curricular, do que pode ou não ser falado, em decorrência das diferentes culturas, e das relações de poder presentes no currículo que também vão instituindo alguns saberes sobre aqueles ditos anormais, aqueles que escapam as normas e regras estabelecidas social, histórica e culturalmente.

Através das pesquisas sobre currículo, das diferentes teorizações sobre ele, em diferentes momentos, das verdades estabelecidas acerca do que pode ou não fazer parte do currículo que paramos para questionar, colocar em xeque, problematizar e tencionar o currículo, sabendo que vivemos novos tempos e que:

Seja qual for o nome, o certo é que, nesses tempos, vivemos muitos desafios e somos interpelados, em todos os momentos, pelas múltiplas lutas de diferentes grupos e pela alteridade dos/das diferentes que desejam ser educados de modo a possibilitar viver todas as suas inquietantes experiências. Juntamo-nos, em nossas investigações, a todos esses/as “diferentes” e buscamos maneiras de encontrar /formular linguagens no território da pesquisa educacional para abordar suas lutas, seus saberes e suas experiências (PARAÍSO, 2012, p. 27).

E nessa busca, a que se refere Marlucy Paraíso, de abordar na pesquisa educacional a luta dos “diferentes” grupos, o currículo, enquanto artefato cultural, é produto dessas relações, dessas disputas e não procuramos, através dele ou sobre ele, estabelecer verdades, mas construir outras possibilidades para que: as lutas dos diferentes grupos possam ser visibilizadas; as diferentes relações de poder e as questões que envolvem as temáticas de gêneros e sexualidades, foco das nossas pesquisas, sejam tencionadas; e, as inquietações sobre essas temáticas, trazidas pelos/pelas estudantes, possam ser problematizadas.

Então, é pensar os currículos não somente como conjunto de saberes, composto de diferentes disciplinas, metodologias, processos avaliativos, mas também como uma multiplicidade de poderes, que o colocam em disputa e que o tencionam constantemente. Assim, passamos a compreender que “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: em um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente o currículo” (SILVA, 2014, p. 15). E esse processo de seleção do que deve ou não constituir o currículo não é um processo neutro e está perpassado por construções históricas e culturais, pelas quais vamos sendo interpelados e nos constituindo como sujeitos (RIZZA, 2015).

O currículo está imbricado por pedagogias de gêneros e sexualidades, essas pedagogias por sua vez são baseadas em um modelo hegemônico denominado homem, heterossexual, branco e cristão, todas as outras expressões tanto de gêneros quanto de sexualidades que diferem dessa, foram sendo colocadas em posições marginais e sofrem preconceitos e discriminações.

Dessa forma apresentamos nossos entendimentos sobre gêneros e sexualidades, como os conceitos se articulam e a construção social em torno deles.

Segundo Foucault (2007), sexualidade é um dispositivo histórico em forma de rede, “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (p. 116-117).

A sexualidade, portanto, é uma invenção produzida por meio de múltiplos discursos e práticas sociais que regulam, instauram e normatizam os sujeitos, é construída por relações de poder, prazeres, desejos, escolhas, relações com o outro, consigo mesmo, dentre outros aspectos (FOUCAULT, 2015).

Joanalira Magalhães (2012) nos diz ainda, que esse dispositivo vem produzindo os corpos de homens e mulheres, construindo “verdades” sobre a sexualidade desses corpos, mas de maneira a perpassar a vida desses sujeitos o que por sua vez influencia diretamente nas

escolhas e modos de se relacionar com os outros e com si próprio, essa produção também está relacionada a construção binária que evidencia e projeta de maneira desigual alguns pares sociais como homem/mulher, heterossexual/homossexual, normal/anormal e assim por diante.

Ainda segundo a autora, os saberes produzidos sobre esses corpos e sua sexualidade seriam uma maneira de capturar aqueles desviantes e trazê-los para a norma, é importante lembrar que sempre a norma corresponde ao modelo “ideal” que seria a heterossexualidade e que acaba por colocar aqueles que fogem a esse “ideal” como parte desviante.

Ao pensarmos sobre a construção social em torno do gênero e da sexualidade, que é discursiva, marcada por modelos de representação do que é ser home/mulher e de como viver a sexualidade, nos afastamos dos marcadores biológicos, mas não com o intuito de negar a biologia dos corpos, mas de olharmos para a diversidade que foi “desviando” do modelo heteronormativo, dessa diversidade de corpos que necessitam existir e tornasse sujeito de um gênero e de uma sexualidade.

Para Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se”, distinguindo assim, o gênero do sexo biológico, assim como a importante contribuição de Beauvoir também temos a dos sexólogos John Money e Anke Erhardt que apontaram para a necessidade da distinção entre os papéis de gênero e a identidade de gênero que seria aquela correspondente a experiência de cada sujeito.

Nadia Kovalesski, Cintia Tortato e Marília Carvalho (2011) citam também a contribuição da socióloga Ann Oakley com o livro *Sex, Gender and Society* em que a autora define o sexo como o as características biológicas de homens e mulheres e o gênero como aquele que é cultural, social e contingente. Ainda segundo as autoras o conceito de gênero começou a ser usado efetivamente na segunda onda do feminismo, mas seu uso em pesquisas continuava concomitante aos estudos sobre mulheres o que viria a ser transformado posteriormente em estudos de gênero.

Segundo Dagmar Meyer (2013) o conceito de gênero, aponta que, durante toda vida, através das instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, processo esse que não é progressivo e muito menos harmônico e que também nunca está finalizado, é um processo contínuo, em que cada indivíduo constitui e vive seu gênero e sua sexualidade de maneira diferente, o que nos mostra, o quanto essas questões são complexas e importantes.

Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem

seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2013, p. 18).

Meyer (2013) ressalta ainda, que os indivíduos aprendem a reconhecer e ir ocupando socialmente seus lugares, através das diferentes instâncias sociais, de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que nos acompanham por toda a vida, essas estratégias estão presentes nos diferentes espaços educativos, espaços esses que nos constituem e participam da construção do nosso gênero e sexualidade.

Judith Butler (1990) problematizou a estabilidade da estrutura binária do gênero e apresenta-nos o conceito de “matriz heterossexual”, que ela define como sendo uma rede de inteligibilidade cultural em que há a naturalização dos sujeitos, ou seja, é “por meio desta rede que os corpos, os gêneros e os desejos são naturalizados (...)” (BUTLER, 1990, p. 215). Este conceito, à luz de sua produção, fornece-nos uma ferramenta para pensarmos sobre o que aconteceria aos sujeitos, à estabilidade e à binaridade do gênero, se a presunção da fixidez da matriz heterossexual fosse desmascarada.

Butler (2003) compreende ainda o gênero como performativo. Essa performatividade torna a construção de identidade de gênero supostamente natural, levando em consideração sua contínua reiteração discursiva, o conceito de performance de gênero é uma crítica a correspondência heteronormativa referente ao sexo/gênero/desejo essa correspondência é inteligível e naturalizada no dispositivo da sexualidade. Sendo assim, essas performances são construídas por um sistema de regulação em meio a rituais de repetição do modelo pautado na heteronormatividade. Nesse sentido, Butler (2003) aponta para a necessidade de problematizações acerca dos corpos que de alguma maneira por fugirem a norma heteronormativa, acabam por sofrer preconceitos e discriminações, nas diferentes instituições sociais, como escolas, universidades, instituições religiosas, entre outras.

Nesse sentido, entendemos que as temáticas de gênero e a sexualidade⁵ estão entrelaçadas, e são construções históricas, sociais e culturais, que se constituem na correlação de elementos sociais presentes na família, na medicina, na educação, na religião, entre outros, através de estratégias de poder/saber (RIBEIRO, 2002).

⁵ Embora saibamos que os conceitos de gênero e sexualidade são distintos e possuem suas especificidades, no texto optamos por discutir esses conceitos juntos, pois entendemos que na prática social os mesmos estão imbricados. Além disso, entendemos também que os sujeitos assumem diversas posições como, por exemplo, de gênero, etnia, classe social, nacionalidade, sexualidade, entre outras. Assim, buscamos romper com a ideia de um sujeito uno, que possui uma essência, mas é constituído/produzido ao longo da vida, a partir dessas diferentes posições.

A construção do gênero e da sexualidade, nos interpela, desde muito cedo, nos produzindo como devemos ser e viver, como sujeitos de um gênero e de uma sexualidade. É importante destacar ainda, que todos/as estamos imersos e não escapamos das redes discursivas que constituem os gêneros e as sexualidades. Assim, vamos aprendendo, produzindo e reproduzindo discursos que normalizam e naturalizam formas de ser e agir, preconceitos, vivências, entre outros aspectos.

Dessa forma, homens e mulheres vão sendo produzidos ao longo de suas vidas, num processo “minucioso, sutil sempre inacabado” (LOURO, 2008, p. 34). Isto é, há uma multiplicidade de construções do ser masculino e do ser feminino, pois, nesse ato, diversificados modelos, ideais, padrões e imagens, inerentes a diferentes contextos (classes, raças, etnias, nacionalidade, religião) produzem o processo de formação do homem cis, homem trans, da mulher cis, mulher trans, da travesti, do/a intersexo, do/a pessoa não-binária. Este fenômeno, percebido como eminentemente cultural, é, portanto, passível de transformação ao longo da história e nas variadas culturas e sociedades.

Em nossa sociedade, para ser homem, não é possível demonstrar sentimentos, é preciso ser forte e não chorar. Já as mulheres, são produzidas como frágeis, sensíveis, sentimentais, entre outros marcadores sociais. Até mesmo as roupas que vestimos são generificadas e passam por discursos de normalização. A primeira coisa que as famílias fazem ao descobrir que vai nascer um bebê é preparar o enxoval, mas, para isso, elas ficam ansiosas para saber o sexo biológico, porque, só assim, poderão comprar as roupas nas cores correspondentes para meninos e meninas que são, respectivamente, azul ou rosa. Antes disso até compram alguma roupa ou outros objetos, mas desde que sejam em cores consideradas neutras, como, por exemplo na cor branca, amarela e verde. Para Longaray (2014, p. 158),

é sobre os corpos, que são inscritos os marcadores subjetivos, entre eles os de gênero; entretanto, é importante destacar que as marcas que se inscrevem nos corpos são vistas e entendidas de diferentes formas, dependendo do contexto histórico e cultural vivenciado pelos sujeitos.

As pessoas que não se enquadram nessas produções, assumindo esses marcadores sociais, vão sendo produzidas como sujeitos desviantes e, muitas vezes, têm sua sexualidade colocada à prova. Já se fala, “aquele ali é gay” ou “aquele ali é mulherzinha”, ou, no caso das mulheres, “aquela parece um homem, deve gostar de mulher”.

A construção social em torno da heterossexualidade e essa rede discursiva que a naturalizou é tão recorrente e tem tamanha força, que por exemplo, ela interpela até mesmo as crianças, que quando vão para a escola também continuam nessa lógica binária. Se um menino

vai vestido de rosa, muitas vezes, é chamado de “bichinha” entre outros adjetivos que foram sendo criados para excluir e humilhar aqueles/as que fogem as “normas” de gênero e sexualidade.

Para Silva (2000, p. 4), “a força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade”. A norma, nesse sistema comparativo, possibilita abordar os desvios e determinar o que é normal (heterossexualidade) e o que é anormal (homossexualidade, bissexualidade, assexual, pansexual, etc), assim como ela para a sexualidade a norma também faz essa distinção para gênero, determinando a (cisgeneridade) como normal e a (transgeneridade) como anormal.

Essas questões e seus desdobramentos discursivos transitam por todas as instâncias sociais, perpassando os mais variados espaços como as escolas e universidades, Suzana da Conceição de Barros (2010) corrobora para entendermos que não só a escola, mas os diferentes espaços sociais, também são educativos, ou seja, são espaços de formação cultural e política, espaços sexualizados e generificados, seja através do currículo, das disciplinas, dos materiais didáticos utilizados, seja pela separação das filas entre meninos e meninas, as roupas/uniformes pensados e separados por gênero, entre outras práticas.

Assim, essas redes discursivas que se dão em torno dos temas de gênero e sexualidade, são processos sociais, culturais e históricos que, através de estudos e pesquisas sobre essas temáticas, esses discursos, nos últimos tempos, vêm sendo problematizados, (re)vistos, tencionados, estimulando indagações. E na universidade não poderia ser diferente, já que essas temáticas perpassam os currículos, bem como, os diferentes espaços educativos, que ensinam e possuem uma pedagogia, que produzem significados.

Dizer que todas essas práticas nos ensinam modos de ser e viver nosso gênero e nossa sexualidade e que perpassam nossas vivências cotidianas, não nos faz negar que exista uma materialidade biológica, mas que essa materialidade não pode ser utilizada para promover e/ou justificar desigualdades como a muito tempo vem sendo feito pela sociedade. Tratar dessas temáticas na universidade e em outros meios sociais é fator importante para desnaturalizar preconceitos, normalizações que colocam a margem uma parcela da sociedade. Segundo Fernando Seffner:

Cada sujeito que vem ao mundo é um novo começo, e a tarefa educativa escolar realiza dois movimentos tanto lhe insere em uma tradição, mostrando o conjunto de valores que até aquele momento vem gerindo o mundo, quando lhe estimula a cuidar do mundo a saber, inserir-se na tradição, seja para manter dela alguns elementos, seja para modificar outros, dando o caráter de novidade que assegura a continuidade do mundo. Tal tarefa não é da alçada da família

nem das religiões, mas da escola, pois o mundo é entendido aqui como espaço público (2017, p. 23-24).

Sendo assim, a escola e a universidade não ensinam apenas fazeres científicos, mas também têm o compromisso de promover o convívio mais amplo, com diferentes pessoas, de diferentes crenças, raças, etnias, gêneros, sexualidades, culturas, entre outros aspectos. A escola e a universidade se ocupam também de estratégias de sociabilidade e socialização e da tarefa de nos preparar para “[...] a valorização do pluralismo democrático e o enfrentamento dos desafios *sociopolíticos* do mundo” (SEFFNER, 2017, p. 24 grifo meu).

Todos os desafios que estão incumbidos à escola e à universidade são perpassados pelas redes de poder e saber. Sendo assim, não são neutros, têm intencionalidade e, dependendo do momento político e histórico que vivemos, são produzidos de diferentes formas. Um exemplo dessas relações de poder e saber são as próprias temáticas de gênero e sexualidade, que nos últimos anos no Brasil foram sendo cada dia mais questionadas sobre seu lugar, tanto na escola quanto na universidade, sofrendo ataques constantes à sua legitimidade, enquanto temas de cunho educacional.

Segundo Marlucy Paraíso, o “slogan ‘ideologia de gênero’ está aí se propagando e tentando conter e controlar os currículos para que nada sobre gênero e sexualidade seja nele incluído e para tentar garantir seu impedimento em vários documentos da política educacional [...]” (2018, p. 7). Esse slogan acabou ganhando força e as expressões de gênero e sexualidade que vinham adquirindo espaço, acabaram sendo atacadas na tentativa de retirar as discussões sobre elas de muitos documentos educacionais, como o Plano Nacional de Educação, Planos Estaduais e Municipais de Educação, como também da Base Nacional Comum Curricular.

Assim, foi sendo criada em torno dos temas de gênero e sexualidade um pânico moral, em nome de uma normalização ideológica excludente, com base cristã, branca, heteronormativa, presente em nossa sociedade e que nos últimos anos ganhou força e forte representação.

Para além desse modelo de sociedade que exclui, provoca sofrimento e que marginaliza alguns grupos, devem ser colocados em prática como o proposto na Constituição Federal de 1988 que define as instituições de educação como laicas e que “[...] graças aos esforços de inclusão é composta hoje por uma enorme diversidade de sujeitos, com diferentes pertencimentos religiosos; oriundos de diferentes agregados familiares; com diversidade de orientação de gênero e sexualidade [...]” (SEFFNER, 2017, p. 27).

A escola e a universidade se configuram como espaços da multiplicidade, pois todos/as têm que frequentar a escola, assim, como também têm direito ao acesso à universidade. Pensar

esses espaços e tudo que os complementam, como o currículo e as disciplinas que o compõem sem contemplar a todos/as, não é mais possível, às questões de gênero e sexualidade, assim, como raça/etnia entre outras, são temas que atravessam nossas vivências. Então, como nos diz Paraíso (2018), no campo da educação não se pode deixar desanimar pelos afectos tristes. O currículo é possibilidade, nele “[...] sempre há espaços para encontros que escapam à regulação, [...] espaço de ensino e aprendizagem incontrolável e talvez por isso mesmo ele seja objeto de tantas cobiças, de tantos poderes” (PARAÍSO, 2018, p. 8).

Pensar o currículo é também pensar no país que queremos e, já que o Brasil, segundo estudo publicado pela ONG *Transgender Europe*⁶, é o país que mais mata pessoas transexuais ou travestis no mundo e, além disso, tem dados alarmantes, mostrados pelo *mapa da violência de gênero*⁷ registrado com 225 casos de violência contra pessoas LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais e Queer) por dia no ano de 2017.

É importante ressaltar que esses dados são apenas uma parte dos índices publicados em relação à violência no Brasil, e é de extrema importância, entendermos que é urgente falar sobre essas questões, tanto as universidades, quanto as escolas, que esses espaços problematizem sobre as temáticas de gênero e sexualidade, bem como sobre os preconceitos e violências existentes em nossa sociedade.

Segundo Alinne de Lima Bonetti e Fabiane Ferreira da Silva:

Os alarmantes índices de assassinato de mulheres por seus companheiros, de violência sexual, de homicídios de gays, lésbicas e pessoas trans, de verdadeiro genocídio da juventude negra e pobre e da dizimação da população indígena em nosso país escancaram a urgência de criarmos novos padrões de civilidade, que só serão possíveis por meio de uma educação forte, democrática, inclusiva e de qualidade. Mais do que nunca percebemos a profunda necessidade, por um lado, de se produzir conhecimento sobre os marcadores sociais da diferença e os mecanismos pelos quais são transformados em desigualdade e, por outro, de se promover uma educação democrática e inclusiva que forme cidadãos/os comprometidos com o respeito à igualdade e à diversidade (2016, p. 11).

Nossa luta por promover uma educação democrática tem que ser diária, pois há ataques que são feitos pelo atual governo brasileiro à população pobre, preta, LGBTQI+, como por exemplo, a intervenção do Ministério da Educação (MEC) para suspensão do lançamento do vestibular para pessoas trans, travestis, intersexuais e não binárias (pessoas que são historicamente discriminadas e marginalizadas) que havia sido lançado pela Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, deixa claro a lacuna, invisibilidade e

⁶ Informação retirada do site: <<https://goo.gl/259mrw>> Acesso em: 14/07/2019.

⁷ Informação retirada do site: <<https://mapadaviolenciadegenero.com.br/lgbt/>> Acesso em: 14/07/2019.

discriminação dessas pessoas na nossa sociedade. Assim, as políticas afirmativas se fazem necessárias para que essa população tenha seus direitos garantidos.

O campo da educação torna-se, então, possibilidade para a luta pelo direito à educação para todos/as, espaço de resistência e enfrentamento das desigualdades, sejam elas de gênero e sexualidade, ou outras, e é também esperança de dias sem medo, a partir da promoção à igualdade de gênero, sexual e étnico/racial.

Pensando nessas questões e como elas estão presentes nos currículos, tanto escolares como universitários, é que passamos a discutir a disciplina, enquanto campo de conhecimento, sendo ela um componente do currículo, e também conjunto de saberes, “domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições [...]” (FOUCAULT, 2001, p. 30). Ao se pensar e formular uma disciplina é preciso fazer escolhas, são escolhidos os assuntos que vão ou não ser tratados na disciplina, que conceitos/teorias serão abordados, pois esse processo não é neutro, e se tem intencionalidade na elaboração e articulação do que será tratado na disciplina.

Segundo Foucault, “para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas” (idem, ibidem). Assim, a disciplina é conjunto de enunciados que possibilitam novas verdades e que colocam outras em suspensão, sendo um movimento constante e necessário, pois é assim que o saber se atualiza. E esses saberes entram no regime de verdade da época em que se encontram, ou seja, “uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina; antes de ser declarada verdadeira ou falsa” (idem, p. 33-34). Mas, segundo Foucault, há mais que isso. Uma disciplina não é simplesmente um conjunto de tudo que é verdadeiro sobre determinado tema, não é tudo que deve ser aceito para ele, como, por exemplo, “a medicina não é constituída de tudo o que se pode dizer de verdade sobre a doença; a botânica não pode ser definida pela soma de todas as verdades que concerne às plantas” (idem, p. 31).

Foucault destaca que tanto a medicina quanto a botânica ou qualquer outra disciplina são propensas tanto a erros como a verdades, “erros que não são resíduos ou corpos estranhos, mas que têm funções positivas, uma eficácia histórica, um papel muitas vezes indissociável daquele das verdades” (idem, ibidem). E que, segundo Ana Arnt, nessa perspectiva, “o conhecimento, passa a ser tomado como efeito dos acontecimentos, resultado histórico, uma junção de fatores, movimentos, lutas, que se articulam e se chocam. E, dessa luta, desses embates, é que surge o conhecimento” (2005, p. 115).

Assim, a sistematização/produção de disciplinas, a partir da organização de saberes se deu a partir de embates e lutas. Julia Varela (1994) discute que o poder político interveio em

uma luta econômico-política em torno dos saberes de quatro maneiras: eliminando aqueles saberes que para eles seriam inúteis; normalizando alguns saberes, para que esses se tornassem capazes de eliminar barreiras até mesmo geográficas; ordenando e classificando para que se criasse uma hierarquia daqueles saberes que seriam norteadores e os que seriam subordinados; e por último centralizando os saberes permitindo seu controle, assegurando as seleções e transmissão de baixo para cima dos conteúdos. Assim, formou-se uma luta entre os saberes para o alcance de legitimidade e eles foram submetidos a regras, os campos do conhecimento sendo formados e cada saber se constituiu em uma disciplina. Varela explica que:

Todos estes processos que subjazem à pedagogização dos conhecimentos e à disciplinarização interna dos saberes tentam exorcizar perigos, evitar que os conflitos sociais ocorram, que ocupem o lugar que lhes correspondem nas instituições acadêmicas, no campo do saber. Trata-se de pôr limites, de deixar fora o inominável, de dividir e colocar em competição certos saberes face a outros, certos sujeitos face a outros, tornando possível o mito da neutralidade da ciência e ao mesmo tempo naturalizar e legitimar as relações de força, as relações de dominação que exercem determinados grupos sociais sobre outro. (VARELA, 1994, p. 92-93).

Essa forma de disciplinarização dos saberes culturalmente construída é perpassada por relações de poder e como, nos diz Foucault, onde há poder, há resistência. Assim, por meio de resistências, outros saberes, que foram sendo deixados de fora como sendo saberes não “oficiais”, são acionados, discutidos e problematizados para que grupos sociais que há muito tempo ficaram de fora da escola e das universidades se vissem representados. Esse é o movimento que ocorreu com as temáticas de gênero, sexualidade e raça/etnia que foram, com o passar do tempo ganhando espaço e lugar nos currículos escolares e universitários e consequentemente nas disciplinas.

Mas igualmente como ocorreu quando se constituiu o disciplinamento dos saberes, o poder político continua nos dias de hoje com suas tentativas de dizer o que deve ou não ser trabalhado nas disciplinas. Esses enfrentamentos são constantes, sendo importante o movimento das universidades que instituíram disciplinas que discutem as questões de gênero e sexualidade, pois elas possibilitam que os/as alunos/as possam discutir a diversidade/multiplicidade, dando embasamento teórico para problematizarem essas temáticas nos diferentes espaços educativos, promovendo, mesmo que minimamente, a igualdade e o combate a preconceitos.

Ao lado dos saberes normalizados, existem saberes não totalmente disciplinados. Isto quer dizer que, embora as instituições escolares e

acadêmicas desempenhem de fato funções de submetimento, elas podem desempenhar também funções libertadoras. Nelas é possível, como se demonstra cotidianamente, transmitir a paixão pelo conhecimento, ainda que seja em menor medida do que o desejável. Também é possível a formação de sujeitos críticos que resistem às formas de imposição. Fica aberta, portanto nas instituições educacionais uma margem de manobra, fica aberto um espaço de oposição à desresponsabilização de professores e estudantes (VARELA, 1994, p. 95).

Portanto, ter uma disciplina na universidade que trabalhe diretamente com as temáticas de gênero e sexualidade, possibilita que sejam tencionados constantemente, o currículo dos cursos de graduação, composto, muitas vezes, por disciplinas que não transversalizam as questões de gênero e sexualidade, fazendo assim, com que os/as alunos/as tenham interesse em conhecer e aprofundar os estudos e conceitos sobre essas temáticas. E também que eles/as problematizem, tencionem “programas nos quais se tentam fechar os sujeitos e os saberes” (VARELA, 1994, p. 96), que eles/as resistam, se organizem e abram caminhos para outras relações na universidade, possibilitando que outros conhecimentos e outras possibilidades sejam criadas, e que venham a favorecer a emergência de outros saberes e “novas formas de subjetividade” (idem, 96).

Então, ao criar uma disciplina, se tem uma intencionalidade e, por esse motivo, se faz fundamental nessa pesquisa em que estamos investigando a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos no processo formativo dos estudantes da Furg, que tomemos a educação e a vida, como nos sugere Fernanda Hampe:

como um ato de criação, na busca pela utopia do devir, mulher, criança, negra, gay, trans. Fiar a vida com a garantia de uma vida que tome na radicalidade a ética feminista de rever os fios que nos subordinam a uma prescrição que impede o desejo de sermos sujeitos da vida, dos corpos e dos prazeres, que sejamos todos/as guiadas pela liberdade de vivermos àquilo que somos e desejamos e que nossa pergunta seja sempre qual sonho tem sido possível sonhar (2016, p. 31).

E falando em desejar, criar, no que se é possível sonhar, e nas resistências é que, no próximo tópico, passamos a apresentar os caminhos percorridos para a criação da disciplina Gêneros e sexualidades nos espaços educativos, bem como, sua organização.

4. CAMINHOS PERCORRIDOS NA BUSCA DE SUSCITAR NOVOS ACONTECIMENTOS: DA MOBILIZAÇÃO, CRIAÇÃO E MOMENTO ATUAL

DA DISCIPLINA GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; perdemos o mundo; ele nos foi tomado. Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer nascer novos espaços-tempos, mesmo de superfícies e volume reduzidos (DELEUZE, 1990, p. 73).

A partir dessa discussão de Deleuze, buscamos pensar acerca da disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos como um espaço de possíveis acontecimentos na e para formação acadêmica e profissional dos/as estudantes que por ela passaram. Sendo assim, passo a contar sobre a disciplina.

A escolha por instituir uma disciplina com as temáticas de gêneros e sexualidades na FURG não foi por acaso, visto que o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – Gese, vinculado a FURG, nesse emaranhado histórico que constitui a disciplina, foi um dos elementos importantes, já que possuía 12 anos de atuação, quando a disciplina foi criada. Assim, essa trajetória do Gese que já contava com leituras, participações e contribuições sobre as questões de gênero e sexualidade junto à comunidade escolar, universitária e em geral, e principalmente, com a vontade dos/as integrantes do grupo em promover a igualdade de gênero, o combate a discriminações e o enfrentamento de preconceitos, refletiu diretamente na criação dessa disciplina.

Segundo Paula Ribeiro, Juliana Rizza e Dárcia Ávila, ao pensar a criação da disciplina o Gese tinha como proposta suscitar novos acontecimentos:

Isto é, pensar em outras experiências para além do que é instituído nos currículos oficiais dos Cursos de Graduação, ou seja, uma disciplina que discutisse temáticas que, muitas vezes, não estão nos programas curriculares, como as questões de corpos, gêneros e sexualidades, mas que na contemporaneidade através de várias condições sociais, políticas, culturais, conjugaram-se, articularam-se para produzir a visibilidade de tais temáticas, como, também, possibilitaram importantes e instigantes análises e teorizações (RIBEIRO, RIZZA, ÁVILA, 2014, p. 132).

Sendo assim, trabalhar com as temáticas de gêneros e sexualidades a partir de uma disciplina possibilita que, ao participarem das aulas, os/as alunos/as possam aprofundar seus conhecimentos, problematizando e tensionando os debates em torno dessas questões. Além disso, a disciplina coloca em xeque os currículos do Ensino Superior, ou seja, visibiliza e traz

à tona discussões que estiveram às margens dos programas curriculares, pois que não eram entendidos como conhecimentos válidos e legítimos para a formação inicial dos sujeitos.

Por esse viés, Ribeiro (2013) entende que a disciplina possibilita que os gêneros e as sexualidades sejam problematizados no Ensino Superior, para além de aspectos do âmbito biológico, como há muito tempo vem sendo pautado, mas sim enquanto construções históricas e culturais de nossas vivências nos diferentes espaços educativos. Além disso, a disciplina tenciona alguns discursos normativos, pautados em posições dicotômicas, hierarquizantes, que constituem pessoas “tidas como normais e anormais” em relação ao seu gênero e sexualidade e que geram preconceito e sofrimento para uma parcela da sociedade.

Mobilizado então por esses movimentos, o Gese, na figura da professora Paula Ribeiro – coordenadora do grupo de pesquisa – propõe a criação da disciplina e o primeiro passo foi a realização de uma reunião com a Pró-Reitoria de Graduação, com o propósito de apresentar à universidade os argumentos que sustentavam a proposta de criação da disciplina, bem como a importância que ela teria na formação dos/as estudantes de todos os cursos da universidade.

O retorno institucional foi de apoio à criação da disciplina e, assim, o trâmite seguinte foi a aprovação da disciplina no Instituto de Educação – IE. Após o retorno positivo da Unidade Acadêmica – IE – e a criação e inserção da oferta da disciplina no Sistema FURG, foi preciso apresentá-la para os/as professores/as que, na época, estavam a frente das coordenações de cada um dos cursos de graduação ofertados na FURG.

Nessa reunião, estavam presentes, além dos/as coordenadores/as dos cursos de graduação, a Pró-Reitoria de Graduação. Desse fato é interessante ressaltar que não foi apenas uma apresentação da disciplina que, a partir do segundo semestre de 2012, passaria a fazer parte da oferta de disciplinas disponíveis no Sistema FURG para todos os cursos de graduação. Foi preciso discutir com aqueles/as que ali estavam presentes a ideia de “espaços educativos”, pois, em um primeiro momento, os/as coordenadores/as pensaram que se tratava de uma disciplina ofertada para cursos de licenciatura, já que no nome da disciplina estava expressa a ideia de espaços educativos. Sendo assim, as professoras precisaram explicitar que todos os locais nos educam, que há pedagogias na escola, na instituição religiosa, na fábrica, na biblioteca, na empresa, entre outros espaços em que transitamos e que estamos estendo à universidade

como um espaço privilegiado para discutir essas temáticas; ações do ministério da educação para a inclusão dessas questões nos currículos escolares e universitários; as discussões propostas pelo eixo Orientação Sexual presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais que emergem na década de 1990; os projetos de lei que tem emergido na contemporaneidade e que passaram a enfocar tais temas; o aumento da violência sexista, racial e

homofóbica; as novas identidades que tem se apresentado nas escolas e universidades, como os/as travestis e os/as transexuais; a utilização do nome social (RIBEIRO, RIZZA, ÁVILA, 2014, p. 133).

Assim, no segundo semestre de 2012, foi criada a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”, pensando na emergência de todas essas questões sociais trazidas como argumento pelas professoras e movimentadas pelo desejo de que nos cursos de graduação se instituisse esse espaço de aprofundamento teórico, troca de conhecimentos, experiências e vivências entre professores/as e estudantes de todos os cursos da universidade (Figura 1).

Figura 1 – Notícia publicada na página da universidade sobre a criação da disciplina

The image is a screenshot of the FURG (Universidade Federal do Rio Grande) website. At the top, there is a navigation bar with links like 'Ir para o conteúdo', 'Ir para o menu', etc., and a search bar. The main header features the FURG logo and the university's name. Below the header, a red banner contains various links. The main content area displays a news article titled 'Criada a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos'. The article is dated 24/05/2012 and was last modified on 15/01/2019. The text of the article discusses the creation of this discipline by the Instituto de Educação (IE) and its focus on gender and sexual diversity. A sidebar on the left contains a menu with categories like 'Notícias', 'Ingresso', 'Agenda', and 'Nossos cursos'. At the bottom of the article, there is a contact information for the discipline.

VOCÊ ESTÁ AQUI: [PÁGINA INICIAL](#) > [NOTÍCIAS](#) > [ARQUIVO](#)

Criada a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos

por FURG
Publicado: 24/05/2012 00h00
Última modificação: 15/01/2019 15h59

O Instituto de Educação (IE) criou este ano a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, de caráter optativo, totalizando três créditos, para ser oferecida a todos os cursos da FURG. Essa é uma iniciativa importante e inovadora, pois a maioria das universidades tem oferecido disciplinas que discutem essa temática apenas para alguns cursos de licenciatura, como por exemplo a Pedagogia, enquanto que a FURG ofertará a todos os cursos.

A iniciativa fundamenta-se no entendimento que a universidade é um espaço privilegiado para a discussão sobre a diversidade, a diferença e a produção das identidades a fim de contribuir para uma sociedade mais plural e democrática. Essa disciplina tem como propósito discutir e analisar as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades na contemporaneidade, enfocando o ensino e aprendizagem dessas questões nos diversos espaços educativos, bem como a análise do seu processo de produção nas distintas instâncias sociais e pedagógicas culturais, explica a professora Paula Regina Costa Ribeiro, coordenadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese).

A disciplina vai ser ofertada no segundo semestre pela coordenadora. Ela salienta que a produção científica sobre a sexualidade tem aumentado. Assim, é preciso que os/as graduandos/as tenham acesso a artigos científicos, trabalhos sobre a sexualidade, entre outras produções, pois a formação desses alunos/as não se dá apenas por meio de práticas, mas também, através de teorias e de leituras que visam a embasar as propostas pedagógicas.

Assim, prossegue a professora, faz-se necessário que as questões relacionadas à sexualidade, às identidades de gênero e sexuais, à homofobia, à equidade de gênero, ao preconceito e à discriminação contra as mulheres, gays e lésbicas, entre outros, possam ser discutidas e problematizadas nos espaços educativos. Acredita-se que a disciplina contribua com a desconstrução dos modelos hegemônicos e naturalizados de se compreender e viver as sexualidades e os gêneros, entendendo que os discursos que falam sobre ambos são construções sociais, históricas e culturais e que essa tela discursiva contribui para a produção dos sujeitos.

A disciplina também busca questionar as certezas e os discursos considerados verdadeiros, únicos e legítimos, compreendendo que há uma multiplicidade de formas de se trabalhar com a sexualidade nos espaços educativos. Portanto, a educação para a sexualidade visa a problematizar os discursos naturalizados no âmbito da cultura, permitindo, assim, outras possibilidades de pensar a sexualidade e de compreender como nos constituímos através de relações de saber e de poder.

Para mais informações, o contato é sexualidadeescola@furg.br

Fonte: Página da Universidade Federal do Rio Grande - FURG⁸.

Quanto à organização, a disciplina com turmas de 30 vagas, três créditos e carga horária de 45h apresenta a seguinte ementa: Discussão e análise de temáticas a respeito das questões dos corpos, gêneros e sexualidades na contemporaneidade, enfocando o ensino e aprendizagem dessas questões nos diversos espaços educativos; e Análise do processo de produção dessas temáticas nas distintas instâncias sociais e pedagogias culturais.

⁸ Disponível em: <<https://www.furg.br/noticias/noticias-arquivo/furg-19331>>. Acessado em: 04 jul. 2019.

Já, com relação à oferta da disciplina na universidade – expressa no quadro 1 –, alguns cursos realizaram reformulações em seus Projetos Políticos Pedagógicos e ela então integra o currículo e a oferta se dá como uma disciplina optativa. Em outros cursos, essa oferta se dá enquanto uma atividade complementar que também irá refletir no histórico dos/as acadêmicos/as, mas não integra o programa curricular do curso de graduação.

Além dos cursos presenciais, houve, recentemente, a inserção dessa disciplina no curso de Licenciatura em Ciências (Educação a Distância - EAD) enquanto uma disciplina obrigatória a partir do segundo semestre de 2019. Essa oferta então se dará no 6º semestre do curso vinculado à Interdisciplina Cotidiano da Escola VI, completando 45 horas junto às disciplinas de Didática II e Estágio de Ciências III⁹.

Quadro 1 – Detalhamento de Cursos da universidade referente a oferta da disciplina

Oferta em caráter complementar	Oferta em caráter optativo	Oferta em caráter obrigatório
Administração	Arquivologia	Licenciatura em Ciências EAD
Arqueologia	Biblioteconomia	
Artes visuais Bacharelado	Ciências Contábeis	
Artes visuais Licenciatura	Direito	
Ciências Biológicas	Educação Física	
Bacharelado	Letras Português	
Ciências Biológicas	Letras Português e Francês	
Licenciatura	Letras Português Inglês	
Ciências Econômicas	Medicina	
Enfermagem	Pedagogia	
Engenharia Bioquímica	Psicologia	
Engenharia Civil		
Engenharia Civil Costeira e Portuária		
Engenharia Civil		
Empresarial		
Engenharia de Alimentos		
Engenharia de Automação		
Engenharia de Computação		
Engenharia Mecânica		
Engenharia Mecânica		
Empresarial		
Engenharia Mecânica		
Naval		

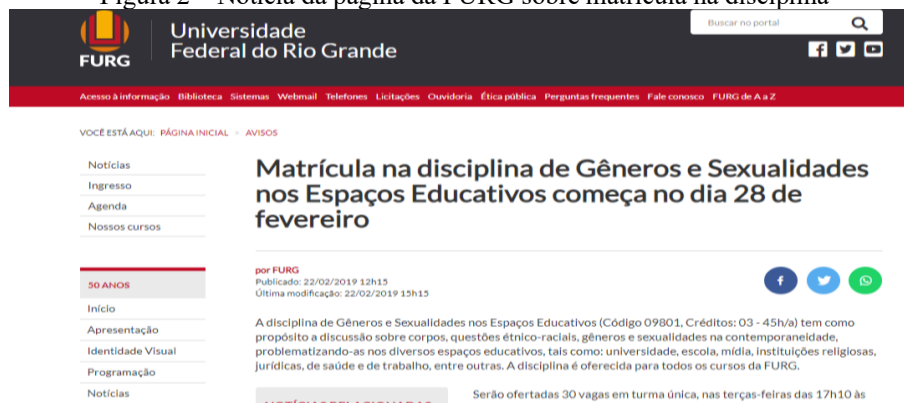
⁹ O curso de Licenciatura em Ciências EAD é ofertado na modalidade a distância pela Universidade Federal do Rio Grande e está lotado no Instituto de Matemática, Estatística e Física.

Engenharia Química Física Bacharelado, Física Licenciatura Geografia Bacharelado Geografia Licenciatura Gestão Ambiental História Bacharelado História Licenciatura Matemática Matemática Aplicada Oceanologia Química Bacharelado Química Licenciatura Sistemas de Informação Toxicologia Ambiental		
--	--	--

Fonte: Autoria própria, 2020.

Como a disciplina é oferecida, através do sistema FURG para todos cursos, a matrícula é realizada na primeira semana do início das aulas e o período de inscrição é divulgado na página da universidade todos os semestres conforme a Figura 2.

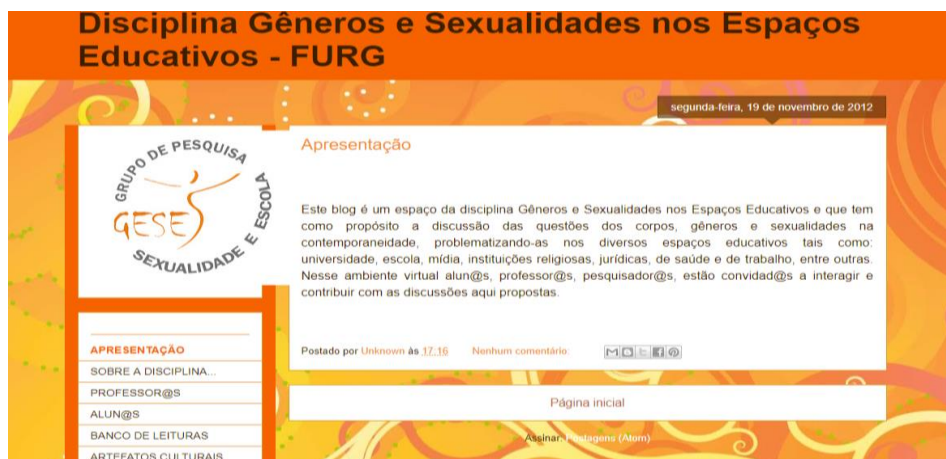
Figura 2 – Notícia da página da FURG sobre matrícula na disciplina



Fonte: Página da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Quando teve início a oferta da disciplina, havia um desejo, por parte da professora Paula Ribeiro, responsável por ministrar as aulas, que os/as acadêmicos/as pudessem dar continuidade às problematizações iniciadas na sala de aula, bem como pudessem ter acesso a notícias e discussões que surgiam acerca das questões de corpos, gêneros e sexualidades. Sendo assim, foi criado um *blog* da disciplina (Figura 3), que possibilitou que outros debates fossem tecidos. O *blog* não está mais em uso para atualizações, mas é mantido como parte da história da disciplina.

Figura 3 – Blog disciplina



Fonte: Blog da disciplina¹⁰.

Essa ideia de um espaço virtual de discussões foi tão produtiva que em 2013 a disciplina foi inserida nessa plataforma digital, denominada *moodle*, o que facilitou o acesso dos/as estudantes a todo o conteúdo da disciplina (Figura 4).

Quanto à estrutura da disciplina, ela está dividida em quatro módulos que são, respectivamente, módulo diversidade, módulo gêneros, módulo corpos e módulo sexualidades. Esses módulos são organizados na plataforma *moodle* e os/as alunos/as têm acesso a todo material disponível, como cronograma, vídeos, filmes, textos, bem como as tarefas a serem desenvolvidas em cada módulo. Através da plataforma eles/as também podem mandar mensagens para tirar dúvidas e para assuntos relevantes ao material fornecido, como também fazer a postagem das atividades concluídas por eles/as a cada módulo (Figuras 4, 5, 6, 7, 8, 9).

Figura 4 – Boas-vindas a plataforma *moodle*

¹⁰ Disponível em: <<http://disciplinagese.blogspot.com/>>. Acessado em: 04 jul. 2019.

perspectiva dos Estudos Culturais no viés pós-estruturalista. Segundo Marisa Voraber Costa (1996), não importa o método utilizado na pesquisa para formular um conhecimento, pois a diferença é feita através das perguntas utilizadas para gerar as relações de saber/poder. Sendo assim, nossas pesquisas são endereçadas, elas nos afetam e talvez produzam afetos; elas falam àqueles/as que, como nós, estiverem dispostos a ouvir e ser ouvidos/as, pensar, refletir sobre o que nos propomos a investigar.

É importante salientar que, ao desenvolvermos essa pesquisa, não tivemos a pretensão de produzir uma única verdade sobre a disciplina, Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, mas sim, através dos olhares dos/as estudantes, tensionar a disciplina em questão, entendendo que, através do óculos teórico que colocamos, do lugar de onde falamos, discutimos alguns aspectos e não outros, “a opção por tratar de determinadas questões, segundo um enquadramento teórico específico, circunscreve possibilidades, indica caminhos, acaba por orientar as direções da investigação” (BUJES, 2007, p. 19).

Para problematizar as questões que trazemos nessa pesquisa, como, por exemplo, os temas de gêneros e sexualidades, foi preciso abandonar as metanarrativas e pensar fora do racionalismo dualista que criou hierarquias através dessa dualidade, como homem/mulher, branco/negro, heterossexual/homossexual, normal/anormal, certo/errado, entre outros, propondo a olharmos para as outras possibilidades existentes de viver e se produzir enquanto sujeito, rompendo com a visão de um homem, branco, heterossexual, universal, que se faz modelo e padrão a ser seguido. Assim, para Costa, depois da quebra com “os estatutos da racionalidade moderna” (1996, p. 10), vamos conseguindo (re)formular novas problematizações sobre nossos campos de estudos e pensar em outras formas de fazer pesquisa.

Nesse sentido, realizamos a aplicação de um questionário como estratégias para a produção dos dados da pesquisa os quais denominamos de redes de enunciações. Essas redes de enunciações, produzidas nas respostas dos/as estudantes ao questionário, nos contaram sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativo e a partir do olhar deles/as nos possibilitaram pensar a potencialidade ou não da disciplina.

A produção dos dados da pesquisa foi organizada a partir de três momentos: o primeiro foi a construção do questionário, que contou com a participação e colaboração do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – Gese.

O segundo momento foi o pré-teste para verificar se precisaríamos fazer mudanças no questionário para dar seguimento à pesquisa. Sendo assim, antes de enviar para todos/as os/as estudantes optamos por enviar para um grupo de alunos/as, a fim de averiguar se haviam problemas de compreensão, entre outras questões.

O terceiro momento foi o envio do questionário, após o pré-teste, através do e-mail e também via plataforma *moodle*, a todos/as estudantes que fizeram a disciplina, desde as primeiras turmas do segundo semestre de 2012, até as turmas do segundo semestre de 2018¹³, as respostas dos/as estudantes ao questionário nos possibilitaram produzir a rede de enunciações sobre a disciplina e nos tópicos a seguir, passamos a detalhar cada um dos movimentos da metodologia e apresentamos os dados obtidos no questionário.

5.1. Sobre o questionário...

A ferramenta utilizada para a produção dos dados da pesquisa foi a aplicação de questionário (Apêndice A). Escolhemos essa estratégia porque, através dela, poderíamos construir um panorama inicial acerca da oferta da disciplina na universidade, tendo em vista que tínhamos todos os e-mails e contatos via plataforma *moodle* dos/as estudantes que cursaram a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos.

Segundo Antônio Carlos Gil, o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc” (GIL, 2008, p. 121). No caso da nossa pesquisa, todos/as os/as estudantes que responderam ao questionário têm em comum a participação na disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, e é, em torno dela, que organizamos as perguntas.

É importante destacar que, segundo Antônio Carlos Gil (2008), através do questionário temos um alcance de maior número de participantes e de respostas para a pesquisa, já que esse pode ser enviado por e-mail/plataforma *moodle*.

O questionário foi organizado através do *google forms*, um serviço gratuito presente na plataforma *google*. Através dessa ferramenta é possível produzir formulários e questionários para pesquisa. O questionário proporcionou um número significativo de participações, uma variedade de respostas às questões levantadas para esse estudo e, através dele, os/as estudantes demonstraram interesse em continuar em outro momento as discussões sobre a pesquisa.

Essa foi a maneira utilizada por nós para o seu envio, e ela implica em menores ou nenhum gasto, garante o anonimato das respostas pois não temos identificação dos/as estudantes que responderam às perguntas, permite que os/as participantes escolham o melhor

¹³ Em 2018 realizamos a aplicação dos questionários.

momento ou o mais apropriado para responder, sem interferências e contato com outros/as participantes ou com o/a pesquisador/a.

Sendo assim, organizamos um questionário composto por 20 perguntas, algumas delas fechadas e outras abertas. As perguntas fechadas do questionário compreendiam questões pessoais dos/as participantes, como, por exemplo, gênero, sexualidade, religião e as perguntas abertas sobre a participação deles/as na disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, todas elas com a finalidade de contemplar o objetivo da pesquisa.

As perguntas do questionário foram construídas e avaliadas pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – Gese, durante a disciplina que cursamos, no segundo semestre de 2018, intitulada “Seminário: Corpo, Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas e Culturais I”, cuja avaliação consistia na apresentação dos nossos projetos de pesquisa para o grupo de alunos/as e professoras no intuito de que todos/as pudessem colaborar para qualificar o projeto. A participação de todos/as na formulação do questionário foi de suma importância na elaboração de cada pergunta.

Consideramos importante fazer um pré-teste com o objetivo de verificar se havia questões com mais de uma resposta ou que a compreensão não estivesse clara. O envio do questionário para o pré-teste foi feito pela plataforma *moodle*¹⁴ aos/às estudantes que cursaram a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, no ano de 2018. Depois de termos os retornos através das respostas, percebemos que não seria necessário a modificação na estrutura do questionário e que poderíamos enviá-lo para todos/as estudantes da disciplina, dando, assim, seguimento à pesquisa.

Enviamos o questionário produzido no google forms, para os/as estudantes que cursaram a disciplina nos anos de 2012, 2013, por e-mail, e para os/as estudantes dos anos de 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018, via plataforma *moodle*.

Utilizamos, para o envio do questionário, essas duas formas, pois nos anos de 2012 e 2013 a disciplina não estava inserida na plataforma *moodle* e a comunicação com os/as acadêmicos/as se dava através de e-mail. A partir do ano de 2014, a disciplina foi inserida na plataforma e toda comunicação com os/as acadêmicos/as passou a acontecer por meio desse ambiente virtual de aprendizagem.

Para o envio do questionário, realizamos um levantamento do número de estudantes por cada semestre e ano (Quadro 2 e Quadro 3), a partir de 2012, quando a disciplina começou a ser ofertada a todos os cursos da universidade através do sistema FURG.

¹⁴ A plataforma *moodle* é um ambiente virtual que funciona como sala de aula e repositório de materiais, sistema que vem sendo muito utilizado para criação de cursos online.

Quadro 2 – Alunos/as que cursaram a disciplina por ano e semestre entre 2012 e 2015

ANO E SEMESTRE	2012 2º S	2013 1º S	2013 2º S	2014 1º S	2014 2º S	2015 1º S	2015 2º S
TURMA A	1			38	30	31	18
TURMA B	35	40	39	30	20	24	24
TURMA C		38	17			41	27

Fonte: Autoria Própria, 2019.

Quadro 3 – Alunos/as que cursaram a disciplina por ano e semestre entre 2016 e 2018

ANO E SEMESTRE	2016 1º S	2016 2º S	2017 1º S	2017 2º S	2018 1º S	2018 2º S
TURMA A	14	29	13	26	29	23
TURMA B	31	41	41	27	25	22
TURMA C	30	16	26	30	22	26

Fonte: Autoria Própria, 2019.

Durante esses sete anos de oferta da disciplina – 2012 a 2018 –, obtivemos um total de 898 alunos/as matriculados/as e desse total 537 concluíram a disciplina.

Abaixo, visualize-se o modelo de e-mail enviado aos/às estudantes tanto pela plataforma convencional de e-mails, quanto pela plataforma *moodle*.

Querid@ alun@,

Estamos iniciando uma pesquisa sobre “Significados e acontecimentos possíveis: uma investigação com os/as alunos/as que cursaram a disciplina, Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”, que faz parte do mestrado de uma integrante do GESE no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. O objetivo dessa pesquisa é investigar a potencialidade da disciplina, Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, no processo formativo dos/as acadêmicos/as da Universidade Federal do Rio Grande – FURG que cursaram a disciplina.

Assim, gostaríamos que você nos auxiliasse **respondendo um questionário através do link:** https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSed4NaG_yX3qkiKdR3qcr03YJ8KfZErlZeG9CMytWExjgJ5A/viewform?usp=pp_url

O prazo final para participação é 06 de maio.

A participação é fundamental para que possamos qualificar ainda mais a disciplina.

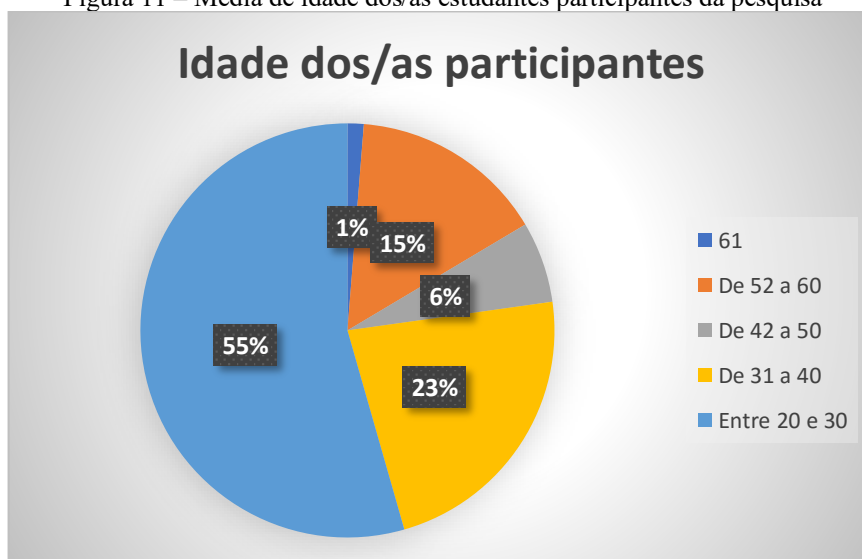
Abraços carinhosos

Paula Ribeiro, Juliana Lapa Rizza e Evelin Pellegrinotti Rodrigues

Dos 537 questionários enviados, utilizando o e-mail e a plataforma *moodle*, obtivemos um retorno de 110 respostas.

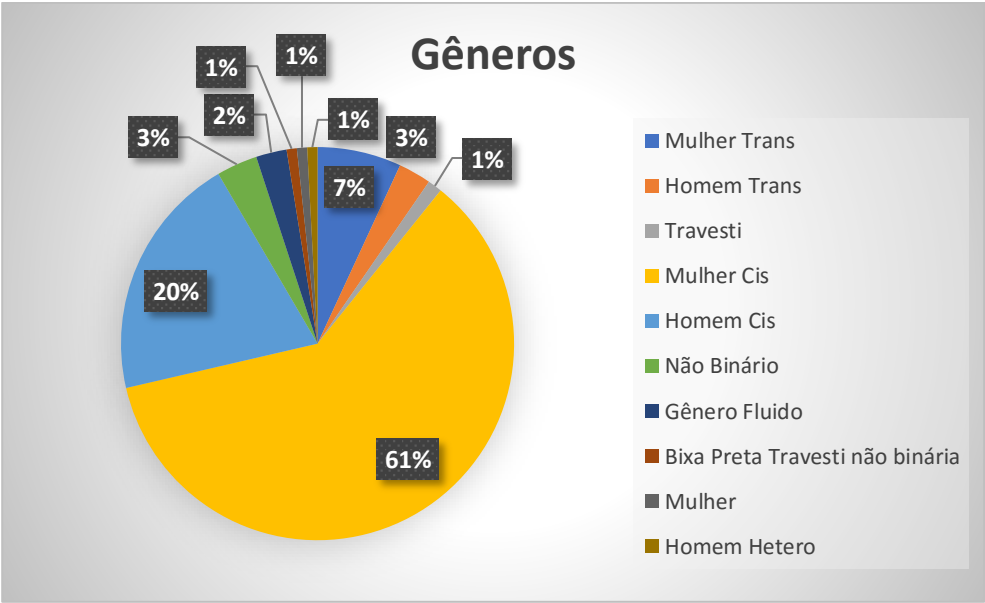
Abaixo apresentamos os dados referentes ao questionário. As primeiras perguntas são referentes a dados pessoais dos participantes da pesquisa, respectivamente, como idade, gênero, raça/etnia, identidade sexual/orientação sexual, religião, qual a graduação cursava ao fazer a disciplina de Gênero e Sexualidade nos Espaços Educativos, o que fazia atualmente, em que ano cursara a disciplina, e quais as motivações para se inscrever na disciplina. Apresentamos os dados dessas questões a seguir, correspondendo aos gráficos das perguntas de número 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 (Figuras 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19). Os gráficos correspondentes às perguntas 11 e 14 são referentes às temáticas trabalhadas na disciplina. Nas perguntas 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 (Figura 20), apresentamos as respostas dos/as acadêmicos/as para as perguntas abertas.

Figura 11 – Média de idade dos/as estudantes participantes da pesquisa



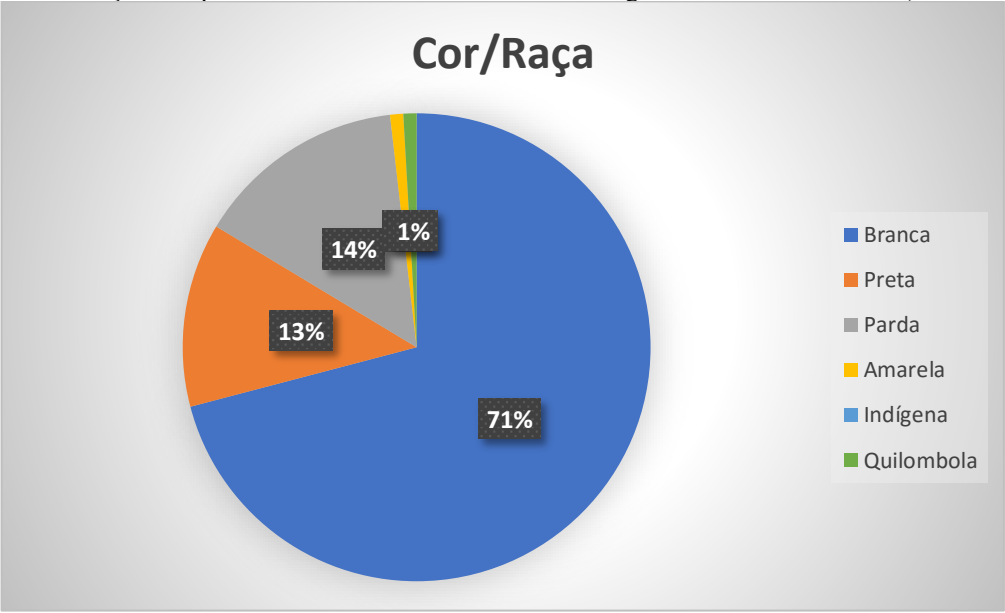
Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 12 – Gênero dos/as estudantes



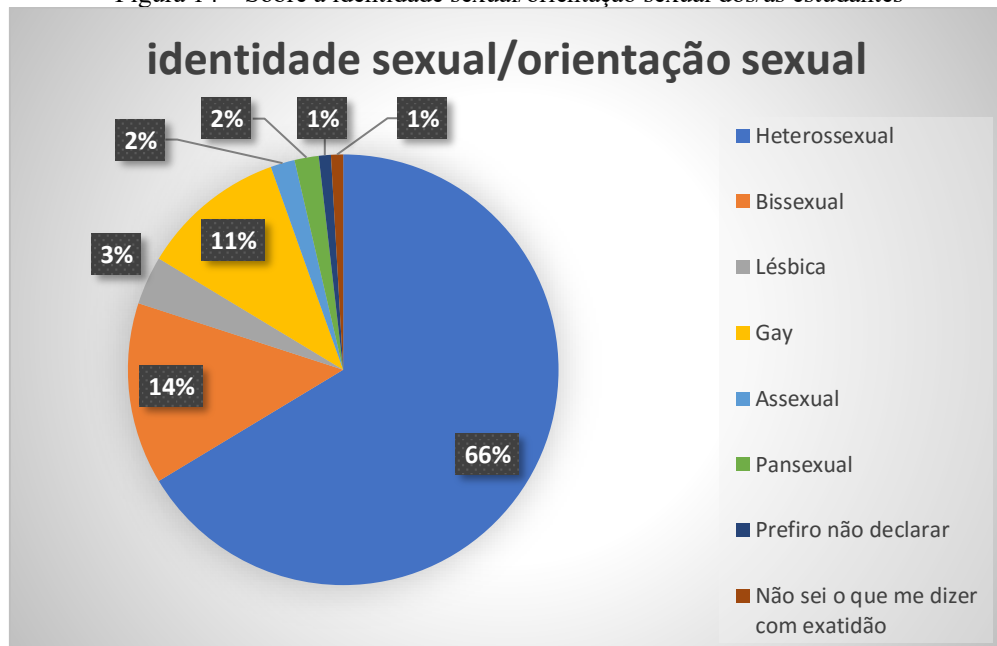
Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 13 – Sobre a cor/raça do/as estudantes (Essa classificação está relacionada aos dados de raça/etnia presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)



Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 14 – Sobre a identidade sexual/orientação sexual dos/as estudantes



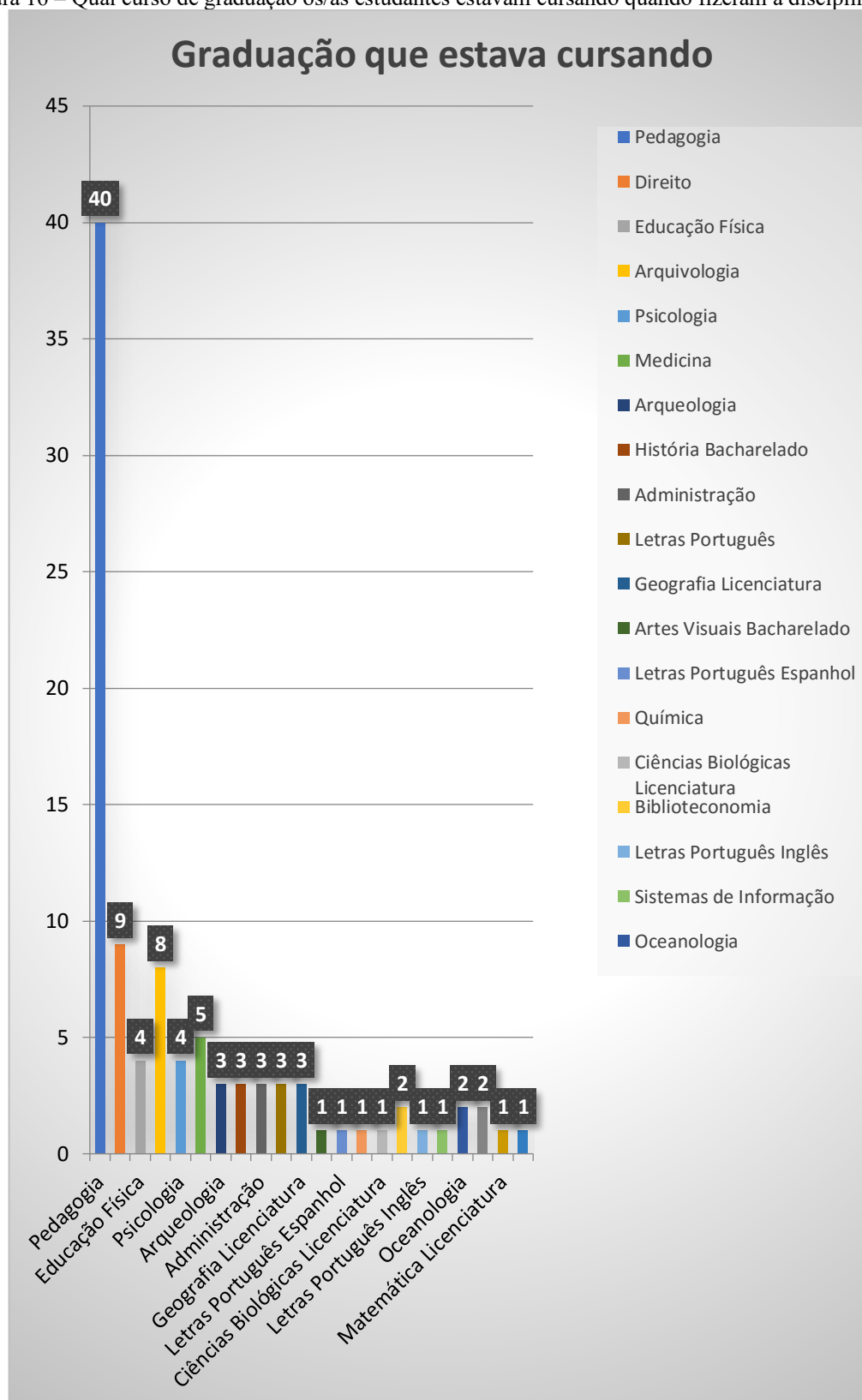
Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 15 – Sobre a religião dos/as estudantes (Essa classificação está relacionada aos dados de religião presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)



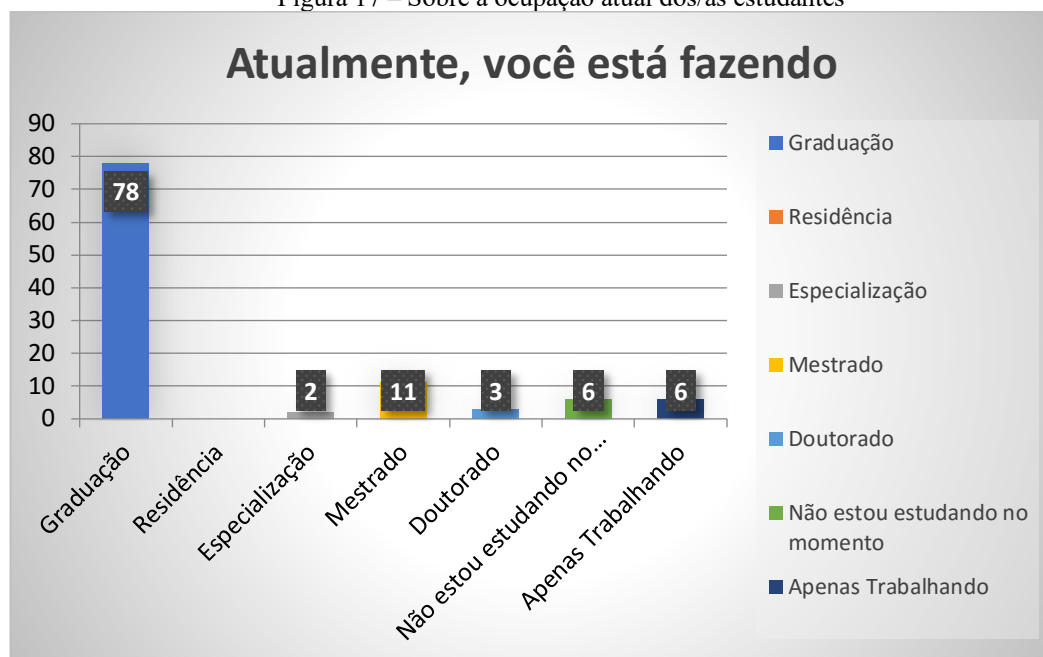
Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 16 – Qual curso de graduação os/as estudantes estavam cursando quando fizeram a disciplina



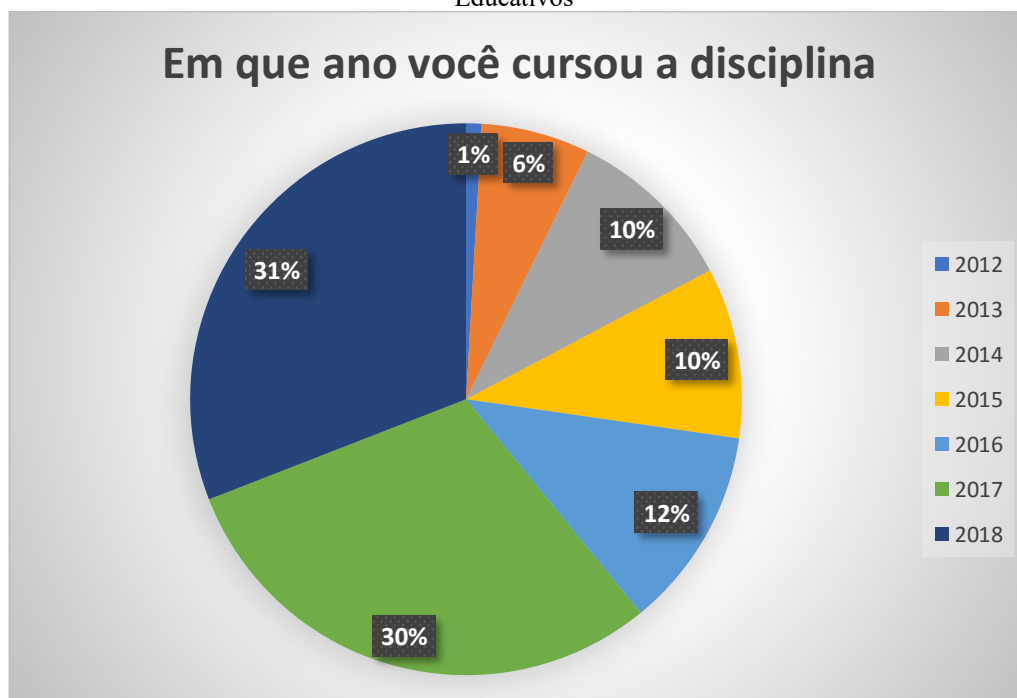
Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 17 – Sobre a ocupação atual dos/as estudantes



Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 18 – Ano que os/as estudantes cursaram a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”



Fonte: Autoria própria, 2019.

Figura 19 – Motivações para cursar a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”



Fonte: Autoria própria, 2019.

Pergunta 10: Você considera importante que se instituem, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de gêneros e sexualidades?

1. *Considero que a cadeira de gênero e sexualidade deveria ser obrigatória para toda universidade, com os atuais casos de intolerância e violência acho que seria fundamental.*
2. *Sim. Para que não se tenha uma mente voltada para dentro. Os processos de participações nas questões que se referem à gênero e sexualidade, como qualquer um outro desta extrema importância, deveriam ser obrigatórios, principalmente nas escolas municipais. Envolvendo o conjunto dos educadores da rede de ensino fundamental. É preciso atualizar estes educadores antissociais, preconceituosos, que trazem suas mentes embrutecidas e fechadas que viajam com suas mentes no passado da ignorância. Despreparados para atender este tipo de público. Há escolas do município de Rio Grande, que ameaçam as crianças se não tiverem o comportamento imposto, pela direção e coordenadora. Bem verdade que alguns educadores não compactuam com esta ideia, e também se sentem oprimidos; ameaçados e esmagados como os alunos e acabam se calando. Gostaria de ver reuniões sobre tais assuntos nestas escolas onde pais, filhos e educadores participassem, onde cada um tivesse o direito de se expressar com a orientação dos profissionais responsáveis pela área. No meu ponto de vista, vendo e presenciando fatos, vejo que as escolas do município estão bem distante da realidade,*

- e resistem e atacam nossas crianças de todos os lados, imprimindo de forma severa. É lá fora elas tentam passar outra imagem. Uma imagem maquiada distante da verdade.*
3. *Considero importante que alcance a todos os estudantes de graduação com o objetivo de desconstruir toda a forma de preconceito e discriminação que existe em nossa sociedade.*
 4. *Sim e acredito que deveria ser estudado desde da infância, pois é um tema que aborda todos os seres humanos.*
 5. *Sim. Deveria ser disciplina obrigatória em todos os cursos, acredito e afirmo que a universidade tem um papel importante na construção dos sujeitos e essa temática vem a equiparar, colaborar para a formação de profissionais com conhecimento na área.*
 6. *Com certeza! Porque vivemos em um coletivo plural e heterogêneo, portanto precisamos saber como lidar com as diferenças.*
 7. *Sim, pois por conta do alto índice de desconhecimento da população as novas e diversas orientações sexuais e gêneros, seria interessante repassar estes conhecimentos aos demais, pois muitos julgam sem nem saber do que se trata, achando que é apenas "moda", ou estão apenas querendo chamar atenção!*
 8. *Sim*
 9. *Sim. Pois vivemos rodeados de diferenças e muitas pessoas ainda classificam o ser humano em caixinhas. É preciso discutir e entender além.*
 10. *Entendo que essa disciplina é de extrema importância, pois discutir essas temáticas se faz necessário em um país como o Brasil, onde o preconceito é significativo e escancarado.*
 11. *Sim! Para desconstruir preconceitos e conceitos que foram institucionalizados ao longo dos tempos, para que os acadêmicos possam expandir seus conceitos a respeito do tema e principalmente nos cursos de graduação, para que os profissionais saibam abordar essa temática em sala de aula.*
 12. *Acredito que sim, primeiramente, em razão do convívio em sociedade e em meio à diversidade proporcionado pela própria instituição e que, sendo assim, demanda compreensão por parte do corpo docente e discente acerca das variadas formas de construção da identidade de gênero e sexual de um indivíduo. Ademais, entendo que os debates realizados na disciplina e as informações com ela adquiridas são importantes para nossa constituição como seres sociais de ação muito mais ativa e apreciativa da diversidade que nos circunda, diferentemente da costumeira ignorância que leva muitos ao caminho do preconceito e da discriminação.*
 13. *Sim, pois aprimora o desenvolvimento dos alunos e das pessoas com as quais iremos nos relacionar profissionalmente.*
 14. *Sim... A discussão dessa temática é fundamental para a formação de profissionais de todas as áreas...*
 15. *Deveria ser incluída em todos qsl's. Na Universidade não basta ter conhecimento específico de uma determinada área, o conhecimento do outro é importante. Entender o outro é respeitar, é saber que existe pluralidade na vida.*
 16. *Sim, pois foi através dessa disciplina que percebi que estava ganhando muito mais que apenas horas para uma cadeira optativa, estava adquirindo conhecimento dos mais variados temas os quais com 29 anos de idade nunca sequer ouvi falar no meio educacional tanto escolar quanto em casa.*
 17. *Sim, por que é um assunto que na maioria das vezes é deixado de lado.*
 18. *Sim, pois tal temática deveria ser obrigatória em todos os cursos, para que todos tenham conhecimento e saibam lidar com as diferenças.*
 19. *Sim, porque a discriminação sobre o tema é muito grande, quase um tabu.*
 20. *Para que possamos quebrar nossa ignorância e nos abriremos para o amor incondicional.*
 21. *Sim. Por ser uma temática que permeia todas as áreas do conhecimento. Ter uma formação humana e voltada ao respeito as particularidades e individualidades é algo imprescindível para qualquer profissão.*
 22. *Sim, pois a universidade é local para ampliação de conhecimentos e essa temática é fundamental para formação de profissionais melhores.*
 23. *Sim.*

24. *Sim. Estas discussões se tomam pouco acessíveis por outras disciplinas e, tendo como disciplina obrigatória para todos os cursos da Universidade, talvez assim possamos construir conhecimentos com diversas áreas e promover uma sociedade mais diversa e igualitária.*
25. *Sim, porque a temática se torna cada vez mais pertinente nos dias atuais. Sendo assim, acho importante a informação e a conscientização acerca do assunto, a fim de garantir competências tanto a classe acadêmica quanto aos futur@s profissionais da educação, saúde e afins, dando assim um aporte teórico/metodológico capaz e eficaz ao debate de ideias em questões que envolvam a discussão e/ou diálogos dados em nosso cotidiano social.*
26. *Sim, pois acredito que poucas pessoas, assim como eu, tenham consciência do que se trata o assunto, que por esse motivo também, acaba virando um tabu.*
27. *Sim, pois grande parte dos problemas sociais existentes são relacionados a questões de gênero, sexualidade e raça/etnia. Além disso, são problemas majoritariamente motivados por falta de conhecimento sobre os assuntos.*
28. *Sim, acho importante que se tenha uma discussão aprofundada a respeito do assunto para que os discentes de Universidade tenham ao menos consciência das problemáticas que envolvem o assunto, principalmente discentes que trabalham em temáticas sociais*
29. *Sim, pois é importante para nossa formação humana*
30. *Acredito que sim, visto que esse é um assunto que ainda gera muita curiosidade, muita polêmica em alguns casos. Discutir essas questões ajuda a quebrar o "tabu" e também na disseminação de informações, já que infelizmente existem muitas pessoas desinformadas.*
31. *Sim, pois é uma temática de relevância para formação profissional e aborda assuntos com grande prevalência no espectro de transformações sociais.*
32. *Sim, acredito que seja fundamental ter um espaço de aprendizagem e debate sobre sexualidade e gênero, uma vez que: 1) vivemos em um país extremamente intolerante e violento com as ditas "minorias" e 2) mesmo em cursos da área de Humanas, que é o meu caso, tais temas não são debatidos em nenhuma outra disciplina.*
33. *Sim, porque é sempre importante conhecer sobre pautas atuais, principalmente se elas se relacionam ao respeito ao próximo e se a sua futura profissão lida com pessoas.*
34. *Sim, respeito para com o outro*
35. *Sim. A abordagem dos temas tratados no decorrer da disciplina é fundamental à formação humana na sua integralidade, independente da área de formação. São assuntos essenciais à vida humana nas suas diversas dimensões e os conhecimentos apreendidos a partir das aulas colaboram para que possamos manter relações de respeito e solidariedade.*
36. *As temáticas de gêneros e sexualidade são importantes para o conhecimento e instrução dos estudantes de várias áreas profissionais.*
37. *A disciplina de Gêneros e Sexualidades deveria ser obrigatória em todos os cursos de graduação pois penso que vivemos em uma sociedade machista e homofóbica e essa disciplina proporciona uma desconstrução desses comportamentos produzidos e reproduzidos pela sociedade. Eu mesma conheci e me apropriei do feminismo nessa disciplina.*
38. *Para divulgar o conhecimento acadêmico sobre o tema, que sofre de mistificações e aversão - inclusive pela própria comunidade acadêmica - basicamente por desinformação.*
39. *Sim, é importante, pois é através destas disciplinas que entendemos de que forma os gêneros e as sexualidades são socialmente construídas e reelaboradas no cotidiano por meio das diversas instituições e espaços educativos.*
40. *Com certeza, pois é necessário ampliar os espaços de discussão destes temas a fim de que se acabe com os discursos de ódio e com a homofobia.*
41. *Sim, porque conhecer e debater sobre o tema ajuda na redução do preconceito de gênero na sociedade.*
42. *Sim. Gênero e sexualidade fazem parte da formação subjetiva/intelectual de todas as pessoas e geram consequências sociais.*
43. *Sim, é importante o estudo de tal tema pois assim podemos entender melhor, perdendo o medo e o tabu que cerca a sexualidade. Quando entendemos um assunto paramos de nos auto defender e assim respeitamos opiniões divergentes.*

44. *Sim. Por que se faz necessário, o diálogo entre essa temática, nos tempos atuais com tanta discriminação e preconceito.*
45. *Obviamente que sim, acredito que a disciplina deveria ser obrigatória e não optativa. Todxs lidamos com pessoas diferentes, com a disciplina, aprendi muitos conceitos que nem tinha ideia que existiam. Hoje, posso dizer que me reconheço como uma mulher cis hetero, graças a disciplina que me ajudou em diversos fatores ao qual desconhecia.*
46. *Com certeza. Pois a universidade tem que ser um ambiente que acolha a todos e a todas.*
47. *Não.*
48. *Sim, como forma de esclarecimento de questões referente às temáticas e contribuir para minimizar o preconceito.*
49. *Sim, pois é nosso dever respeitar a multiplicidade.*
50. *Sim, porque a disciplina esclarece muitos conceitos que temos contato, querendo ou não, e é um incentivo ao não preconceito em qualquer área de atuação do profissional.*
51. *Sim, pois é uma temática que exige nosso conhecimento a fim de combater o preconceito.*
52. *Sim, pois o ambiente acadêmico é um espaço de interação e conhecimento.*
53. *Sim, são assuntos que estão sendo cada vez mais importantes em nossa sociedade*
54. *Sim. Acredito que discutir essas temáticas nos espaços educativos, tanto em escolas como em universidades, é um importante e potente meio de fomentar a informação quanto a diversidade e o respeito as diferenças, desta forma podemos diminuir a violência decorrente do preconceito e ignorância.*
55. *Com certeza, sim. Em plena época da modernidade, da tecnologia avançada, num país de primeiro mundo, como posso retroceder nesta ignorância, se a cultura de gênero e sexualidade existe desde os primórdios. Não vou ser, e nem minha família será; hipócrita opressora da infâmia e ideia homofóbica. É verdade que nem sempre pensei exatamente assim, com esta certeza e, também não cogitava a ideia de que precisa de mais esclarecimento, e conhecimento sobre o tema. Mas na minha casa sempre houve divisões de tarefas domésticas entre meninos e meninas, com igualdade e sem nenhum atrito. Pois, meninos e meninas na minha casa tem direitos iguais. Na minha família o respeito é a prioridade, por isso não temos problema nenhum em nos ambientar e muito menos de faltar com o respeito seja à quem for. Discutir sobre gênero e sexualidade, há era ensaiado entre nós, já era um assunto conhecido dentro da família, mas não sabíamos como abordar este tema na nossa casa com responsabilidade e sabedoria, confesso que com a disciplina de Gênero e Sexualidade deu um embasamento seguro, na nossa visão. E isto tudo é Cultura; riqueza de conhecimento, um diálogo justo, em valoroso respeito. Aonde existir este respeito de igualdade na sociedade, escolas e nas famílias, o preconceito deixa de existir. Não dá para aceitar, estes propósitos, maquiadores sobre gênero nas políticas educacionais. Gênero, sexualidade e identidade de gênero; doença? É justo fechar os olhos e aceitar o que nos impõe? Se, em pleno século, onde impera a tecnologia avançada e a modernidade, o direito de liberdade do sujeito, onde habitam seres inteligentes, capazes de uma visão ampla e rica de saberes; pensar que gênero, sexualidade, e identidade de gênero, designa doença. É matar a verdade dos fatos na realidade. Meu país é o Brasil, a Pátria acolhedora, mas não a que tortura e mata, a de sentimentos, empobrecedores, preconceituosos... Porque, é retroceder, estagnar negligenciando. É morrer no ócio e na cegueira.*
56. *Sim, considero. Existe muitos tabus e pré-conceitos entorno do tema, e é exatamente importante que haja um espaço que desmistifique isso dentro da universidade.*
57. *Sim, muito principalmente na área da educação, pois acredito que é necessário apresentar esta diversidade que existe em nossa sociedade, apresentar os documentos legislativos nacionais que tratam do assunto e ressaltar a importância da igualdade de gênero.*
58. *Sim, ficar informado sobre assuntos pertinentes a nossa vida e relação com os demais é válido para qualquer curso de graduação.*
59. *Sim por que todos nós vamos cada vez mais nos deparar com essas situações e devemos saber lidar de forma adequada*

60. *Não como disciplina obrigatória, pois se formos analisar esse tema também deveria ser obrigatório estudar outras questões, como por exemplo a disciplina de libras. Mas ela poderia ser ofertada como disciplina optativa na grade de todos os cursos.*
61. *Sim, é indiscutivelmente importante que se inclua as discussões que permeiam as temáticas gênero e sexualidades tendo em vista que, como características intrínsecas a identidade da pessoa humana, é necessário que se instrua, em nível formal de educação superior, os indivíduos que futuramente irão se inserir (ou já estão inseridos) no mercado de trabalho. Ademais, as discussões referidas permitem que haja ampla conscientização geral e também a desconstrução de tabus e estigmas; promovendo e valorizando uma educação pluralista, diversa e inclusiva.*
62. *Sim, principalmente nos cursos de licenciatura*
63. *Sim, porque grande parte dos estudantes ignora esse assunto.*
64. *Sim. Acredito que seja uma temática importante para todas as áreas do conhecimento.*
65. *Sim. Compreensão das vivência pessoais e coletivas*
66. *De suma importância. A área da saúde, a qual faço parte, está em contato direto com a população, e sempre que não conhecemos um perfil populacional, ele deixa de ser amparado e bem atendido pelo sistema de saúde. Como garantir um sistema universal se não se ensina um cuidado universal?*
67. *Sim, pela relevância destas questões nos cotidianos dos futuros profissionais que estão se formando na universidade.*
68. *Sim, porque é um tema que perpassa a construção da cidadania, e a universidade deveria contribuir com esse tipo de formação, mesmo que seja de forma acadêmica. Contar apenas com o interesse pessoal de cada estudante não é suficiente, pois para muita gente esses temas não são de importância direta, porém, se fazem externamente importante para a sua formação social.*
69. *Sim. Todos devem ter um mínimo de conhecimento para saber lidar com populações diversas na sociedade.*
70. *Sim, pois devemos sempre aumentar nosso grau de conhecimento sobre os assuntos antes de opinar*
71. *Sim... Porque ainda é um tema bem desconhecido de muitas pessoas.*
72. *Totalmente! Pois isso auxilia o nosso convívio em sociedade, acredito que o conhecimento amplia nossa capacidade de sermos melhores e respeitarmos as diferenças.*
73. *Sim, acredito ser obrigatória. No meu curso (medicina) lidamos com muitas situações íntimas dos pacientes e saber lidar e conduzir os temas e problemas dos pacientes em relação ao seu gênero/sexualidade é muito importante.*
74. *Sim...sempre é bom refletir sobre a temática*
75. *Em todos os cursos, indistintamente.*
76. *Sim, principalmente nos cursos de licenciatura, uma vez que enquanto lecionando em todos os níveis (mas principalmente no ensino básico de nível fundamental e médio) nos deparamos com muitos problemas de bullying, discriminação e várias formas de preconceito que incluem questões de gênero e sexualidade. Enquanto estudante de licenciatura não temos treinamento, ou sequer vivenciamos e discutimos sobre o tema, então somos pegos de surpresa na prática da profissão, como professor/educador e profissional da área dentro das escolas e demais espaços educativos.*
77. *Entrei para fazer a disciplina pois precisava de horas complementares. No início tinha um preconceito muito grande com a disciplina, cursar ela foi extremamente gratificante para minha vida profissional como também pessoal! Pude entender o tema mais a fundo e repesar ideias que passam de geração em geração e que muitas vezes são carregadas de preconceitos. Sou muito grata por todos os ensinamentos que tive nessa disciplina!*
78. *SIM*
79. *Sim, acho de extrema importância, porque os assuntos que foram debatidos nas aulas são cada vez mais frequentes no dia a dia e estão presentes na realidade de todos. Então devemos*

- tratar desses assuntos com mais frequência para que as pessoas se informem, não façam julgamentos e não sejam preconceituosos.*
80. *Sim, principalmente em cursos de licenciatura por que a todo momento estamos lidando com diversidades e pluralidades, então ter o mínimo de conhecimento e respeito torna-se necessário.*
 81. *Sim. Porque o preconceito e a falta de conhecimento são enormes entraves aos bem-estar social das pessoas LGBT*
 82. *Sim. Porque o conhecimento é uma arma contra a intolerância e o preconceito. Quanto mais pessoas forem capazes de compreender as questões acerca de gêneros e sexualidades, maior será a capacidade de diálogo e entendimento.*
 83. *Sim, pois, é uma temática que perpassa todos os espaços e, portanto, deveria ser obrigatória em todos os cursos.*
 84. *Com certeza, é respeito para como os outros. Eu sempre recomendo à todxs que façam, muda o pensar, ou ao menos faz refletir sobre todos os tipos de diferenças.*
 85. *Sim, porque é uma disciplina que abrange vários assuntos importantes do cotidiano que servem tanto para a nossa formação, como para lidar com situações pertinentes e tão óbvias do dia-a-dia, relacionadas a problemas e fatos internos e externos que temos que lidar dentro da sociedade de maneira ampla.*
 86. *Sim. É uma oportunidade de ampliar os conhecimentos sobre o assunto, debater com o intuito de diminuir conflitos e preconceitos.*
 87. *Sim. Acredito que os estudos de sexualidade e gêneros são importantes para formação profissional de qualquer alun@, pois existe um tabu muito grande relacionado a esse tema que precisa ser quebrado, esses grupos minorizados precisam de visibilidade e respeito. As pessoas que não estão no "mundo" lgbtq+ não conhecem essa cultura. Ter uma disciplina como essa ajudaria a entender sobre as performances de gêneros, de maneira conceitual e de modo mais acessível.*
 88. *Sim. Porque este é um assunto que precisa ser bem esclarecido*
 89. *Sim, acredito ser de extrema importância, pois muitos dos graduandos ainda precisam ampliar seu olhar sobre esse assunto e entender a importância de discutir sobre essa questão durante seu processo formativo, para então saberem abordar em sua vida profissional, e até mesmo, defender essa temática que ainda é vista com preconceito pela sociedade.*
 90. *Sim. Um dos papéis da universidade pública é contribuir para o desenvolvimento social. Ou seja, a comunidade científica deve contribuir para que todxs - independente do gênero, raça, classe e orientação sexual - tenham direito a vida.*
 91. *Sim, para pelo menos entendo respeitar as diferenças.*
 92. *Porque ainda há muito desconhecimento sobre o tema.*
 93. *Sim, pois é um tema de muita relevância na sociedade em que vivemos.*
 94. *Sim, pois as pessoas não possuem conhecimento dos temas e acabam perpetuando certos preconceitos e violências.*
 95. *Sim. Para podermos entender melhor as diversidades*
 96. *Sim, as pessoas precisam abrir seus horizontes de conhecimentos sobre a diversidade social para diminuir o preconceito.*
 97. *Sim, para se desconstruir os preconceitos sobre o tema*
 98. *Sim! Pois todos os cursos discutem essas temáticas e se deparam com situações nas quais ter conhecimento sobre esses temas é importante.*
 99. *E muito importante discutir essas temáticas na universidade para esclarecimentos sobre a diferenças de Gêneros. O único espaço que o universitário encontra para debater o assunto e de suma importância para as licenciaturas e formação do graduando que pretende trabalhar em sala de aula.*
 100. *Acho superimportante, pois eleva o conhecimento em um campo desconhecido.*
 101. *Deveria ser obrigatório e não optativa*
 102. *Sim, por ser um tema que contribui positivamente na vida profissional.*

103. *Sim, devido a realidade que vivenciamos, o descaso e desrespeito com as questões de gênero, seria de extrema necessidade que no espaço acadêmico fossem discutidas essas questões.*

104. *Sim, para esclarecimentos em relação as temáticas.*

105. *Sim, principalmente na área da saúde*

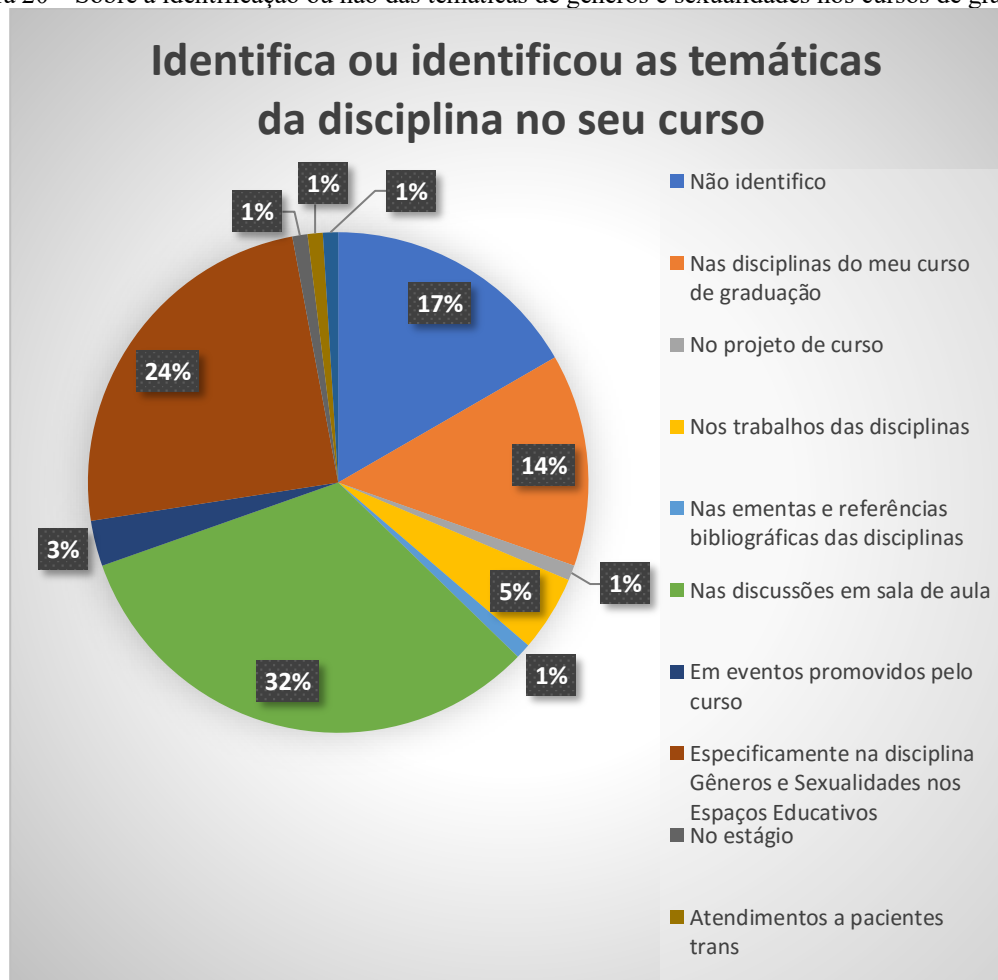
106. *Sim muito importante, por ser um tema complexo deveria abranger todos os cursos.*

107. *Sim. De extrema importância. Porque precisamos de mais disciplinas como esta, esclarecedoras de conhecimentos; para que possamos nos desvencilhar das amarras e tirarmos a venda dos olhos e parar de achismo, porque está bem claro que o mundo não é somente rosa e azul, a ciência da natureza nos comprova, que os seres não estão constituídos só no masculino e no feminino, mas sim nos hermafroditas também. Precisamos amadurecer conhecimentos, e compreender, e assim sentirmos, o quanto é carente e precária nossa visão, desprovida do respeito.*

108. *Sim. Para que todo futuro profissional tenha esclarecimento sobre o assunto.*

109. *sim, porque através desta temática podemos modificar culturalmente nossa sociedade e refletir sobre as normativas que estão impostas nelas e que reproduzem e produzem preconceitos e desigualdades.*

Figura 20 – Sobre a identificação ou não das temáticas de gêneros e sexualidades nos cursos de graduação



Fonte: Autoria própria, 2019.

Pergunta 12: Já teve contato com leituras ou cursos que tratam das temáticas problematizadas na disciplina? Gostaria de compartilhar alguma leitura ou algum curso?

1. Não
2. Não
3. Sim

4. Não.
5. Não
6. *Pedagogia, creio que é muito abordado, principalmente socialização infantil.*
7. *Sim, variados. Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos. Me deu um norte maior, uma visão mais ampla, e encontrei mais forças para lutar pelo respeito e espaço para com os meus e a quem precisar.*
8. Não
9. Sim
10. Não
11. Não
12. Não
13. *Sim, minhas poéticas. Traz as problemáticas atribuídas aos gêneros e sexualidades*
14. *Sim! Trabalhamos alguns livros da Djamila Ribeiro sobre racismo e Empoderamento.*
15. Não
16. Não
17. *Além de ter participado em 2016 do videocurso oferecido pelo GESE intitulado "Educação para a sexualidade", trabalho no mestrado com literatura erótico-pornográfica e questões de gênero e sexualidade, portanto, compartilho de algumas leituras até mesmo citadas ao longo da disciplina, como os escritos de Foucault e Butler.*
18. *Judith Butler, Beauviar, Joan Scott, Guacira Lopes*
19. Não tive.
20. *Sim! No meu 2º semestre na disciplina de corporiedade 2 o professor Arisson trabalhou com diversos autores como Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Michel Foucault e alguns outros. Um que me chamou bastante atenção foi: Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas de autoria da Guacira Lopes Louro. Um artigo também muito interessante foi: RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE, MULHERES E ESPORTE: TEMAS PARA A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.*
21. *Sim, seminário corpos, gêneros e sexualidades*
22. *Apenas as leituras da Revista eletrônica do GESE*
23. Já
24. Sim.
25. Ñ
26. *Sim, alguns que fiz no próprio GESE.*
27. *Quem tem medo do feminismo negro? Por Djamila Ribeiro.*
28. Não tive contato
29. Não me lembro de nada em especial.
30. *Tive a oportunidade de cursar uma das edições dos videocursos propostos pelo Gese.*
31. –
32. *No curso de direito há algumas disciplinas como direito e gênero, direitos humanos e direito educacional nas quais essas temáticas são discutidas.*
33. Não
34. *Nunca. Mas gostaria de ter feito algo.*
35. *Os Livros de História das mulheres no Brasil e (Nova) História das mulheres no Brasil.*
36. *Sim, atualmente estou fazendo um curso online sem tutoria da ONU cujo título é Gender and Environment*
37. Não tive, infelizmente, somente na disciplina.
38. *Sim, através da literatura / cinema -"Carol" (Patrícia Highsmith) e "A Garota Dinamarquesa" (David Ebershoff), além de ter visto algo da obra da socióloga norte-americana Angela Davis.*
39. *Judith Butler, Silvia Federici*
40. *Sim porem não me recordo dos nomes*
41. Não
42. *Eu costumo assistir mais filmes mesmo, mas, ultimamente, estou lendo "a garota dinamarquesa", acredito que vocês devem conhecer. Um livro fantástico, super indico!*

43. *Somente nesta disciplina*
44. *Sim.*
45. *Não*
46. *Sim, as já mencionadas na ementa da disciplina de gêneros e sexualidade nos espaços educativos.*
47. *Sim. No curso de pedagogia estudamos a vertente conceitual do "cuidado" e acabamos nos deparando com estudos feministas que buscam romper com a ideia de que a mulher nasceu para o cuidado.*
48. *Sim. Nas aulas da disciplina de gênero e sexualidade nos espaços educativos e em eventos que participei na FURG bem outras universidades.*
49. *Não*
50. *Sim. Quanto as questões relacionadas a gênero, gostaria de compartilhar o livro Abaixo a família monogâmica! De Sergio Lessa.*
51. *Psicologia, Física Licenciatura e na Pedagogia.*
52. *A maioria apenas dentro da disciplina de gêneros*
53. *Não recordo.*
54. *Não*
55. *Sim*
56. *Acho que meu único contato foi durante a disciplina. Foi esclarecedor no sentido de conhecer a diferente entre os termos e até mesmo uma perspectiva desta temática.*
57. *LETICIA LANZ LIVRO " O CORPO DA ROUPA*
58. *Não*
59. *Sim. Realizei meu trabalho de conclusão de curso acerca das temáticas dos corpos, gêneros e sexualidades. Participei de cursos oferecidos pelo GESE como o curso de extensão "Compartilhando histórias e aprendizagens sobre gênero e sexualidade na escola", o "Videocurso Educação para Sexualidade: dos currículos escolares aos espaços educativos", o "Videocurso Educação para Sexualidade: temas contemporâneos em discussão".*
60. *Não*
61. *No momento tenho lido a poetisa Rupi Kaur, que trata de temáticas femininas, e em poucas linhas descreve os diversos papéis femininos na sociedade.*
62. *Nunca tive*
63. *Participei de uma oficina de "arqueologia queer", fundamentada na teoria queer, promovida na IXª Semana Acadêmica de Arqueologia, em 2018; mas já tinha leituras pessoais da área, principalmente da teoria queer.*
64. *Livros de Judith Butler e Simone de Beauvoir, por exemplo*
65. *Não*
66. *Não*
67. *Não*
68. *Leituras sim*
69. *Não*
70. *Efetivamente este contato ocorreu através do Gese*
71. *Apenas tive contato com o tema e fiz leituras e discussões na disciplina a que essa pesquisa se refere. Que não foi componente curricular obrigatória.*
72. *Sim*
73. *SIM*
74. *Infelizmente não tive.*
75. *Apenas em uma optativa disponibilizada pelo meu curso, uma leitura que acho excelente a ser compartilhada é Helena Hirata.*
76. *Na área da Arquivologia essa temática ainda não foi, até onde pude constatar, abordada.*
77. *Leituras: O Segundo Sexo (Simone de Beauvoir), As Boas Mulheres da China (Xinran), O Mito da Beleza (Naomi Wolf), Sejamos Todos Feministas (Chimamanda Ngozi Adichie).*
78. *Sim, o poder do macho é um livro muito interessante.*
79. *Só dos cursos e os ligados ao Gese - aquele das escolas eu achei maravilhoso.*

80. Não
81. Não
82. *Algumas leituras como Angela Davis, Djamila Ribeiro e outros.*
83. *Sim. Nas leituras feitas na aula de gêneros e sexualidades*
84. *Não lembro, a única disciplina na qual tive a oportunidade de ter contato foi nessa optativa.*
85. *Projeto Leia Mulheres. Esse é um lindo espaço no qual, mensalmente, discutimos literatura de diversos gêneros literários, assinados por escritoras.*
86. Não.
87. Não.
88. *Gênero, Corpo, Conhecimento - Alison M. Jaggar e Susan R. Bordo*
89. *Sim, Seminário de Gêneros, corpos e sexualidade no ano passado na FURG.*
90. *Sim, nas aulas de Pedagogia*
91. *Sim! No curso de direito existe discussão sobre feminismo, sobre gêneros e sexualidades. Dessa forma, se realiza algumas leituras sobre Foucault, Butler, Frayser, feminismo decolonial, teoria queer, entre outros.*
92. *Somente leituras de revistas, mas tive muitas dúvidas que foram esclarecidas na disciplina que ajudaram a ampliar meu conhecimento.*
93. *Não tive contato fora da disciplina.*
94. Não tive
95. *Diversidade é bem discutida no curso e trazem revistas e leituras para serem discutidas*
96. *Sim*
97. *Sempre importante citar Simone de Beauvoir e Foucault para discussões de gênero e estruturas de poder.*
98. Não
99. Não
100. Não
101. *DIVERSIDADE, por abordar e apresentar a nossa identidade e nossas diferenças, o texto nos remete a pensar, sobre esta forma que temos de rotular ou catalogar, direitos ainda fora do nosso alcance para conhecimento por puro preconceito e individualismo*
102. *Sim. Não lembro de nome agora.*
103. *Sim.*

Pergunta 13: Você acha que a disciplina pode colaborar para combater o preconceito? Por quê?

1. *Com certeza, pois as pessoas têm medo do que não conhecem.*
2. *Demais, e urgente. O índice de depressão em adolescentes aumentou muito e está muito ligado às escolas do município e famílias homofóbicas.*
3. *Com certeza! Porque a partir de esclarecimentos, de discussões e de relatos, é possível que proporcione reflexões que até muitas vezes não pensadas, em que o respeito e igualdade de direitos são para todos.*
4. *Sim pois o conhecimento e a chave para quebrar com a intolerância e o preconceito*
5. *Sim. Porque a disciplina tem um olhar ampliado sobre a diversidade humana e trata da temática com muito respeito e saberes extremamente importante para o currículo.*
6. *Sim. Porque ajuda as pessoas mais desinformadas a entenderem outras realidades diferentes das suas e que estas realidades têm o direito de existir assim como a sua.*
7. *Sim, pois como citei em uma pergunta anterior, a falta de conhecimento, talvez, leve as pessoas a julgar sem entender.*
8. Não
9. *Sim. Pois nos faz pensar e refletir sobre atitudes e pensamentos diários.*
10. *Cursando a disciplina pude ampliar meu conhecimento, e até mesmo aprender sobre como devemos nos impor diante do preconceito, podendo sempre vencê-lo com argumentos.*

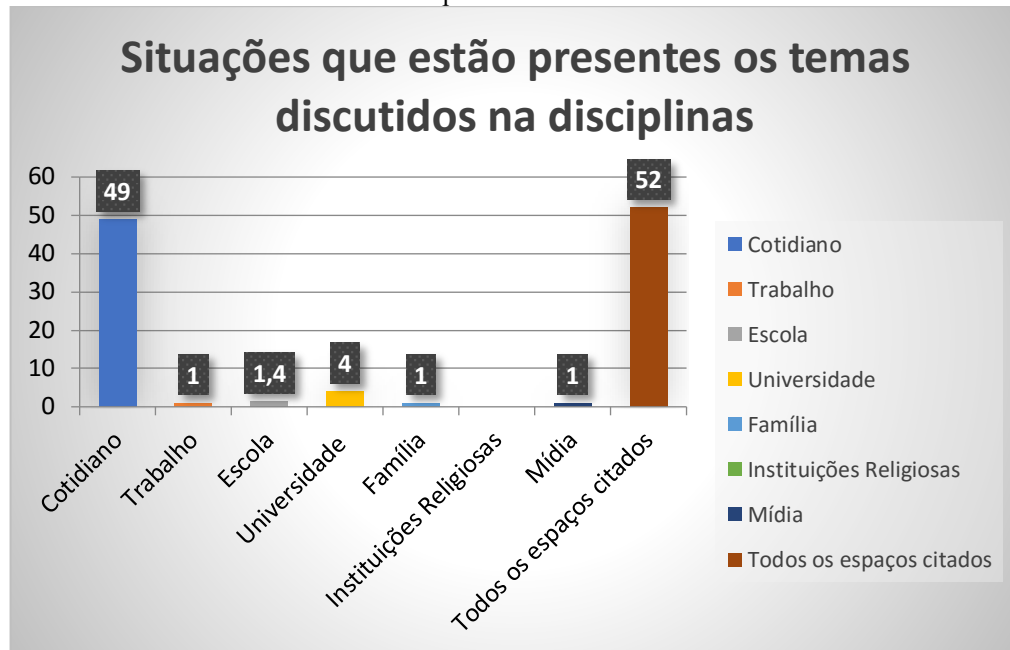
11. *Sim, porque faz o sujeito refletir sobre os temas propostos e talvez, algumas cabeças possam se conscientizarem que suas verdades não são únicas e universais e que é imprescindível respeitar o espaço e a escolha do outro sem fazer julgamentos.*
12. *Acredito que sim, principalmente porque, na grande maioria dos casos, os discursos de ódio, assim como os preconceitos a eles atrelados, tem como origem a simples ignorância e falta de informação. No momento que o estranho deixa de estar tão distante da realidade e, assim, deixa de ser estranho, muitos problemas de discriminação podem ser, sim, solucionados.*
13. *Não diretamente.*
14. *Sim... A discussão amplia perspectivas...*
15. *Sim. Meus amigos quando sabem que participei da disciplina me procuram para tirar dúvidas quanto às designações. É assim, consigo fazê-lo entender a pluralidade*
16. *Acredito que sim, pois o ser humano é acostumado a julgar, criticar e repudiar aquilo que não tem conhecimento e esse pré-julgamento acima de tudo é uma falta de respeito, então essa disciplina nos mostra o quão importante é respeitar e ter empatia pelas pessoas.*
17. *Sim, pois independe de fazer parte do meio ou não, se alguém cursa a disciplina com vontade de desconstruir a ignorância, e realmente consegue, ou só está atrás de um conhecimento a mais, isso faz com que a disciplina colabore para que as pessoas que aprenderam algo dentro da mesma, e assim consigam passar para outras pessoas e assim por diante.*
18. *Sim, pois ela ajuda os/as estudantes a pensar sobre a diversidade de corpos, gêneros e sexualidades.*
19. *É um passo importante já que possibilita o acadêmico tirar suas dúvidas.*
20. *Sim. Porque a melhor forma de acabar com o preconceito é o conhecimento.*
21. *Sim, pois a partir do conhecimento adquirido pode haver tanto uma mudança no olhar do próprio aluno, assim como, instrumentalizar este para que possa trazer argumentos bem estruturados e fundamentados quando ao dialogar com outras pessoas ou ao fazer divulgação científica.*
22. *Sim, pois é capaz de traduzir um olhar diferenciado sobre a temática, gerando entendimento e empatia maiores.*
23. *Sim, por aborda temas de suma importância e grande reflexão que permitem diálogos que permeiem discussões sobre o respeito ao próximo seja ele da maneira que escolher ser.*
24. *Sim. A disciplina dá voz a todos, aos curiosos pelas temáticas, as pessoas que podem contribuir com suas vivências e assim o debate torna possível que quem antes tinha algum pré-conceito sobre algum assunto, pode reavaliar suas concepções e levar isso para seu meio, comunidade, etc.*
25. *Sim, pois obtive algumas informações e reconheço minha ignorância em determinados assuntos que foram abordados, considerando também que a disciplina trata de temáticas que por diversas vezes são consideradas "tabu". Portanto, considero um avanço o levantamento de questões acerca da temática Gêneros e Sexualidades dentro da universidade a fim de intencionalmente levar ao debate social.*
26. *Com certeza, pois ela esclarece muitos tabus com os quais crescemos. E nos elucida sobre importância de levar essa discussão para a sala de aula.*
27. *Sim, pois colaboraria para não ter tanta ignorância e falta de conhecimento acerca dos temas.*
28. *Sim, pois traz um panorama sobre assuntos que fazem as turmas pensarem e questionarem a questão de gêneros na sociedade*
29. *Sim, pois normalmente temos uma visão construída pela sociedade machista e patriarcal que vivemos, e desconstruir isto exige que possamos refletir e debater sobre esses assuntos e isso é realizado na disciplina.*
30. *Sim, porque discutir esses assuntos gera conhecimento sobre.*
31. *Sim, pois ela ajuda a reconhecer preconceitos que acreditamos não ter, bem como, a reconhecer a origem desse fenômeno.*
32. *Sim, uma vez que a disciplina se constitui de um espaço de debates, depoimentos e leituras. Embora já buscasse ler sobre essas temáticas, conheci nas aulas da disciplina uma série de termos, ideias, informações e sugestões de filmes e de livros que eu então desconhecia.*

33. *Sim, porque o conhecimento é tudo que se precisa para refletir e mudar seus comportamentos preconceituosos.*
34. *Sim, ensina respeito acima de tudo*
35. *Sim, porque traz conhecimento e possibilita a compreensão de assuntos sobre os quais a maioria das pessoas desconhece.*
36. *A disciplina auxilia no conhecimento dos estudantes sobre os conceitos de preconceito e homofobia.*
37. *Sim, muito! Pois ao termos compreensão da complexidade do assunto forma-se multiplicadores no combate ao preconceito*
38. *Sim, pois oferece um debate diversificado, respeitoso e pautado em pesquisas*
39. *Sim, pois é entendendo sobre determinados assuntos e temas que aprendemos a respeitar aquilo que nos é diferente.*
40. *Acho sim, porque quanto mais pessoas fizerem esta disciplina mais poderão compreender melhor as relações com identidades diversas que temos em nossa sociedade.*
41. *Sim, porque conhecer/debater sobre o tema ajuda a combater a discriminação, forma e empodera pessoas que lutarão contra essa discriminação de gênero.*
42. *Com certeza. Esclarecimento é a chave para o combate ao preconceito.*
43. *Sim, como disse anteriormente as pessoas tem preconceito porque não entendem. Quando ocorre um estudo as pessoas ao menos passam a respeitar*
44. *Sim, por abranger tantos temas tão relevantes*
45. *Com certeza, a partir da disciplina, pude conhecer novas nomenclaturas e também, conheci pessoas ao qual a nomenclatura é destinada. Dessa forma, obtendo o conhecimento, não fiz com que a pessoa se sentisse excluída ao obter o diálogo.*
46. *Sim, pois os temas das aulas levam a uma reflexão profunda dos problemas enfrentados na sociedade*
47. *Não tenho preconceito e não acredito que a disciplina possa mudar a cabeça de quem tem.*
48. *Sim. Considero que a disciplina pode esclarecer muitas questões que envolvem a constituição de identidade de cada sujeito e o quanto é importante reconhecer e respeitar as escolhas de cada um.*
49. *Sim, pois desmistifica e esclarece a respeito das questões de sexualidade e gêneros.*
50. *Sim, porque ela é uma forma de conscientização e informação.*
51. *Sim. Muitas vezes o preconceito vem acompanhado de uma falta de conhecimento. E quando não é por falta de conhecimento, pelo menos estaremos capacitados a debater e nos defender.*
52. *Sim muito, pois só nesta disciplina adquirimos conhecimento sobre o assunto.*
53. *Sim, pq podemos ver outras perspectivas e muitas vezes o preconceito está na "ignorância" das coisas*
54. *Sim, uma vez que aborda as temáticas de forma diretiva e bastante clara no sentido da aceitação das diferenças e do respeito.*
55. *Sim. Porque é esclarecedora, e dá o respaldo necessário que precisamos, de passar este conhecimento, dialogando e sabendo respeitar o outro com um olhar mais humano, e voltado para o nosso interior, trazendo a reflexão do bem que quero para mim, desejo ao meu próximo.*
56. *Acredito que sim. Porque é um espaço aberto ao diálogo de forma saudável em que todos tendem a estar dispostos a aprender algo com os encontros.*
57. *Sim, além das interações que pude realizar com outras pessoas, me possibilitou a refletir pois as discussões sobre gênero e sexualidade não tem sido contempladas nos cursos de pedagogia.*
58. *Sim, pois além de muito interessante ela fornece esclarecimentos sobre diversas temáticas as quais não teria acesso se não estivesse cursando a disciplina.*
59. *Sim, por que a partir do momento que conhecemos, começamos a respeitar apesar de ser difícil, por que muitos se ligam a religião.*
60. *Não, pois acho que ela não debate as diferenças ou os problemas em si. Adorei as aulas, mas achei elas mais no caráter informativo e os alunos dão muita opinião pessoal, o que atrapalha a aula e faz eles refletirem pouco sobre o tema (pois acham que sua opinião é unânime).*

61. *Sim! As discussões promovidas durante a disciplina possibilitam que haja (para os não versados nos assuntos tratados) uma reflexão acerca de atos e fatos cotidianos que envolvem o combate ao preconceito. Outrossim, a promoção de tais discussões permite a disseminação de tais reflexões nos mais diversos espaços.*
62. *Sem dúvida, pois conhecimento é o que nos liberta da ignorância*
63. *Sim, porque partilha informações e conhecimentos sobre gênero que são pouco conhecidas ainda*
64. *Com certeza, principalmente ao se tornar obrigatória.*
65. *Sim; uma abordagem mais ampla do cotidiano humano*
66. *A disciplina é a disseminadora de informação, conhecimento, e revisão de conceitos pessoais. Nos permite um momento de autorreflexão, de reflexão sobre nossas famílias e interação social. Certamente ela colabora para combater preconceitos.*
67. *Acredito que tem potencial para isso dependendo do aluno que se apropria desse conhecimento.*
68. *Sim, pois trata de uma forma bastante didática e abrangente (incorrendo na superficialidade, às vezes, por falta de tempo hábil para tratar e discutir apropriadamente) uma gama variada de temas e problemáticas existentes. E o contato e ciência dessas temáticas é o primeiro passo para a superação do preconceito.*
69. *Com certeza! O conhecimento leva ao respeito.*
70. *Sim, pois quando entendemos que algo é totalmente errado e que prejudica o outro pensamos mais antes de fazer*
71. *Sim... Somente o conhecimento pode combater o preconceito entre as pessoas.*
72. *Sim! O conhecimento é a melhor forma de sermos melhores.*
73. *Preconceito é uma barreira de ignorância. Entender o tema e compreender mesmo que minimamente como algo normal quebra essa barreira*
74. *Sim....*
75. *A disciplina concorre para o enfrentamento das violências produzidas pelo preconceito em todas as suas manifestações.*
76. *Muito potencialmente, uma vez que ao cursar a disciplina construímos um respaldo sobre o tema, fortalecendo nossos argumentos e nos dando mais liberdade para enfrentar o problema que é o preconceito no sentido de gênero e sexualidade.*
77. *Com certeza! Pois abre debate para temas que muitas vezes não são debatidos dentro e fora da escola.*
78. *SIM*
79. *Acredito que sim, porque as vezes muitas pessoas são preconceituosas por pura falta de conhecimento.*
80. *Sim, por que no meu ponto de vista o PRÉ – CONCEITO vem muito da ignorância das pessoas, então a partir do momento em que quebra-se esse véu entre patriarcado, binarismo, entre outros, realmente colaboraria nesse aspecto.*
81. *Claro que sim! Apesar de eu não ter preconceito, a disciplina me ajudou a entender todas as formas de viver o corpo e a sexualidade, algumas que eu sequer imaginava. Se colocar no lugar do outro é imprescindível para se ter respeito e empatia, e nisso a disciplina foi fantástica em ensinar.*
82. *Sim. As discussões que a disciplina traz são de suma importância para a nossa sociedade, considerando que tão feitas inteiramente de forma didática e sem pré-julgamentos. É um espaço seguro e acolhedor, em que se possibilita ouvir e falar e, além disso, aprender com as vivências alheias.*
83. *Sim, porque faz com que o conhecimento se dissemine em vários espaços e assim o preconceito pode ser revisto, repensado e problematizado em diferentes locais.*
84. *Com certeza, falar e refletir sobre as temáticas originam novos pensares.*
85. *Sim, pois de acordo com as aulas assistidas, aprendemos muitas formas de lidar com a situação do preconceito.*

86. *Considero que sim, é a possibilidade de desenvolver empatia e tentar compreender o que outros passam. Com isso, acredito que possamos minimizar os preconceitos.*
87. *Talvez sim, os debates e conversas auxiliam para reflexão e desconstrução de algumas opiniões.*
88. *Sim. Porque tudo que é discutido torna-se melhor compreendido.*
89. *Sim, pois as pessoas que estão principalmente se preparando para atuar em cursos de licenciatura devem ter conhecimento sobre a temática e se permitir conhecer e vivenciar discussões sobre para deixarem um pouco a visão que muitos constroem sobre esse assunto.*
90. *Sim, porque costuma-se ter medo do que não se conhece. Vivemos em uma sociedade que mata, e/ou não reconhece os direitos da população brasileira. Sendo esse um país composto em sua maioria, dentre outras características, por diversas mulheres (indígenas, negras, cis, LGBTQs, etc)*
91. *Sim, a compreensão e o estudo vêm para quebrar barreiras.*
92. *Talvez. Acredito que existam preconceitos que estão cristalizados.*
93. *Sim, pois acredito que a sociedade ainda tem preconceito, é a disciplina nos remete a refletir tal conceito.*
94. *Sim. Além da teoria, foram trazidos casos reais na sala de aula, seja por vídeos ou falas de colegas. Isso nos mostra como a violência de gênero funciona na prática e ensina a termos empatia.*
95. *Sim. Pois somente após discussões é que podemos entender a diversidade*
96. *Sim, a falta de conhecimento faz com que as pessoas acreditem que a forma como vivem é única, desconsiderando a diversidade social.*
97. *Sim, pois é importante que conheçamos o tema*
98. *Sim! Pois com mais conhecimento as pessoas são capazes de superar seus preconceitos.*
99. *Bastante! A disciplina abre um leque de esclarecimento onde o educando desperta o interesse pela mesma. A disciplina é envolvente.*
100. *Sim ela me fez pensar e analisar melhor estas situações.*
101. *Sim. A mesma ajudara à desmistificar as fantasias sociais*
102. *Quem optar para fazer a disciplina é quem não tem preconceito, se tomar obrigatória estaria em conflito com quem pensa diferente, não acredito que mudaria o pensamento pronto que quem traz isso na sua criação te formado.*
103. *Sim, amplia os horizontes.*
104. *Uma das maiores fontes do preconceito é o desconhecimento. Muitas pessoas criam estereótipos e assumem para si como verdades absolutas. A partir do momento em que estudamos sobre a infinidade de possibilidades de comportamentos e sobre a complexidade humana, aprendemos a naturalizar processos que poderiam ser alvo de preconceitos.*
105. *Sim, porque esclarece sobre o assunto evitando constrangimentos nos espaços da universidade e fora dela também.*
106. *Sim, conhecimento*
107. *Sim, com certeza pois esta disciplina esclarece e rompe tabus.*
108. *Muito. Amplia conhecimento, e conhecimento é riqueza de saber para ser compartilhado em todos os âmbitos.*
109. *Pode. A disciplina contém assuntos que muitos ignoram*
110. *Sim, sem dúvida.*

Figura 21 – Situações que os/as estudantes identificam a presença dos temas que a disciplina se propõe a problematizar



Fonte: Autoria própria, 2019.

Pergunta 15: Qual ou quais módulos da disciplina foi/foram mais significativo/s para sua formação, Módulo Diversidade, Módulo Gêneros, Módulo Corpos, Módulo Sexualidades? Por quê?

1. Todos
2. Módulo Gêneros
3. Módulo gênero, pois me fez entender mais
4. Todos. Porque me abriu um leque de informações e humanismo, que só vieram a acrescentar no meu entendimento, conhecimento e desempenho profissional.
5. Todos foram bastante significativos, pois leva a uma reflexão e um conhecimento maior dessas temáticas.
6. Eu particularmente amei todos os módulos, mas o que mais me chamou atenção foi o módulo corpos.
7. Gêneros e corpos.
8. De forma geral, todos, pois foram bastante esclarecedores no que foi proposto.
9. Módulo gênero, pois muitos aspectos eu desconhecia ou não entendia muito bem.
10. Todos
11. Todos os módulos foram maravilhosos e significativos. Trouxeram um olhar novo em relação a muitos assuntos que eu desconhecia.
12. Todos os módulos contribuirão para o meu conhecimento e enriquecimento pessoal/intelectual.
13. Todos, porque de cada módulo consegui tirar conhecimentos importantes para a minha formação.
14. Por se tratarem de temáticas que gosto bastante e que se veem inclusas na minha pesquisa de mestrado, os módulos Gêneros e Sexualidades foram aqueles mais significativos para minha formação, apesar de não descartar a importância e as inquietações criadas em mim pelos outros dois módulos que compunham a disciplina.
15. Corpos, pois discutem se aspectos que me tocaram mais.
16. Gênero. Minha área de pesquisa
17. Corpos

18. Todos de certa forma foram importantes para agregar conhecimento
19. Acredito que todos tenham colaborado positivamente.
20. Todos os módulos foram importantes, pois eram algo do meu interesse em saber mais sobre essa temática.
21. Módulo sexualidade, porque é em geral o mais significativo para entender muitos medos e traumas que alguns acadêmicos passaram em suas vidas.
22. Módulo corpos, porque me fizeram refletir sobre mim mesma de forma a me pensar como sujeita assujeitada a cultura do lugar onde vivo.
23. Todos foram igualmente importantes
24. Todos, pois muitos assuntos não haviam sido tratados em outras disciplinas do meio acadêmico.
25. Módulo diversidade.
26. Todos
27. Gêneros, pois podemos discutir a cerca de temáticas que discutem sobre diferenças que implicam em detrimento de outrem apenas pelo fato de ser mulher e/ou homem.
28. Acredito que todos, pois em todos aprendo muito E na maioria dos casos assuntos os quais eu pouco conhecia ou desconhecia completamente. Foi muito importante para expandir minha mente e poder enxergar o outro.
29. Módulo Gêneros, por dialogar com as questões que mais conheço. No entanto, todos os módulos foram muito interessantes de serem discutidos.
30. Módulo diversidade, pois meu curso, e em específico o trabalho que desenvolvo dentro dele, abrange mais esse módulo do que os outros. (Vale ressaltar que no curso tbm tem uma demanda de pesquisa no que diz respeito aos outros módulos, porém não foi a temática que me propus a estudar)
31. Módulo corpo
32. Já faz um bom tempo que cursei, realmente não me lembro de muita coisa.
33. Módulo diversidade. Por ampliar o conhecimento do tema e elucidar que a construção social tem na diversidade um alicerce.
34. Acredito que todos os módulos foram relevantes. Ainda assim, creio que o módulo corpos me marcou bastante, pelas discussões sobre padrões de beleza e práticas bioascéticas.
35. Não sei dizer.
36. Diversidades, porque já institui a temática do curso e orienta
37. Acredito que todos, porque dialogam.
38. Os temas sobre homofobia e homossexualidade foram importantes no decorrer da disciplina.
39. Módulo gêneros
40. Módulo Gêneros por apresentar alguns pressupostos teóricos sobre o tema.
41. Módulo diversidade, pois é a partir dele que venho desenvolvendo minhas produções acadêmicas onde trabalho sobre artefatos culturais, em especial quadrinhos e desenhos animados, enquanto espaços educativos que formam e transformam o pensamento social das crianças.
42. Sem dúvidas o módulo corpos, pois eu sempre fui gorda, e não me aceitava, a partir da disciplina pude me perceber como uma pessoa maravilhosa da maneira que sou, que não tenho que estar nos padrões de beleza da sociedade para ser feliz.
43. Todos por igual.
44. Na verdade, tudo que foi visto na disciplina eu já havia lido bastante a respeito. Eu buscava aprofundamento na teoria queer qdo cursei.
45. Não houve uma mais significativa que outra
46. Não tem um específico, na verdade gostei de todos.
47. Todos os módulos foram importantíssimos! Através do estudo, conheci fatores que eu nem fazia ideia que existiam.
48. Todos os módulos, pois a discussão dos mesmos, levaram uma discussão abrangente
49. Gostei de todos

50. *Todos. Pois estão presentes no nosso cotidiano e reconhecê-los nos auxilia a compreendermos e respeitarmos as diferenças. –*
51. *Todos, pois são dimensões importantes de serem estudadas.*
52. *Módulo gêneros, porque me ajudou a compreender melhor o que é identidade de gênero.*
53. *Todos. Um complementa o outro*
54. *Todos. Porque não tinha conhecimento suficiente sobre nenhum módulo.*
55. *Todos os módulos foram muito importantes para mim*
56. *Todos os módulos tiveram a mesma relevância pois todos eles tratam de aspectos da vida e comportamento humanos e, portanto, são de muito valor a um psicólogo.*
57. *Todos. Por uma infinita série de razões.*
58. *Todos foram importantes. Mas os de diversidade e sexualidades me envolvi mais.*
59. *Módulo Corpos.*
60. *Gêneros, porque esclarece dúvidas que tinha a respeito das identidades de gênero.*
61. *Acredito que todos foram importantes, por que cada um tem suas peculiaridades.*
62. *Faz tempo que fiz a disciplina, mas as questões de gênero foram mais impactantes. Mas não sei explicar se pelo fato dos outros assuntos serem debatidos em paralelo ao gênero e diversidade, ou se pelo fato de ser o assunto que eu menos conhecia.*
63. *Diria que foram mais significativos os módulos "gêneros" e "sexualidades" devido a estes dois eixos já serem as linhas que sigo em pesquisa.*
64. **TODOS OS MÓDULOS**
65. *Todos foram significativos. Acredito que a disciplina está muito bem distribuída e todos os módulos são importantes*
66. *Acredito que todos os módulos foram importantes.*
67. *Corpos; ampliaram meu olhar sobre as alterações na pós modernidade*
68. *Módulo gêneros, eu tinha pouquíssimo conhecimento na área.*
69. *Acredito que todos foram de essencial importância pois uns colaboram com os outros, mas eu destacaria o Módulo Sexualidade pois para mim é o que reúne os temas dos demais tendo o enfoque nas relações mais diretamente.*
70. *Acredito que os módulos gêneros e sexualidades, pois envolveram, respectivamente, a análise reflexiva e crítica de obras de arte (no meu caso, um filme que sempre gostei e nunca tinha visto com o olhar problematizador, o que abre um outro mundo), e a construção e sistematização de um tema de interesse (no meu caso, a assexualidade), o que me proporcionou sistematizar e pesquisar academicamente vivências e sentimentos pessoais que nunca cheguei a explicar às outras pessoas. porém, os outros módulos não foram menos importantes, pois me fizeram voltar o olhar crítico ao meu próprio curso (módulo diversidade, em que foi pedida a análise do DCN e do PPP do curso), e analisar de forma mais sistemática a produção dos corpos na sociedade (módulo corpos, em que produzi um trabalho sobre a Marilyn Monroe/Norma Jeanne, perpassando objetificação midiática do corpo feminino).*
71. *Todos são importantes e trazem conhecimento, tanto do outro quanto de nós mesmos.*
72. *Modulo corpos*
73. *Módulo gêneros, pois me trouxe muito conhecimento teórico sobre as concepções de gêneros e sua construção social, nas quais eu tinha um pouco de dificuldade em entender.*
74. *Módulo corpos, módulo gêneros*
75. *Modulo Gênero*
76. *Todos os módulos, dentro das especificidades abordadas, contribuíram efetivamente em nossa formação.*
77. *Todos os módulos, não consigo distinguir a importância de cada um deles, sequer citar um com maior significância.*
78. *Módulo diversidade pois é bem amplo*
79. **TODOS**
80. *Todos os Módulos tiveram sua importância de alguma forma na minha vida, pois com eles aprendi e entendi um pouco mais sobre diversos assuntos.*

81. *Módulo diversidade, por que se tratava de um conteúdo mais introdutório que me auxiliou a entender as demais perspectivas.*
82. *Olha, para mim todos foram formadores e edificantes*
83. *Módulo Gêneros. Particularmente, estou muito ligada às temáticas acerca da mulher, do que compõe o feminino e o que constrói o estereótipo do "que é ser mulher?", além do próprio movimento feminista e a luta diária contra o machismo e a misoginia.*
84. *Módulo Corpos, pois, o meu trabalho de conclusão de curso discorria sobre essa temática.*
85. *Eu gostei muito de gênero porque já nos insere na temática e nos faz ser pertencentes a causa.*
86. *Módulo diversidade, pois é um assunto onde podemos trabalhar as diferenças que encontramos pela frente, visto que as mudanças acontecem a toda hora, estamos que estar prontos para lidar com as diferenças.*
87. *Módulo Gênero, ampliou meus conhecimentos.*
88. *Todos os módulos. Porque todos são importantes.*
89. *Módulo gênero, pois me possibilitou trazer em um trabalho que realizei, uma discussão sobre a mulher negra e como ele é vista e tratada na sociedade.*
90. *Módulos Diversidade e Gêneros. Porque foi aonde eu estabeleci várias conexões com as minhas vivências enquanto mulher.*
91. *Módulo Gêneros, pois não tinha conhecimento das várias nomenclaturas da sociedade.*
92. *Gêneros*
93. *Todos, pois todos são relevantes.*
94. *Acredito que todos foram igualmente importantes.*
95. *Modulo diversidades*
96. *Módulo Diversidade*
97. *Todos, pois um complementa o outro*
98. *Gêneros, pois depois se tornou objeto de minhas pesquisas na pós-graduação.*
99. *Todos os módulos foram significativos. Módulo Corpos, foi bem envolvente devido ao trabalho de entrevistas que apresentei.*
100. *Para min, foram todos de muita relevância.*
101. *Todos*
102. *Gostei dos vídeos apresentados, discursões onde reforçam o quanto ainda existem gente preconceituosa, a gente nem faz ideia.*
103. *Todos os módulos tiveram sua relevância*
104. *Acredito que todos foram importantes. Saber sobre o guarda-chuva de possibilidades, sobre os três tipos de identificação: sexo/gênero/sexualidade, saber que podemos assumir determinados rótulos, mas devemos estar conscientes da flexibilidade da mente humana e da imprevisibilidade também.*
105. *Módulo gênero esclareceu a preferência de cada um.*
106. *Todos*
107. *Todos, pois um completa o outro*
108. *Nem um mais, ou outro menos. Todos são de extrema importância.*
109. *Módulo Corpos. Pois a ditadura estética oprime e traz infelicidade.*
110. *Diversidade*

Pergunta 16: Algum assunto trabalhado na disciplina foi mais significativo para você?

Qual? Por quê?

1. *Todos*
2. *Não*
3. *Todos foram significativos.*
4. *Violência contra a mulher, pois após pesquisar e verificar os números na cidade de Rio Grande foi um choque de realidade.*

5. *Com certeza. Módulo gêneros. Pelo desrespeito, incompreensão, falta de amor e Grosso preconceito, que tenta relutante, distorcer a realidade da vida.*
6. *No que diz respeito a gêneros, pois era uma pessoa totalmente ignorante a esse respeito. Tornando essencial na minha formação como docente.*
7. *Não*
8. *Sobre o feminismo e suas vertentes, na qual o professor exemplifica que homens podem se afirmar feministas, questionamos e debatemos muito sobre o assunto. Sim*
9. *Sim. A Teoria Queer. Porque eu tinha pouca informação sobre o assunto.*
10. *.*
11. *Todos*
12. *Acredito que as abordagens dentro do módulo de sexualidade foram muito interessantes, pois quebraram aquela ideia que falar de sexualidade é falar de sexo.*
13. *O assunto que considero bastante significativo foi sobre a violência contra a mulher, e também as diferenças de gênero.*
14. *Adorei fazer o seminário final, porque foi o momento que pude falar sobre o que me toca, todos os assuntos foram importantes, mas como eu não vivencio as problemáticas, eram temas que eu não vivenciava, mas ao poder falar sobre o papel da mulher na sociedade atual, pude expressar minhas vivências, minhas angústias.*
15. *Por trabalhar bastante com as questões de gênero, geralmente acabo também realizando leituras referentes aos diversos feminismos, portanto, foi muito interessante para mim e, de certa forma, de grande ajuda, ter testemunhado o percurso traçado em sala de aula acerca da constituição do feminismo como movimento e, por conseguinte, acerca das diversas ramificações que hoje tornam o mesmo interseccional.*
16. *Modificações corporais.*
17. *Sim. Masculinidades. É um tema pouco discutido em outros ambientes.*
18. *Eu não entendia como uma pessoa podia não se identificar no corpo que nasceu. Consegui entender com relatos e diálogos*
19. *Gostei muito do tema feminicídio apesar de ser um fato infelizmente comum, me faz refletir sobre o porquê uma mulher permanece em um relacionamento abusivo, considerando o fato de que o feminicídio é consequência de uma relação desse tipo. Não estou querendo dizer que a vítima é culpada de forma alguma, até porque em alguns casos ela recebe a proteção judicial e está no meu entendimento não oferece 100% de tranquilidade e segurança para a mulher.*
20. *Corpos por estar diretamente ligado com a Educação Física, mas na realidade todos foram significativos.*
21. *Sim, a transexualidade, pois era algo que me causava questionamentos, com a disciplina pude perceber que era com essa temática que eu gostaria de trabalhar na pós-graduação.*
22. *Acredito que o Seminário de Encerramento, pois ali tivemos muitas experiências trocadas no momento das apresentações.*
23. *Todos foram significativos*
24. *Gostei muito dos seminários finais.*
25. *Gêneros, pois até então desconhecia a amplitude do assunto. A disciplina foi bastante esclarecedora.*
26. *Gostei de todos os assuntos, não lembro de nenhum em especial.*
27. *Corpos, pelo conhecimento de outras culturas*
28. *O entendimento sobre as diversas nomenclaturas que existem entendendo um pouco sobre cada uma delas.*
29. *Acredito que sobre as pessoas trans. Porque até então eu não sabia muito bem o que significava.*
30. *Acho que discutir corpos foi significativo para realmente ampliar a visão sobre esse assunto. Não só se mantendo na discussão de gordofobia, mas também como a contemporaneidade contribui para outras concepções de corpo (ciborgue, etc).*
31. *Não um em específico, mas o debate geral sobre se pensar diversidade cultural, corporal e de gênero*

32. *Quando analisemos os discursos construídos nas mídias e meios de comunicação sobre o que é dito feminino ou masculino, pois podemos repensar certos discursos que produzimos sem ao menos fazer uma reflexão sobre o que o mesmo de fato quer dizer*
33. *A disciplina como um todo tem um valor significativo muito grande, de modo geral, pelos assuntos abordados.*
34. *Atualização sobre as questões de gênero, pois minha visão era muito limitada.*
35. *Além das discussões do módulo corpo, também me marcou uma aula sobre violência sexual e infância, uma vez que estava cursando uma licenciatura e, como futuro docente, sentia-me despreparado para lidar com essas questões no âmbito escolar.*
36. *Papéis de gênero, porque é importantíssimo, tanto para as mulheres quanto para os homens que esse padrão se quebre. O machismo e a misoginia precisam acabar.*
37. *Nenhum em específico, destaco a relação entre todos eles e a forma como foram abordados, fazendo com que entendêssemos suas aproximações e singularidades.*
38. *O tema homossexualidade amplia mais os conhecimentos dos estudantes.*
39. *Feminismo! Entendi o quanto eu era oprimida e oprimia as mulheres sem saber, somente reproduzindo discursos de senso comum.*
40. *Todos os assuntos que tocavam a fase da infância, pois não tinha dimensão dos trabalhos educativos propostos para determinadas faixas etárias.*
41. *Acredito que todos, pois dentro da interseccionalidade é difícil falar de um tema sem excluir outro, pois todas as variáveis são possíveis para compreender o todo das organizações sociais.*
42. *Tanto as temáticas relacionadas aos corpos quanto as relacionadas com identidade sexual, pois pude me compreender melhor.*
43. *Todos.*
44. *Foram igualmente significativas*
45. *Sexualidade*
46. *Acredito que tudo que foi trabalhado na disciplina, foi importante, não sei dizer ao certo qual foi mais significativo.*
47. *Quando falamos sobre corpos, pois são questões que me atravessam mais profundamente*
48. *Todos os tópicos foram de extrema importância, pois o machismo é estrutural e é importante detectá-lo para refletir a posteriori.*
49. *O abuso, porque eu vivenciei e não havia me dado conta, foi um processo longo até reconhecer.*
50. *Não sei se significativo é o adjetivo correto, mas o que mais me chamou a atenção foram as formas de abordagem infantil. Como futura pedagoga me preocupo muito sobre qual a forma correta de abordar assuntos como sexualidade com crianças.*
51. *Todos os assuntos trabalhados.*
52. *Pornografia foi um assunto com o qual eu trabalhei no seminário final, nunca tinha refletido sobre, então foi muito significativo*
53. *Os assuntos acerca de gênero, de certa forma, foram mais significativos uma vez que se relacionam diretamente com as minhas vivências, por ser mulher em uma sociedade sexista e machista.*
54. *Todos tiveram o mesmo valor. Não consigo imaginar, minha mente bloqueada, por falta de informação.*
55. *Não houve um que tenha sido mais ou menos, mas as aulas sobre sexualidade me fizeram repensar várias questões pessoais*
56. *Erotização Infantil, pois percebo que existe verdadeiramente e isso acaba com a infância que é um direito da criança.*
57. *Gêneros e sexualidades*
58. *Todos, por que antes da disciplina sabia pouco.*
59. *Acho que tudo que foi debatido foi importante. Eu busquei a disciplina para conhecer os termos, e ela atendeu minhas expectativas.*
60. *Sim! A abordagem da Teoria Queer com a exposição das teorias butlerianas possibilitou um melhor esclarecimento a respeito do assunto.*
61. **DIVERSIDADE**

62. *Gostei muito dos seminários finais, pois abordaram assuntos diversos, que na maioria desconhecia*
63. *Todas as temáticas foram significativas.*
64. *O corpo "ciborgue"*
65. *Todos os assuntos foram marcantes. Em especial às aulas que trataram de identidade de gênero.*
66. *Não sou capaz de eleger apenas um assunto.*
67. *A inclusão da teoria queer no conteúdo programático, porque além de ser recente, acredito ser um tema muito importante de ser, no mínimo, exposto.*
68. *Módulo de gêneros, que trouxe descobertas sobre o meu próprio ser*
69. *A discussão feminista*
70. *Gêneros, pois percebi que desconhecia muito sobre esse assunto.*
71. *Todos! A cada aula podíamos compartilhar acontecimentos pessoais e foi extremamente enriquecedor.*
72. *Transsexualidade*
73. *Não*
74. *Todos os assuntos foram significativos*
75. *O trabalho de pesquisa e produção (não é assunto, mas foi a prática pedagógica adotada), foi propulsora de importantes reflexões, permitiu fazer uma auto avaliação de como enxergamos o tema antes das discussões instigadoras e como passamos a enxergar no momento que temos que fazer a pesquisa e como os diversos resultados encontrados nos fazem refletir profundamente e individualmente antes de apresentarmos em grupo durante a disciplina.*
76. *O papel da mulher e do homem na sociedade*
77. *TODOS*
78. *Sim, acho que quando tratávamos das questões LGBTQs foi bem significativo, então eu pude entender mais como elas/eles se sentem e pelo o que passam durante a vida.*
79. *O trabalho final, que era uma apresentação fez refletir em demasia sobre a sociedade a qual vivemos.*
80. *Teve um trabalho que eu precisava falar sobre assexuais. Meu marido era meu colega de aula. Foi interessante ler/escrever sobre pessoas que são casadas como nós mas optaram por não manter relações sexuais. No início, ainda sem leitura, falávamos um para o outro "deve ser fruto de trauma" ou "será que ambos são felizes assim?". E são! Após o trabalho, em síntese, aprendemos que não é a sua interpretação de mundo que define o mundo.*
81. *Basicamente todos os trabalhos foram significativos por me permitirem trazer minha subjetividade.*
82. *Não sei.*
83. *Todos foram muito importantes, relevantes e me constituíram ainda mais humana*
84. *Todos para mim foram de grande importância, pois traziam assuntos tão abrangentes para lidar e para o nosso conhecimento.*
85. *Gostei muito dos trabalhos no final da disciplina, foram abordados vários assuntos, mas gostei do Sexting, por se tratar de um assunto atual.*
86. *Feminismo negro e transsexualidade. Eram assuntos que pesquisava antes, e acredito ter me aprofundado um pouco mais nessas temáticas.*
87. *Todos*
88. *Todos assuntos foram de extrema importância, pois me possibilitaram ampliar a visão sobre a temática.*
89. *A palavra, ou melhor, o conceito "desconstrução" permaneceu em meus pensamentos e reflexões até hoje (2019).*
90. *Os diferentes tipos de agressão corpo*
91. *Todos.*
92. *Todos para mim foram significativos.*
93. *A questão da transexualidade. Porque é tão pouco falado.*
94. *Diversidade*

95. *Acredito que a disciplina como um todo, faz com que percebemos o outro como diferente, acho que o principal aprendizado é o de respeito e que cada um tem direito de viver como quiser, desde que não afete nem o espaço do outro.*
96. *O empoderamento das mulheres*
97. *Cisgêneros e transgêneros, pois depois utilizei na pós-graduação os conhecimentos adquiridos.*
98. *Todos os assuntos tiveram o seu peso de igualdade, mas o Módulo Diversidade ajudou a entender o diferente, e ter um olhar sobre a riqueza da diversidade.*
99. *Sexualidade e uma visão a partir do outro.*
100. *Todos*
101. *Pensei que não entrariam no preconceito contra os idosos, no meu serviço escuto comentários de algumas colegas sobre os idosos, e intimamente me pergunto se fosse parente delas, ou mesmo quando chegarem nesta idade, vão gostar de ser vistas como estorvo e incapaz, muito triste ouvir tais comentários.*
102. *Sexualização infantil.*
103. *Um assunto que me marcou foi o "quando você descobriu que era homem?". Sempre assumimos para nós determinados rótulos como naturais, mas quando as pessoas se autodescobrem por não fazerem parte do núcleo homem/branco/hetero/cis/cristão isso é uma descoberta. Para quem se encaixa nesse perfil nada é questionado.*
104. *Filmes,*
105. *Gênero*
106. *Todos, principalmente o de violência, pois é o que mais está à margem da sociedade.*
107. *Gêneros e os conceitos.*
108. *Sobre o machismo imposto sobre a mulher. Eu pude usar um filme do cinema brasileiro para meu trabalho na disciplina que falava de uma mulher à frente de seu tempo, se chama "Paraíba Mulher Macho, com a Tânia Alves.*
109. *Diversidade, acho que é a base, respeito, compreensão.*
110. *Todos*

Pergunta 17: Depois que você fez a disciplina percebeu mudanças nos seus entendimentos em relação às temáticas discutidas? Por quê?

1. *Sim.*
2. *Sim*
3. *Creio que sim, mesmo sendo "cabeça aberta" todo conhecimento sobre o outro é fundamental para evitar desentendimentos*
4. *Sim. Passei a amar mais o ser humano, e compreender ainda mais o tamanho da necessidade de inovar a maneira de ver, olhar e pensar sobre o meu próximo. Praticando e aplicando tudo que tive oportunidade de aprender com esta disciplina.*
5. *Com certeza! A maneira de ver as coisas como são e como saber se comportar diante dessa diversidade de gêneros e sexualidades.*
6. *Sim*
7. *Sim. Porque nunca sabemos o suficiente é necessário agregar conhecimento.*
8. *Sim. Porque a gente pensa que é desconstruídx mas isso é um processo que não tem fim.*
9. *.*
10. *Sim, mas muitas coisas eu já sabia*
11. *Sim, e muito! Mudei várias atitudes e coisas ditas no dia a dia que nem percebíamos o quanto é preconceito. Mudei meu modo de pensar em agir em muitas coisas.*
12. *Sim, passei a me policiar e pensar na forma de abordar alguns assuntos sobre.*
13. *Na verdade, sempre me senti bastante esclarecidas sobre essas temáticas. A disciplina foi importante para firmar meus conceitos e aumentar meus conhecimentos para poder debater sobre eles com mais segurança em outros espaços.*

14. *Claro, principalmente com relação aos diversos procedimentos corporais realizados atualmente e, claro, também o conceito de corpo biossocial, que achei muito interessante, apesar de complexo, e que trouxe diversos olhares diferentes para a minha pesquisa. Outra questão que carrego comigo para os meus escritos atuais é a da ideia de multiplicidade unida à de diversidade, tomando o feminismo, feminismos, o corpo, corpos, e fazendo com que os gêneros não se bastem mais no binarismo e se expandam em direção à uma miríade de identidades.*
15. *Sim, pois aprendi alguns conceitos que não conhecia.*
16. *Sim porque a disciplina amplia nossa forma de perceber o mundo a nossa volta.*
17. *Sim, muito. Eu consigo dialogar com as pessoas sobre como fazê-la entender as diferenças entre gêneros e sexualidades*
18. *Sim em algumas situações percebo que modifiquei o modo de pensar e debater sobre alguns temas*
19. *De certa forma sim, por que agregou alguns conhecimentos que eu não tinha em teoria acadêmica, por exemplo.*
20. *Sim, pude ter ideias e desmistificar alguns tabus sobre a temática da transexualidade.*
21. *Eu já tinha esclarecimento sobre a temática, mas acredito que contribui muito para minha formação e visão sobre o tema*
22. *Sim! Antes não tinha muito conhecimento sobre essa área, a disciplina me abriu um leque de percepções sobre o outro. Me fez uma pessoa melhor.*
23. *Já possuía certa familiaridade com os assuntos, mas acredito que a cadeira contribui muito para que eu tivesse um melhor embasamento*
24. *Sim, notei olhar mais crítico às opiniões de massa e mais empatia com as pessoas.*
25. *Sim.*
26. *Sim*
27. *Sim, pois assim pude ter mais esclarecimento, tirando algumas dúvidas minhas o que foi e é válido para informar aos demais.*
28. *Com certeza, acredito que poder conversar sobre um assunto com propriedade de argumentos é muito importante.*
29. *Percebi que ampliei minha visão sobre os assuntos e pude conhecer novas leituras e visões sobre cada temática.*
30. *Sim, pois tive uma maior carga teórica no assunto*
31. *Sim, hoje tenho um conhecimento maior sobre as questões que foram levantadas no decorrer da disciplina e isso propicia que eu vá me desconstruindo sobre o que até então era entendendo como verdade.*
32. *Sim, vejo que hoje em dia sou mais aberta para conversar sobre o assunto. Antes era um problema, uma vergonha. A disciplina ajuda a popularizar essa informação.*
33. *Sim, pois me sinto mais apto, como profissional e ser social, a lidar com questões cotidianas como a transexualidade.*
34. *Sim. Embora seja um homem gay, percebi diante da disciplina que pouco conhecia sobre outras identidades de gênero e sexualidades, sobre feminismo(s) e sobre as possibilidades que um professor tem para abordar esses temas em sala de aula.*
35. *Eu já costumava ter contato com esses temas, então não teve tanto impacto, mas sempre nos acrescenta algo.*
36. *Muitos, se eu tinha algum preconceito com a questão se desfez e fez relativizar muitas ações*
37. *Sim, a disciplina trouxe mais compreensão sobre essas temáticas que socialmente são tão complexas.*
38. *A disciplina auxiliou no entendimento de vários assuntos sobre gênero e sexualidade.*
39. *Muito! Fui me apropriando do feminismo e comecei a me respeitar mais e respeitar mais a todos.*
40. *Sim, principalmente sobre as questões que envolvem sexualidade e a infância.*
41. *Sim, pois a partir dela adquiri além de um senso crítico em relação às temáticas abordadas, também pude mudar determinadas ações e discursos reproduzidos por mim.*

42. *Com certeza, me despi de muitos preconceitos enraizados pelo senso comum imposto pela sociedade, a criticidade com a qual consigo analisar as situações é outra graças a disciplina.*
43. *Fiquei mais consciente da diversidade de gênero e de como ela é afetada no dia a dia numa sociedade binária, além de perceber/sentir o quanto isso infelicitava a todos nós, dificultando, e em alguns casos até impedindo, uma convivência harmoniosa, gerando doenças e tristeza.*
44. *Não. Eu já tinha estudo sobre as temáticas.*
45. *Não, para um gay, lésbica, bi a disciplina pareceu bem sucinta, sem muito no que agregar, na época me lembro de ter pensado isso e outro colega gay que também fazia a aula concordou. Percebemos que para pessoas hetero é uma boa aula introdutória*
46. *Sim, comecei a analisar mais, e tentar respeitar o outro.*
47. *Percebi muito, agora consigo conversar com pessoas trans, por exemplo, sem fazer com que a pessoa tenha que me explicar algo sobre sua orientação ou sexualidade.*
48. *Sim, pois foi muito importante ouvir opiniões e reflexões diferentes*
49. *Não, pois não tenho preconceito de modo algum, porém achei interessante e bem produtivo.*
50. *Sim, rompi com o preconceito com relação a drástica mudança que algumas pessoas optam por fazer em seus corpos. São formas de expressão e escolhas.*
51. *Complementou, pois eu já vinha acompanhando o assunto na rádio FURG (programa Paralelo 30)*
52. *Sim, porque quando eu tentei passar a informação que aprendi para outras pessoas.*
53. *Sim, tenho mais confiança em falar da temática.*
54. *Sim totalmente, pois o conhecimento adquirido nas aulas trouxe uma visão mais apurada sobre os temas.*
55. *Não muito, pq eu já possuía uma base sobre o assunto*
56. *Sim. Ainda que já possuísse um olhar atento e voltado para as temáticas da disciplina, percebi que assuntos trazidos no módulo Corpos me haviam passado despercebidos, como se não fossem tão relevantes e isso é um equívoco uma vez que constituem um campo de grandes conflitos na relação humana consigo e com os outros e apresentam aspectos extremamente adoeceadores.*
57. *Sim. Aprimorei o princípio base, do conhecimento que já trazia da minha educação de familiar.*
58. *Sim. Principalmente por logo depois ter a disciplina de estágio e conseguir ver várias questões na prática e cotidiano escolar.*
59. *Sim, muito, através do curso pude entender o que é ideologia de gênero que muitos falam, mas poucos tem conhecimento sobre o assunto além de problematizar muitos outros assuntos relacionados.*
60. *Sim, mais em relação a minha visão e pré-julgamentos que anteriormente existiam.*
61. *Em relação a "classificação" e o que é gênero ou orientação sexual sim. Pois aprendi o que cada termo significa.*
62. *Sim*
63. *Sim. Embora já pesquisa a respeito dos assuntos, as discussões também permearam assuntos relativos à área da educação. Sendo assim, possibilitando reflexões acerca dos diversos espaços educativos e como os mesmos influenciam na construção de saberes relativo aos temas da disciplina.*
64. *Sim, pois nos ensina ser mais empático na nossa vida profissional, pessoal, acadêmica e cotidiana.*
65. *Sim, porque obtive informações que desconhecia*
66. *Sim. Ao tomar conhecimento dos estudos culturais e de gênero e de autores que pesquisam a partir desta perspectiva pude desconstruir entendimentos prévios e equivocados que tinha.*
67. *Sim; ampliaram minha visão sobre a necessidade de estudo mais aprofundado do tema.*
68. *Algumas mudanças já reconheci, outras acredito que preciso de mais base teórica e exposição aos temas para colocar em prática.*
69. *Sim, aprendi muito, principalmente em relação ao tratar com pessoas cujas identidades de gênero nos deixam confusos quando na tentativa de referir-se a determinada pessoa, e também ao dirigir-se diretamente à pessoa.*

70. *Mudanças de fato não posso afirmar, pois já tinha um pé nesse universo. Porém, me abriu o leque de possibilidades, principalmente acadêmicas sobre esses temas.*
71. *Sim, compreender os conceitos ajuda a por eles em prática*
72. *Sim*
73. *Sim, pude entender melhor sobre certos assuntos estudados.*
74. *Sim! A cada aula fui mudando minhas concepções e sempre estou em busca de aprender mais.*
75. *Sim, me aprofundei nos temas e busquei mais informações em relação aos assuntos discutidos*
76. *Sim...reflexão*
77. *Após a disciplina percebi mudanças que, para além de meus entendimentos em relação à temática, me transformaram neste homem que hoje se sente livre, de direito e de fato.*
78. *Imensamente, antes da disciplina não tinha noção de muitos problemas sociais que não havia encontrado até fazer as leituras e discussões em sala de aula. Muitas vezes não somos nós que sofremos com as problemáticas do tema, e muitas vezes tampouco convivemos com pessoas que sofrem. Acredito que a demanda do curso ainda seja de pessoas previamente interessadas ou impactadas pelos assuntos tratados na disciplina. Me inscrevi por incentivo de amigos/conhecidos e depois de cursar pude "me colocar no lugar" de pessoas que vivenciam as dificuldades sobre gênero e sexualidade, e isso foi superimportante para minha formação pessoal e como professor.*
79. *Muito! Eu tinha uma ideia muito fechada sobre vários temas... a faculdade em si me fez pensar e problematizar diferentes temas!*
80. *SIM*
81. *Sim, porque passei a entender, pelo menos um pouco, pelo o que as pessoas passavam e hoje eu tenho mais conhecimento em diversos assuntos então posso debater e argumentar sobre esses assuntos discutidos com mais conhecimento.*
82. *Com certeza, por exemplo a questão queer me auxiliou muito a entender as diversidades que existem. Além disso, as histórias dos movimentos feminista e como ele trouxe a discussão de gênero foi, é essencial na minha formação como pesquisador.*
83. *Sim. Como dito antes, entender para ter empatia e respeitar é fundamental.*
84. *Não necessariamente uma mudança, mas sim um aprofundamento.*
85. *Sim, pois, a disciplina ajuda a entender alguns conceitos que antes eram nebulosos.*
86. *Hoje falo com propriedade sobre a temática, tenho argumentos, explicações e posso desenvolver bem quando me deparo com uma relação preconceituosa.*
87. *Sim, porque muitas coisas ainda eram vistas como um tabu e não eram discutidas para esclarecimentos.*
88. *Sim. Pois me oportunizou maior entendimento.*
89. *Compreendi que é interessante estudar teoricamente os feminismos (feminismos no plural porque entendo que existem várias mulheres com demandas próprias de luta, especificidades e infelizmente, algumas mulheres se encontram em um local mais privilegiado que outras.) e sem esses estudos acredito que não teria visto essa diferença logo no início da graduação, que foi quando eu estava participando da cadeia. Então posso dizer que sim.*
90. *Sim. Porque descobri que não sabia quase nada sobre este assunto*
91. *Sim, pois muitas das minhas próprias atitudes foram repensadas a partir das discussões realizadas na disciplina.*
92. *Sim, procurei investigar mais sobre o movimento feminista - suas linhas de pensamento, aonde que eu me encaixava no meio de toda aquela produção teórica, como podia auxiliar na luta das minhas amigas (negras, LGBTQs...).*
93. *Mais compreensão e mais respeito.*
94. *Sim. Porque há toda uma diversidade e conhecemos só uma parcela.*
95. *Sim, pois acredito que todos temos direito a ser felizes, independente da opção sexual.*
96. *Sim, pois adquiri conhecimentos que me fizeram enxergar de outras formas.*
97. *Sim*
98. *Sim, ainda tenho dificuldade com as nomenclaturas.*

99. *Sim, pois aprendi que cada um tem seu jeito de ser, e só cabe a pessoa o que ela acha importante na sua vida.*
100. *Sim. Pude compreender melhor os conceitos, referenciais e demais aspectos...*
101. *A disciplina abriu portas para este conhecimento. O assunto não era discutido nos espaços educativos*
102. *Sim, a partir das discussões em aula conseguiu evoluir para o entendimento de algum tipo de preconceito.*
103. *Sim. Mudança no modo em que faço a leitura só sujeito.*
104. *Não mudou muito, sempre defendi que todo mundo tem direito de escolher o que quer para a sua vida e que ninguém deve opinar na vida do outro, assim como não aceito que opinem na minha vida. Só aumentou o vocabulário sobre o tema.*
105. *Sim*
106. *Sim, por passar a conhecer*
107. *Sim, passei a ter mais desenvoltura para falar sobre o assunto.*
108. *Sim. Passei a fazer parte das culturas, mais empoderada de compreensão, conhecimentos e pronta para atuar em defesa destas bandeiras.*
109. *Aumentou mais um pouco meu conhecimento.*
110. *Sem dúvida, tive um maior cuidado para não reproduzir o que sempre tive contato.*

Pergunta 18: Você tem alguma sugestão em relação à disciplina?

1. *Não*
2. *Não*
3. *Não*
4. *Não*
5. *Nenhuma.*
6. *Não*
7. *Nenhuma.*
8. *Sim. Que de alguma forma chegue este conhecimento nas escolas do município. Urgente.*
9. *Achei as aulas muito interessantes e agradáveis, por isso nada para mudar ou acrescentar!*
10. *Sim. A Universidade tem um grupo grande de alunxs trans, não binares sentimos a necessidade encontros e grupos de convive o para essa população, também acredito que a disciplina poderia aproximar a vivência dessxs sujeitos que enriqueceria ainda mais a discussão.*
11. *Deveria ser obrigatória em todos os cursos.*
12. *.*
13. *Não! Achei a disciplina maravilhosa e aproveitei cada minuto.*
14. *Continuem sempre lutando para que essa disciplina seja inserida no máximo de cursos da Universidade.*
15. *Não!*
16. *Acredito que seria muito interessante trabalhar durante o curso também com textos literários que propiciam discussões acerca das questões propostas como centrais na disciplina, tanto por facilitar o início de certas discussões como por fazer parte do dia-a-dia de professores de diversos níveis, especialmente aqueles que trabalham com línguas ou literatura.*
17. *Flexibilizar a entrega dos trabalhos.*
18. *Em relação a disciplina não, somente gostaria que ela fosse incluída como cadeira obrigatória em todos os cursos da Universidade.*
19. *Sim! Eu acredito que poderiam se inserir abordagens em questões raciais, porém, "só" as questões de gêneros e sexualidades já estão circundadas em diversos contextos complexos em relação com a sociedade que é o centro, e os mesmos já são complicados de lidar diante disso.*
20. *Que ela fosse obrigatória, porque penso que quem tem preconceito se negará de fazer caso seja apenas como optativa. Assim os que devem realmente atingir não atinge.*

21. *No momento, não.*
22. *Que ela seja oferecida para mais cursos. Para mim foi uma disciplina muito enriquecedora, mas por ser optativa, noto que as pessoas que a escolhem já tem uma tendência a gostar do assunto e interesse em ampliar seus conhecimentos no tema. Seria interessante se a disciplina chegasse a mais pessoas, inclusive para aquelas que subjugam a importância dessa temática.*
23. *Sugiro oficinas, palestras em escolas que tenham EJA, creio ser importante abordar esses temas nessa modalidade com pessoas que voltaram a sala de aula para estudar e precisam entender um pouco mais sobre alguns determinados assuntos, até mesmo para aceitação de alguns indivíduos que procuram essa modalidade e que não são aceitos na sociedade.*
24. *Ñ*
25. *Que continue forte, se possível, pois precisamos muito dela para nós ajudar a lutar por uma sociedade mais igualitária.*
26. *Lembro de ter achado o módulo diversidade o mais abstrato e tive um pouco de dificuldade de compreender as discussões. Acho que talvez dedicar mais tempo ao conceito do prof. Junqueiro seria benéfico.*
27. *Dependendo da demanda, acho que seria legal ser ofertada como disciplina optativa para mais cursos, principalmente da área de humanas*
28. *Gostaria que a mesma fosse anual para podermos discutir um pouco mais sobre as temáticas apresentadas*
29. *Não*
30. *Não*
31. *Lembro que a disciplina tinha um caráter "informal", não-academicista e acolhedor, e espero que essas características permaneçam. Também sugiro que se discutam ainda mais artefatos culturais, como livros, séries, músicas e filmes.*
32. *Não*
33. *Não*
34. *Nenhuma*
35. *Não*
36. *Continuem! Ta tudo lindo!!!*
37. *Não, achei a disciplina muito bem pensada e necessária*
38. *No momento não.*
39. *Somente que nunca acabe.*
40. *Não*
41. *Aprofundar na teoria queer.*
42. *Aprofundar os temas*
43. *Que fosse oferecida no turno da noite*
44. *Gostaria que ela fosse obrigatória e que pessoas do meio fossem palestrar.*
45. *Mais turmas*
46. *Não*
47. *Não*
48. *Resistir mais do que nunca.*
49. *Não*
50. *Continuem. Por favor*
51. *Não*
52. *Não*
53. *Minha experiência na disciplina foi excelente, porém minha sugestão é de que tivesse uma carga horária maior pois lembro que as aulas eram pequenas para os debates que surgiam após as abordagens temáticas e que saímos sempre com vontade de mais!*
54. *Sim. Que não pare. Precisamos sair desta redoma.*
55. *As temáticas foram muito pertinentes, mas particularmente achei a metodologia de slides muito engessada "tendo que dar conta" e as vezes isso não se faz necessário se a discussão em si já está sendo muito positiva para nosso entendimento e conhecimento enquanto grupo.*
56. *Acredito que essa não deveria ser uma disciplina optativa, mas sim obrigatória.*

57. NÃO

58. *Acho que a disciplina poderia ter um caráter mais informativo de forma resumida. Tentar abordar o que é cada assunto e no final partir para rodas de discussões mais aberta sobre como podemos inserir essas questões na nossa profissão ou dia-a-dia, tendo em vista que são várias pessoas de vários cursos e isso torna difícil uma análise pontual sobre o tema.*

59. *Acredito que da forma como ela é atualmente ministrada, cumpre com êxito seu papel.*

60. *Sim, ela poderia passar a ser obrigatória, pelo menos para todas as licenciaturas.*

61. *Indicação de leituras*

62. *Que se tornasse obrigatória principalmente nos cursos de licenciatura*

63. *Não.*

64. *Que ela nunca deixe de existir. Que não esqueça do Campus Saúde.*

65. *Acredito que ela é apresentada de uma forma satisfatória, sempre destaco a importância das mídias e dos artefatos culturais apresentados pois facilitam muito a correlação com a vida cotidiana e a aplicação das questões no dia-a-dia, fazendo com que se perceba a aplicação dos temas na prática e percebendo que não se trata apenas de teorizações.*

66. *Organização para que os seminários do módulo sexualidades nem repitam temas, pois, apesar de ser interessante outras perspectivas, quando não há divergência, não existe muito a se acrescentar (no meu ano, 2 ou 3 grupos discutiram sexting, e as apresentações foram bastante parecidas) a discussão acaba sendo mais interessante do grupo com a turma, de modo geral, sendo, essa, outra sugestão: maior tempo para que os seminários possam ser discutidos com a turma.*

67. *Aumentar carga horária, tornar obrigatória para os cursos.*

68. *Não*

69. *Não*

70. *Que ela seja obrigatória para todos os cursos! O BRASIL PRECISA!*

71. *Sim. Ser aberto a críticas pois ninguém pensa igual a ninguém e a disciplina não deveria querer que todos pensassem igual*

72. *Que ela crie um Fórum Permanente para que todos possam contribuir, dentro de suas possibilidades, reforçando o combate a todos os preconceitos que estigmatizam os sujeitos partir das relações de poder, emanadas das diversas possibilidades de gêneros e sexualidades.*

73. *A minha sugestão é que ela fosse melhor divulgada, e que fosse construído uma parceria entre os organizadores da disciplina e os departamentos/institutos que lotam cursos de licenciatura principalmente, e os cursos de saúde inclusive, todos os cursos que o profissional legitimado por tal diploma tenha que lidar diretamente com pessoas, já que deparar-se-á com os temas da disciplina.*

74. *Deveria ser disciplina obrigatório de cursos de licenciatura*

75. *NÃO*

76. *Não, só acho que ela deveria ter mais divulgação para que mais pessoas façam e entendam mais de assuntos tão presentes na vida de todos.*

77. *Disponibilizar períodos noturnos e mais vagas.*

78. *Horário mais tarde, quando eu fiz começava às 17:30, sempre chegava atrasada por conta do trabalho. Caso não tenha mudado, se pudesse iniciar às 18:50 seria legal.*

79. *Não. É perfeita!*

80. *Não*

81. *Seria interessante trazer mais relatos e vivências de quem está próximo para que a disciplina ganhe ainda mais voz.*

82. *Esta disciplina deveria ser prioritária em vários cursos, como também aberta para a comunidade por tratar de assuntos tão importantes, que muitas vezes as pessoas por não conhecerem, não conseguem lidar com os problemas quando aparecem.*

83. *Não*

84. *Não*

85. *Não*

86. *Que continue levando o conhecimento a mais pessoas sobre a questão de forma leve e compreensível, pois para mim a maneira como foram realizadas as discussões e trabalhos foram muito eficazes para meu aprendizado.*
87. Não
88. Não
89. *Que seja uma disciplina obrigatória.*
90. Não
91. *Só que continue sendo ofertada para todos os cursos.*
92. Não
93. Não
94. *Que ela continue assim, e que ofereça outros horários para estudantes que não tem a possibilidade de cursar no horário que hoje é oferecido*
95. *Talvez fazer em dois módulos para aprofundar algumas discussões.*
96. *A disciplina deveria ser em dois semestres por que os temas são amplos para um debate.*
97. *Não tenho, adorei fazer a disciplina e até recomendaria como forma de agregar conhecimentos.*
98. *Deveria ser mais interativa, talvez um livro de questionário pois por não ter provas isso contribui para o abandono ou descompromisso com a disciplina*
99. *Achei que passou bem rápido o período, acredito que indicar textos para fazer leituras em casa par discutir em aula, ou mesmo aumentar a carga horária.*
100. Não.
101. *Tornar obrigatória a todos os cursos tendo em vista que é um assunto relevante que atinge a TODOS, sem exceção.*
102. Não
103. *Ter no campus saúde*
104. Não
105. *Depoimento de uma professora da escola, U. E. B. Bandeira Tribuzzi; <http://brasileSCO.la/m14520> "Sempre que alguma coisa tende a sair do limite que julgamos inocente, procuro conversar com a criança ou encaminhá-la à coordenação, pois não me sinto preparada para lidar com situações mais complicadas, por não saber até que ponto as informações são acessíveis na família da criança" No meu entendimento , é necessário e urgente; contribuir na prática docente para auxiliar na desmistificação de diferenças, tabus, preconceitos; seja ele qual for; levar o conhecimento em salas de aulas para professores, principalmente dos anos iniciais, comunidades onde residem, familiares e alunos. Fazer rodas de conversas, pelo menos uma vez a cada final de mês, onde o propósito é unir família, estudantes, professores, comunidades, pesquisadores e educadores especialistas no assunto, produzindo, discussões e entendimentos, desconhecidos e impedidos por tabus. Organizar eventos relacionados aos temas, para professores e alunos principalmente das áreas dos municípios, onde eu noto uma carência muito grande de afeto e respeito de alguns profissionais; e persiste.*
106. *Uma vez falei com a professora Ana, sobre a questão da primeira relação sexual de uma pessoa, e que ela varia de idade pois há particularidades da vida de cada um esclarecendo os porquês desse 'problema'".*
107. Não
108. Não
109. Não
110. Não

Pergunta 19: Gostaríamos de aprofundar esse estudo conversando mais sobre a disciplina.

Caso queira participar deixe seu e-mail abaixo:

Aqui optamos por deixar apenas a pergunta retirando as respostas pois elas continham os e-mails dos/as estudantes, garantindo assim o anonimato dos participantes da pesquisa

Pergunta 20: Caso você tenha algum comentário/sugestão para as perguntas que foram feitas nesse questionário, a fim de auxiliar a pesquisa que será desenvolvida e que tem como objetivo investigar a potencialidade da disciplina, Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, no processo formativo dos/as acadêmicos/as da Universidade Federal do Rio Grande – FURG que cursaram a disciplina, por favor, deixe seu comentário abaixo:

1. Não
2. Não tenho.
3. -
4. Só tenho, a agradecer esta oportunidade.
5. Não conseguir definir uma orientação sexual, já que me relaciono com homens héteros e gays e eles não deixam de ser gays ou héteros se relacionam comigo
6. Aulas bem didáticas, onde é fácil se sentir incluído pelos que participam da mesma.
7. Somente me pareceria interessante se, nas questões de múltipla escolha, pudéssemos indicar mais de uma resposta.
8. Eu gostei bastante do questionário, e acho de extrema importância o mesmo para que sigamos ocupando esse espaço da universidade com disciplinas como essa.
9. Como sugestão acredito que as perguntas de marcar poderiam ser disponíveis para marcar mais opções, pois em alguns casos foram vários os motivos e não apenas um.
10. Não.
11. Acredito que nas perguntas que possuem múltipla escolha seria interessante que pudéssemos escolher mais de uma opção.
12. Boa sorte S2
13. Gostaria de parabenizá-los pela disciplina e pela pesquisa, espero ter contribuído de alguma forma.
14. Achei as aulas bem interessantes. Acho que devem continuar sendo oferecidas como optativas. Só que a disciplina deveria ser mais divulgada, pois muitos alunos não sabem como participar.
15. Parabéns, continuem sempre assim. O projeto de vocês é um projeto de humanidade.
16. Poderia questionar como o/a aluno/a teve conhecimento da disciplina. Acredito que a mesma não é suficientemente divulgada.
17. Eu já vesti esta camisa.
18. As opções de itens poderiam ser abertas para colocar mais de uma opção em alguns casos.
19. Só quero agradecer pela oportunidade que tive nessa disciplina de ampliar meu olhar e meu entendimento sobre estes temas tão atuais e tão necessários.
20. Acho que entrevistar algumas pessoas "ao vivo" seria interessante também, com perguntas abertas. Em relação a esse questionário poderia ter uma pergunta questionando se a visão da pessoa em relação ao seu gênero ou orientação mudou durante o curso.
21. Vocês são maravilhosos, gratidão por me proporcionarem esses momentos dentro da universidade! <3
22. Branco
23. Penso que o questionário, em seu formato, atende perfeitamente às demandas e objetivos do curso.
24. Tornar esta disciplina prioritária
25. Apesar de deixar o e-mail, prefiro contato pelo moodle
26. ...

27. *Parabéns pela disciplina. Aprendi muito.*
28. *No momento não tenho.*
29. *Foi uma ótima experiência. Sigo querendo me aprofundar nos temas que foram abordados na disciplina.*
30. *Sem comentários*
31. *Tudo ótimo.*
32. *Não. Parabéns pelo trabalho!*
33. *Não acredito que se colocar a disciplina como obrigatória que vai mudar o pensamento de quem é preconceituoso, no meu ponto de vista deixar como optativa esta perfeito.*
34. *A escola entendedora de desigualdades, mas na verdade, muitas vezes faz diferenças sem concordâncias. A escola é um marco de conhecimentos distintos dos fatos, e ato consequencial. Desde seus inícios, as instituições escolares têm que exercer ações distintiva, com afinco e responsabilidade.*
35. *Não*

Após a apresentação do questionário passamos a seguir a discutir sobre a rede de enunciações.

5.2. Sobre a rede de enunciações...

Para o processo analítico, buscamos entender a rede de enunciações estabelecidas nas enunciações dos/as estudantes e que nos possibilitou problematizar a importância do debate das questões de corpos, gêneros e sexualidades através de uma disciplina no Ensino Superior.

As enunciações formam o enunciado que Alfredo Veiga-Neto define como:

um tipo muito especial de um ato discursivo: ele se separa dos contextos locais e dos significados triviais do dia-a-dia, para construir um campo mais ou menos autônomo e raro de sentidos que devem, em seguida, ser aceitos e sancionados numa rede discursiva, segundo uma ordem – seja em função do seu conteúdo de verdade, seja em função daquele que praticou a enunciação, seja em função de uma instituição que o acolhe (VEIGA-NETO, 2007, p. 95).

Segundo Joanalira Magalhães (2012) quando nos propomos a analisar a rede de enunciações não procuramos por questões ocultas, as palavras enunciadas constroem naquele determinado tempo e espaço os enunciados, produzindo os objetos de quem falam, construindo assim uma versão discursiva sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos.

Ainda segundo Magalhães (2012) analisar a rede de enunciações significa levar em consideração que não existe nada oculto é explorar o dito, o que está posto, nesse sentido as enunciações produzidas sobre a disciplina pelos/as estudantes nesse estudo estão perpassadas por relações de poder, por discursos sobre as temáticas trabalhadas na disciplina que foram

definindo como essas questões seriam vistas pelos/as estudantes previamente, discursos esses construídos, social, histórica e culturalmente.

Segundo Foucault o enunciado criado é um “acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (2004, p. 31). Sendo assim, para analisarmos as enunciações produzidas – as respostas do questionário –, a estratégia consistirá em “olhar” em cada resposta e nas falas dos/as acadêmicos/as a rede de enunciações sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos. É importante salientarmos que não estamos considerando que as enunciações que emergiram na produção dos dados representaram a totalidade do que os/as acadêmicos/as tinham e têm a dizer ou pensam a respeito da disciplina, mas que a rede de enunciações produzidas nesse estudo configura a formulação de um importante enunciado para pensarmos não somente sobre a disciplina, mas também sobre as discussões acerca das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades no Ensino Superior. Sendo assim, passamos a seguir a apresentação dos artigos produzidos a partir da rede de enunciações construídas para esse estudo.

6. ARTIGOS CONSTRUINDO A REDE DE ANÁLISES

A rede de enunciações produzida pelas respostas dos/as estudantes ao questionário nos fizeram voltar nosso olhar para as seguintes perguntas abertas do questionário: “Você considera importante que se instituem, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de gêneros e de sexualidades? Você gostaria de escrever algo sobre isso?” e também a pergunta : Depois que você fez a disciplina percebeu mudanças nos seus entendimentos em relação às temáticas discutidas? Por quê?

Consideramos para a escolha das perguntas o objetivo geral da pesquisa e através delas procuramos problematizar as questões que foram emergindo na rede de enunciações configurando assim a construção de dois artigos.

O artigo 1 intitulado **Gêneros e sexualidades nos espaços educativos: em foco enunciações de estudantes do ensino superior**, teve como objetivo analisar as enunciações dos/as estudantes de uma universidade pública federal, que cursaram a disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, sobre a importância ou não de se instituir, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades e no artigo 2 **Notas sobre uma disciplina que discute gênero e sexualidade no ensino superior**, o objetivo foi analisar as enunciações dos/as estudantes universitários que cursaram a disciplina “Gêneros e sexualidades nos espaços educativos” ofertada pela FURG, buscando problematizar

se eles/as perceberam mudanças nos seus entendimentos em relação às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.

1. GÊNEROS E SEXUALIDADES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS: EM FOCO ¹⁵ENUNICAÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

GENDERS AND SEXUALITIES IN EDUCATIONAL SPACES: FOCUS ON ENUNICATIONS OF UNDERGRADUATE EDUCATION STUDENTS

Evélin Pellegrinotti Rodrigues

Paula Regina Costa Ribeiro

Juliana Lapa Rizza

Resumo: Este artigo tem, como objetivo, analisar as enunciações dos/as estudantes de uma universidade pública federal, que cursaram a disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, sobre a importância ou não de se instituir, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades. Para tanto, aplicamos um questionário on-line, composto de perguntas abertas e fechadas, aos/as estudantes que cursaram a referida disciplina. Nas análises, foi possível perceber que os/as estudantes consideram a disciplina um importante espaço, na universidade, para o combate aos preconceitos e às violências, tanto que reivindicam a oferta dessa disciplina de forma obrigatória, tensionando assim o currículo do Ensino Superior, em que as pautas de gêneros, sexualidades e corpos, muitas vezes, estão às margens do currículo. Destacaram também que as discussões são relevantes para suas formações profissionais, fazendo com que repensem seus entendimentos e desestabilizem alguns discursos naturalizados em nossa sociedade.

Palavras-chave: Corpos; Gêneros; Sexualidades; Disciplina; Ensino Superior.

Abstract: This article aims to analyze the enunciations of students from a federal public university, who studied the subject of *Gender and Sexualities in Educational Spaces*, about the importance or not of instituting, in undergraduate courses, subjects to discuss the themes of bodies, genders and sexualities. For that, we applied an online questionnaire, consisting of open and closed questions, to students who took that subject. In the analyzes, it was possible to notice that the students consider the subject an important space, in the university, to combat prejudice and violence, so much that they claim its offer in a mandatory way, thus straining the Undergraduate Education curriculum, in which the agendas of genders, sexualities and bodies are often marginalized. They also emphasized that the discussions are relevant to their

¹⁵ Artigo submetido a Revista Humanidades & Inovação.

professional qualification, doing them rethink their understandings and destabilize some naturalized discourses in our society.

Keywords: Bodies; Genders; Sexualities; Subject; Undergraduate Education.

Introdução

O perigo, em suma, é que em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habitados, em um terreno ainda não esquadrinhado e na direção de um final que não é fácil prever (FOUCAULT, 2005, p. 44).

Começamos esta escrita interpeladas pelas palavras de Michel Foucault, que nos desacomodam, fazem-nos pensar que nada é tão certo e previsível, indicam-nos que sempre podemos ser surpreendidos/as com novas possibilidades. Esses entendimentos atravessam os caminhos percorridos, os quais foram se desenhando ao longo do processo de pesquisar e também com as abordagens das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades¹⁶ em interface com o Ensino Superior.

Dentre os caminhos possíveis, para problematizar as questões de corpos, gêneros e sexualidades, aproximamo-nos do campo dos Estudos Culturais na sua vertente pós-estruturalista. Por meio dessa interlocução, compreendemos os corpos, os gêneros e as sexualidades como construções históricas, sociais e culturalmente construídas.

Ao pensar essas temáticas em articulação com a educação, é importante salientar que as discussões aumentaram significativamente, principalmente devido aos investimentos no âmbito da formação continuada de professores/as da rede pública, entre outros profissionais da educação. Esses movimentos proporcionaram um compartilhar de “[...] conhecimentos acerca da promoção, respeito e valorização da diversidade étnico-racial, da orientação sexual e das

¹⁶ Gostaríamos de ressaltar que utilizaremos a palavra gênero no plural, gêneros, pois entendemos que, na perspectiva teórica a que nos filiamos, romper com o binarismo de gênero - homem e mulher - é uma potente estratégia para findar com essa lógica e uma possibilidade para desconstruirmos a linearidade sexo-gênero-sexualidade, bem como uma maneira de possibilitarmos discussões e problematizações sobre a multiplicidade de sujeitos que existem na sociedade, como, por exemplo, homem cis, mulher cis, homem trans, mulher trans, travesti, trans não binário, entre outras posições de sujeito.

identidades de gênero, colaborando para o enfrentamento da violência sexista, étnico-racial e homofóbica [...]” (RIZZA, 2015, p. 87).

Tal avanço se deu em diferentes modalidades da educação¹⁷, chegando ao Ensino Superior, foco desse estudo. É perceptível, do mesmo modo, no âmbito de universidades públicas federais, um aumento na criação de disciplinas (RIZZA; RIBEIRO; MOTA, 2016) que têm, como foco, debater a questão das diferenças, sejam elas de gêneros, de sexualidades, de corpos, de raça ou etnia, entre outras, com o objetivo de possibilitar que os/as estudantes possam pensar acerca da heteronormatividade, da construção binária dos gêneros, dos comportamentos preconceituosos e, quem sabe, desnaturalizar discursos, sentidos e significados acerca da forma como os sujeitos vêm produzindo e vivenciando os gêneros e as sexualidades.

Essa proposição das temáticas citadas, no Ensino Superior, vem sendo debatida por alguns/algumas estudiosos/as (SOUZA; FERRARI, 2019; JUNQUEIRA, 2018; PARAÍSO, 2018; RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014), os/as quais, imersos em estudos e pesquisas acerca dessas temáticas, contribuem para esse campo de estudos de gênero e de sexualidade.

Nesse sentido, propomo-nos a “vestir nossos óculos teórico e aguçar nossas lentes, ou seja, a partir dos nossos entendimentos e leituras, buscamos lançar nosso olhar” (RIZZA, 2015, p. 66) para analisar as enunciações dos/as estudantes da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que cursaram a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, buscando problematizar a importância ou não de se instituir, nos cursos de graduação, disciplinas que promovam discussões a respeito das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.

Para tanto, buscamos tecer algumas problematizações, a fim de colocar em suspensão a disciplina e, assim, “transformar em problema de investigação o que comumente não nos incomodava para colocar sob suspeita nossas formas de pensar e agir, questionar o que somos e pensamos” (SOUZA; FERRARI, 2019, p. 42).

Entendemos que a proposição das discussões sobre as questões de gêneros, sexualidades e corpos, no Ensino Superior, faz-se necessária para a formação de profissionais que tenham olhares sensíveis às novas demandas sociais. Logo, os tensionamentos e as problematizações, realizados durante os oito anos da existência da disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, incitam-nos a pensar sobre a importância da oferta de disciplinas com essas pautas de discussão nos currículos dos cursos de graduação das universidades.

¹⁷ Ao olharmos para algumas políticas educacionais – PCN; Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos; Plano Nacional de Educação, entre outros –, observamos que o debate acerca das questões de gênero e sexualidade vem sendo impulsionado e tem produzido efeitos no Ensino Superior (RIZZA, 2015; 2016).

Contextualizando a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*

José D'Assunção Barros (2011) salienta que todo campo disciplinar é histórico, uma vez que, em um dado momento, ele começou a ser percebido assim e, no decorrer do tempo, vai se transformando, atualizando-se e se inserindo nos campos de produção de conhecimento a respeito de determinado assunto, sendo redefinido constantemente, a partir de regras e de embates.

Então, “qualquer ‘campo disciplinar’ é histórico, no sentido de que possui uma história” (BARROS, 2011, p. 254). Desse modo, a trajetória de cada disciplina, suas mudanças e suas transformações estão relacionadas aos tensionamentos e às problematizações que ocorrem em diferentes períodos da sua história.

Entendemos que as disciplinas são construídas e reconstruídas por redes discursivas, ou seja, a partir de interlocuções entre distintos campos de conhecimento. Para que se tenha uma disciplina, segundo Foucault (2001), é necessário existir a possibilidade de novas formulações, indefinidas possibilidades de formulações, uma vez que, assim, vão sendo construídas proposições novas, e o conhecimento se atualiza, bem como acompanha as demandas que emergem na sociedade.

A disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, de alguma forma, articula-se a essa ideia de buscar inserir, como pauta, no Ensino Superior, as novas demandas sociais: as diferentes formas dos sujeitos viverem e produzirem seus gêneros e suas sexualidades; as diversas configurações familiares; as produções dos corpos constituídos e a partir de inúmeras marcas e inscrições; a desnaturalização de discursos, sentidos e significados, presentes na sociedade, acerca das questões de gêneros e sexualidades; a interseccionalidade entre gênero, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, entre outros aspectos que têm atravessado o debate das questões de gêneros e de sexualidades.

A proposta, dessa forma, foi “suscitar novos acontecimentos”, (RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014, p. 117), propor um outro espaço a partir do que já estava instituído, ou seja, ofertar uma disciplina, algo recorrente nos cursos de graduação, mas incluir, como foco de discussões, temáticas que estão presentes no Ensino Superior, visto que a universidade, assim como a escola, é um espaço sexualizado e generificado, porém que ainda tem estado às margens dos currículos. Assim, essa disciplina, mesmo que criada em um espaço de modelo instituído, possibilita pensar em outras experiências.

Paula Ribeiro, Juliana Rizza e Dárcia Ávila (2014) observam a importância de se propor uma disciplina com essas características, pois consideram:

a universidade como um espaço privilegiado para discutir essas temáticas; ações do Ministério da Educação para a inclusão dessas questões nos currículos escolares e universitários; as discussões propostas pelo eixo Orientação Sexual presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais que emergem na década de 1990; os projetos de lei que tem emergido na contemporaneidade e que passaram a enfocar tais temas; o aumento da violência sexista, racial e homofóbica; as novas identidades que tem se apresentado nas escolas e universidades, como os/as travestis e os/as transexuais; a utilização do nome social (2014, p. 117).

Então, em meio a lutas e a embates, no que se refere às questões de poder/saber presentes no currículo, é que a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos* é ofertada, já há oito anos, para todos os cursos¹⁸ de graduação da universidade. É importante destacar que os movimentos de luta empreendidos para garantir a presença da disciplina na universidade se deram, principalmente, pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese.

Sobre os aspectos relacionados à oferta da disciplina, ela possui carga horária de três horas/aula, totalizando 45 créditos. Para os cursos de graduação que entenderam que as discussões propostas nela são importantes para a formação profissional dos sujeitos, é oferta de forma optativa e em apenas de um de forma obrigatória, visto que esses cursos de graduação já fizeram as reformas em seus currículos e projetos políticos pedagógicos do curso, inserindo a disciplina junto às demais disciplinas ofertadas. No caso dos cursos que ainda não fizeram ou que não apresentaram interesse em inserir essas discussões em seus currículos, os/as estudantes podem cursar a disciplina por meio da solicitação de matrícula complementar, a qual será computada, no histórico deles, como horas complementares, exigência dos cursos de graduação (RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014).

A partir dessas questões em 1 curso o de Ciências Licenciatura EaD é obrigatória, em 11 cursos, ela é oferecida como optativa, a saber: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Letras Português, Letras Português e Francês, Letras Português-Inglês, Medicina, Pedagogia, Psicologia. Todavia, para os outros 52 cursos da universidade, é ofertada como uma atividade complementar¹⁹, o que faz com que os/as estudantes tenham acesso à sua oferta por meio da divulgação de notícias na página da universidade, quando acessam o sistema da universidade, no período de matrículas, ou por parte do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese, nas diferentes mídias sociais. Muitos/as

¹⁸ A Universidade Federal do Rio Grande - FURG possui um total 62 cursos de graduação ofertados em 5 campus, e, desse total, 48 cursos na cidade de Rio Grande.

¹⁹ As atividades complementares são obrigatórias em termos de horas, mas os/as estudantes podem suprir essas horas participando de palestras, de minicursos, de oficinas e cursando disciplinas que não estejam previstas no QSL do seu curso. A disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos também conta como horas para os cursos que não têm a oferta como optativa.

estudantes não encontram o registro da disciplina no quadro de sequência lógica dos seus cursos de graduação, ao contrário dos cursos com oferta da disciplina de forma optativa, em que há um registro, com o nome e indicação da disciplina no quadro que apresenta o currículo do curso de graduação.

A disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos* apresenta a seguinte ementa: discussão e análise temática a respeito das questões dos corpos, gêneros e sexualidades na contemporaneidade, enfocando o ensino e aprendizagem dessas questões nos diversos espaços educativos. Ainda, contempla a análise do processo de produção dessas temáticas nas distintas instâncias sociais e pedagogias culturais.

É importante destacar que a disciplina está organizada em quatro módulos, os quais são: diversidades, gêneros, corpos e sexualidades. Em cada um deles, são apresentados os conceitos referentes aos temas centrais da disciplina e, ao longo dos módulos, são problematizadas as questões que estão inter-relacionadas a eles, possibilitando que os/as estudantes possam questionar, compartilhar suas vivências e construir conhecimentos a partir das discussões realizadas.

Os debates realizados, durante a disciplina, estão fundamentados em posicionamentos que compreendem os corpos, os gêneros e as sexualidades como construções sócio-históricas que se constituem na correlação de múltiplos elementos sociais presentes na família, na medicina, na educação escolarizada, na psicologia, entre outras instituições e campos de saber. Durante o desenvolvimento da disciplina, é possível notar que a proposta é que as/os professores/as possam se deixar “levar pelas vivências, anseios e desejos dos/as alunos/as que participam da disciplina, construindo, assim, uma experiência pedagógica.” (RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014, p. 123). Dessa forma, assuntos que estão na ordem do discurso, como, por exemplo, a Lei Maria da Penha, as normativas para a utilização do nome social, as mudanças e as intervenções corporais, como tatuagens, piercings, brandings; o abuso e a violência sexual, a homofobia, o *sexting*, entre outros aspectos, podem emergir nas discussões propostas. Assim, a cada semestre, mudanças vão sendo pensadas e adaptações sendo feitas para atender às novas demandas de discussões que os/as estudantes apresentam durante as aulas, buscando qualificar as problematizações da disciplina, ampliar e complexificar o debate dos temas trabalhados.

Caminhos percorridos, nossa estratégia metodológica

Para a produção dos dados da pesquisa e a fim de pensarmos a importância ou não de se instituir, nos cursos de graduação da universidade, disciplinas para discutir as temáticas de

corpos, gêneros e sexualidades, foi elaborado um questionário *on-line*, disponibilizado na plataforma *Google Forms* e enviado aos/as estudantes que cursaram a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos* entre os anos de 2012, quando a disciplina foi ofertada pela primeira vez, até o ano de 2018, quando demos início à pesquisa, totalizando, desse modo, um recorte temporal de 6 anos.

Durante esse caminho metodológico, é importante destacar que o questionário foi validado no primeiro semestre de 2018, por meio da aplicação dele, em uma turma da disciplina, de forma presencial. Após as modificações sugeridas nessa validação, o questionário foi enviado para um total de 537 estudantes e obtivemos um retorno de 110 questionários respondidos²⁰.

O envio do questionário foi realizado por meio de e-mail, para os/as estudantes que cursaram a disciplina quando as interações ainda não se davam por meio de um ambiente virtual de aprendizagem ou pela plataforma *Moodle*²¹ quando já tínhamos acesso ao referido ambiente virtual.

O questionário foi organizado com algumas perguntas fechadas e outras abertas. As primeiras diziam respeito às questões pessoais dos/as participantes da pesquisa, tais como: raça; gênero; sexualidade; religião; curso de graduação e atividade atual, informações apresentadas na sequência.

O grupo de estudantes participantes da pesquisa, em sua maioria, era composto de mulheres cisgêneras, um total de 61%; a identidade sexual da maioria era heterossexual, um total de 66%; tinham idades que variavam entre 20 e 61 anos e, em sua grande maioria, consideravam-se brancos/as, um total de 71% dos/as respondentes. Sobre a religião, 36% apontaram não ter nenhuma, já o restante dos/as estudantes mencionou o seguinte: católica, 21%; espírita, 13%; afro brasileira, umbanda ou candomblé, 12%; prefiro não declarar, 7%; com fé, sem religião, 4%; budista, 2%; espiritualista, 1%; evangélica, 1%; agnóstica, 1%; mórmon, 1%; amor a mim e ao universo, 1%; luterana, 1%.

Quanto aos cursos de graduação, tivemos a participação dos seguintes cursos: Pedagogia, 40%; Direito, 9%; Educação Física, 4%; Arquivologia, 8%; Psicologia, 4%; Medicina, 5%;

²⁰ A partir do total de questionários enviados, o número de retornos pode parecer não tão expressivo, visto que não alcançamos nem mesmo a metade dos/as estudantes que já cursaram a disciplina. Logo, cabe ressaltar que muitos/as desses/as estudantes já concluíram o curso de graduação e estão atuando no mercado de trabalho, fazendo, assim, que não tenham mais vínculo com a instituição. Em função disso, podem não ter aceitado o convite para participar da pesquisa ou, ainda, podem não acessar mais os endereços de e-mail que utilizavam quando cursavam a graduação.

²¹ A plataforma *Moodle* é um ambiente virtual que funciona como sala de aula e repositório de materiais, sistema que vem sendo muito utilizado para criação de cursos *on-line*.

Arqueologia, 3%; História Bacharelado, 3%; Administração, 3%; Letras Português, 3%; Geografia Licenciatura, 3%; Artes Visuais Bacharelado, 1%; Letras Português Espanhol, 1%; Química Licenciatura, 1%; Ciências Biológicas Licenciatura, 1%; Biblioteconomia, 2%; Letras Português-Inglês, 1%; Sistemas de Informação, 1%; Oceanologia, 2%; Artes Licenciatura, 2%; Matemática Licenciatura, 1% e Física Licenciatura, 1%.

Já com relação a atividade atual: 73% dos/as estudantes ainda estão cursando um curso de graduação; 10% estão cursando mestrado; 6% responderam que não estavam estudando no momento; 6% estava apenas trabalhando; 3% estava cursando doutorado, e 2%, cursando especialização.

E, por fim, sobre as questões fechadas, as quais nos possibilitaram conhecer os/as estudantes que participaram da pesquisa com relação ao gênero e destacaram outras possibilidades de expressões de gênero: 3% se declararam homens trans; 3% afirmaram ser não binário; 3% indicaram possuir gênero fluído; 2% de mulheres se intitularam trans; 1% afirmou ser travesti, e 1% se declarou bicha preta travesti não binária. Assim também aconteceu com relação à sexualidade, em que também observamos uma multiplicidade de vivências: 14% indicaram ser bissexuais; 11% afirmaram ser gays; 3% se intitularam lésbicas; 2% se nomearam como assexuais, e 2% afirmaram ser pansexuais.

Além dessas questões fechadas, como já mencionado, foram elaboradas também questões abertas. Essas últimas foram pensadas com o propósito que os/as estudantes pudessem pensar e expressar suas vivências, bem como os entendimentos e significados construídos ao cursarem a disciplina. O questionário, então, possui um total de 10 perguntas abertas, as quais suscitam diferentes aspectos, tais como: quais discussões foram mais interessantes e por quê; qual módulo foi mais significativo e por quê; qual disciplina possibilitou mudanças nos entendimentos; entre outras.

Dentre essas questões abertas, para análise nesse artigo, elegemos a seguinte pergunta, constituída de duas partes: “Você considera importante que se instituam, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de gêneros e de sexualidades? Você gostaria de escrever algo sobre isso?”. A partir dessa questão, os/as estudantes expressaram a importância ou não de serem instituídas, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.

Com esse movimento de análise, não pretendemos, nesse estudo, desvendar e/ou desvelar o que está nas entrelinhas a partir das enunciações produzidas pelos/as estudantes participantes da pesquisa, nem tampouco julgar o sentido de verdade. Objetivamos problematizar e analisar, nas respostas à pergunta já mencionada, foco dessa escrita, a

importância ou não se de inserir, nos cursos de graduação, disciplinas que discutam os temas corpos, gêneros e sexualidades.

Em nossa análise, observaremos as enunciações a partir de Foucault (2005), ou seja, como um conjunto de regras que suportam, tornam possível e definem o enunciado: a potência da oferta de uma disciplina que discute as questões de corpos, gêneros e sexualidades, no âmbito do Ensino Superior, no que tange à formação profissional.

Dessa forma, ao responderem ao questionário, consideramos que os/as estudantes suscitam sentidos e significados produzidos a partir de suas vivências. Já nas análises, a proposta é olhar tais enunciações, reconhecê-las e entender as conexões estabelecidas entre elas, buscando compreendê-las em sua relação com o debate acerca das temáticas já mencionadas por meio da oferta de uma disciplina para todos os cursos de graduação de uma universidade pública federal.

Discutindo as enunciações dos/as estudantes sobre a disciplina

Atentas às enunciações que os/as estudantes foram produzindo, a respeito da disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, voltamos nosso olhar para uma das perguntas abertas do questionário: “Você considera importante que se instituam, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de gêneros e de sexualidades? Você gostaria de escrever algo sobre isso?”

Cabe destacar que 92% dos/as estudantes que participaram da pesquisa pontuaram a importância de serem instituídos espaços como os da disciplina para a promoção de discussões acerca das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades; 5% consideraram que o oferta da disciplina deveria se dar de forma obrigatória; 2% apontaram que ela deveria ser optativa para todos os cursos de graduação da universidade, e 1% manifestou não considerar a disciplina importante.

A partir desse panorama inicial das repostas dos/as estudantes, destacamos algumas respostas a fim de problematizar, além do dado estatístico, as enunciações produzidas. Nas respostas apresentadas na sequência, são percebidos dois focos de discussão expressos nas enunciações, quer sejam: a importância das temáticas debatidas, a partir da oferta da disciplina, como possibilidade de olhar/reconhecer as diferenças, e a oferta da disciplina de forma obrigatória.

Estudante 6²²: *Deveria ser disciplina obrigatória em todos os cursos, acredito e afirmo que a universidade tem um papel importante na construção dos sujeitos e essa temática vem a equiparar, colaborar para a formação de profissionais com conhecimento na área.*

Estudante 16: *Deveria ser incluída em todos quadro sequência lógica. Na Universidade não basta ter conhecimento específico de uma determinada área, o conhecimento do outro é importante. Entender o outro é respeitar, é saber que existe pluralidade na vida.*

Estudante 19: *Sim, pois tal temática deveria ser obrigatória em todos os cursos, para que todos tenham conhecimento e saibam lidar com as diferenças.*

Estudante 22: *Por ser uma temática que permeia todas as áreas do conhecimento. Ter uma formação humana e voltada ao respeito as particularidades e individualidades é algo imprescindível para qualquer profissão.*

Estudante 25: *Estas discussões se tornam pouco acessíveis por outras disciplinas e, tendo como disciplina obrigatória para todos os cursos da Universidade, talvez assim possamos construir conhecimentos com diversas áreas e promover uma sociedade mais diversa e igualitária.*

Estudante 46: *Obviamente que sim, acredito que a disciplina deveria ser obrigatória e não optativa. Todxs lidamos com pessoas diferentes, com a disciplina, aprendi muitos conceitos que nem tinha ideia que existiam. Hoje, posso dizer que me reconheço como uma mulher cis hetero, graças à disciplina que me ajudou em diversos fatores ao qual desconhecia.*

A partir das enunciações anteriores, é possível constatar que os/as estudantes apontam que os debates promovidos, ao longo da disciplina, possibilitam reconhecer o outro em sua diferença. No que se refere à formação profissional, os sujeitos que fizeram parte da pesquisa entendem os assuntos abordados na disciplina como temas importantes para promoção do respeito às individualidades e particularidades dos sujeitos, para a construção de uma sociedade mais diversa e igualitária.

Pensar em uma educação da/para diversidade tem adentrado a arena política e, conseqüentemente, também atravessa as discussões tecidas no âmbito da disciplina. Reconhecer a diferença e promover uma educação para a diversidade, ou seja, a construção de uma sociedade mais plural, são elementos que têm ingressado na ordem do discurso, e os/as estudantes destacam esse como sendo um aspecto importante de ser discutido no âmbito do Ensino Superior.

A universidade é responsável pelo processo de formação profissional inicial, e muitos universitários/as logo estarão atuando no mercado de trabalho, podendo, então, promover

²² As enunciações estão identificadas com uma numeração que corresponde à sequência dos questionários respondidos pela plataforma do *Google Forms*.

algumas rupturas, de modo a “garantir” a existência de diferentes formas de os sujeitos produzirem seus gêneros e viverem suas sexualidades. Logo, de alguma forma, a disciplina possibilita que os/as estudantes possam vestir o que chamamos de óculos teórico²³ de gêneros e sexualidades, o qual possibilita desconstruir discursos que se encontram naturalizados em nossa sociedade, como, por exemplo, o fato de mulheres serem delicadas, e os homens, agressivos, sujeitos que não controlam seus desejos sexuais. Outros discursos que podem ser desconstruídos são os que pregam que família é constituída apenas de um homem e uma mulher; que o que define o gênero é a genitália do sujeito, ou seja, a materialidade biológica, entre outros.

Nesse sentido, as enunciações dos/as estudantes apontam que a disciplina, de alguma forma, possibilita mais do que reconhecer a diferença, permite problematizá-la, colocar sobre suspeita os processos sociais que vêm produzindo essas diferenças, as quais estão imersas em relações de poder, “colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las” (SILVA, 2014, p. 100).

Ainda sobre esse conjunto de enunciações, na concepção de alguns/algumas estudantes, as discussões de gêneros, corpos e sexualidades deveriam ser propostas de forma obrigatória no Ensino Superior, por meio da oferta de uma disciplina. No entanto, não queremos promover um debate que vá ao encontro da obrigatoriedade em problematizar as questões de gêneros e sexualidades nas universidades, ao contrário, nossa proposta não é defender essa posição, mas refletir acerca das relações de poder/saber presentes nesses currículos. Assim, temos o intuito de pensar o quanto é por meio de um “processo de intervenção social que certos conhecimentos acabam fazendo parte do currículo e outros não” (SILVA, 2007, p. 148), produzido, desse modo, algumas desigualdades sociais.

Ao instituir espaços de discussão como disciplinas optativas, por exemplo, estariam os gêneros e as sexualidades sendo temáticas problematizadas com os/as estudantes no Ensino Superior? Embora entendamos que essas temáticas componham os currículos do Ensino superior, muitas vezes, estão às margens desse mesmo currículo, pois os conhecimentos legítimos, os considerados válidos de serem debatidos, estão nos cursos de graduação como componentes curriculares obrigatórios, isto é, há “aquilo que divide o currículo – que diz o que

²³ A metáfora dos óculos teóricos busca discutir a noção de que é por meio desses óculos, constituído por leituras e discussões, que os/as estudantes vão construindo outros sentidos e significados acerca das questões de gêneros e de sexualidades. Esses novos olhares não seriam melhores nem piores, apenas diferentes, ampliando, assim, a percepção sobre esses assuntos e abrindo brechas para as multiplicidades.

é conhecimento e o que não é” (SILVA, 2008, p. 197). Além disso, ainda segundo o autor, seria possível problematizar:

Quais conhecimentos estão incluídos e quais conhecimentos estão excluídos do currículo? Quais grupos sociais estão incluídos – e de que forma estão incluídos – e quais grupos sociais estão excluídos? Como resultado dessas divisões, dessas inclusões e exclusões, que divisões sociais – de gênero, raça, classe – são produzidas ou reforçadas? (2008, p. 197).

O currículo é um lugar em que as relações de poder se estabelecem. Tais relações, entendidas a partir de Foucault (2007), são aquelas em que o poder é visto como relacional, disseminado, capilar e produtivo. A seleção do que é conhecimento e do que não é conhecimento é um exemplo dessa relação de poder que se estabelece, a qual gera uma divisão entre os indivíduos, excluindo os saberes dos sujeitos que vivem em outros contextos sociais, os quais não são contemplados pelo currículo escolar.

Em outro foco de discussão, as enunciações dos sujeitos participantes do estudo apontam para outra questão: as disputas curriculares. Os/As estudantes tensionam o currículo instituído ao discutirem acerca da oferta da disciplina ser obrigatória ou optativa, fazendo-nos pensar de que maneira o conhecimento vem sendo construído nos currículos da universidade, quais conhecimentos “são mais ou menos importantes” à formação dos indivíduos.

Estudante 17: *Sim, pois foi através dessa disciplina que percebi que estava ganhando muito mais que apenas horas para uma cadeira optativa, estava adquirindo conhecimento dos mais variados temas os quais com 29 anos de idade nunca sequer ouvi falar no meio educacional tanto escolar quanto em casa.*

Estudante 46: *Obviamente que sim, acredito que a disciplina deveria ser obrigatória e não optativa. Todxs lidamos com pessoas diferentes, com a disciplina, aprendi muitos conceitos que nem tinha ideia que existiam. Hoje, posso dizer que me reconheço como uma mulher cis hetero, graças à disciplina que me ajudou em diversos fatores ao qual desconhecia.*

Os excertos anteriores explicitam como os/as estudantes estão compreendendo as discussões que a disciplina proporciona na universidade. As temáticas de corpos, gêneros e sexualidades não dizem respeito apenas à educação, mas a todas as áreas do conhecimento, e essas questões permeiam nossa vida, sendo construídas, diariamente, em nossas vivências. Os/As estudantes que participaram da pesquisa são de diferentes cursos da universidade, das mais variadas áreas de formação, e reconheceram a importância de espaços de discussão como os que a disciplina possibilita para os seus respectivos cursos, bem como para todos os outros cursos da instituição de ensino em questão.

É importante destacar que a disciplina é obrigatória em 1 curso o de Ciências Licenciatura EaD, optativa para 11 cursos e, para os outros 51 cursos de graduação da universidade em estudo, ela é complementar, o que nos dá pistas do que foi sendo construído, ao longo do tempo, como conhecimento legítimo/ilegítimo. Desse modo, as enunciações nos possibilitam pensar que, apesar da luta para a implementação de uma disciplina na universidade, sobre corpos, gêneros e sexualidades, essas questões ainda estão às margens do currículo dos cursos de graduação, uma vez que ainda não são entendidas como temáticas necessárias à formação dos/as estudantes, o que a faz não ser obrigatória.

Ao apontarem, em suas enunciações, a importância da oferta da disciplina, de forma obrigatória, no currículo dos cursos da universidade, os/as estudantes nos fazem refletir acerca das relações de poder-saber²⁴, ou seja, as lutas e os embates em torno dos saberes e tensionamentos presentes no currículo.

Quando instituído um espaço, na universidade, como a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, com temáticas construídas como conhecimentos “sociais” nos currículos dos cursos de graduação, são tensionadas as relações de poder-saber. Com isso, haverá embates e questionamentos constantes sobre a importância ou não da existência desses temas nos currículos dos cursos. Conforme Juliana Rizza, ao incluirmos, por exemplo, as questões ligadas às diversidades em uma disciplina:

[...] - sejam estas de gênero, sexuais, de raça, classe, etnia, credo, geração, entre outras -, estarão sendo problematizadas e desestabilizadas concepções curriculares hegemônicas que produzem e reproduzem desigualdades e hierarquias entre os grupos sociais (RIZZA, 2015, p. 76).

A oferta dessa disciplina, no âmbito do Ensino Superior, permite-nos compreender que, em “um currículo sempre há espaço para encontros que escapam à regulação. [...], há sempre possibilidade de que um currículo se abra para a novidade e que é a abertura de corpos e pensamentos” (PARAÍSO, 2018, p. 8). Esses movimentos podem ser percebidos nas respostas dos/as estudantes em mais de um foco de análise das enunciações, a partir de uma das perguntas do questionário, em que apontam, em suas respostas, para as possibilidades de reflexão e destacam o alcance e os desdobramentos que a disciplina permite.

Estudante 8: [...] *por conta do alto índice de desconhecimento da população as novas e diversas orientações sexuais e gêneros, seria interessante repassar estes conhecimentos aos*

²⁴ Poder-saber é uma expressão utilizada por Foucault, que destaca que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 27).

demais, pois muitos julgam sem nem saber do que se trata, achando que é apenas "moda", ou estão apenas querendo chamar atenção!

Estudante 10: [...] vivemos rodeados de diferenças e muitas pessoas ainda classificam o ser humano em caixinhas. É preciso discutir e entender além.

Estudante 12: Para desconstruir preconceitos e conceitos que foram institucionalizados ao longo dos tempos, para que os acadêmicos possam expandir seus conceitos a respeito do tema e principalmente nos cursos de graduação, para que os profissionais saibam abordar essa temática em sala de aula.

Estudante 26: [...] acho importante a informação e a conscientização acerca do assunto, a fim de garantir competências tanto a classe acadêmica quanto aos futur@s profissionais da educação, saúde e afins, dando assim um aporte teórico/metodológico capaz e eficaz ao debate de ideias em questões que envolvam a discussão e/ou diálogos dados em nosso cotidiano social.

Estudante 33: [...] acredito que seja fundamental ter um espaço de aprendizagem e debate sobre sexualidade e gênero, uma vez que: 1) vivemos em um país extremamente intolerante e violento com as ditas "minorias" e 2) mesmo em cursos da área de Humanas, que é o meu caso, tais temas não são debatidos em nenhuma outra disciplina.

Estudante 67: De suma importância. A área da saúde, a qual faço parte, está em contato direto com a população, e sempre que não conhecemos um perfil populacional, ele deixa de ser amparado e bem atendido pelo sistema de saúde. Como garantir um sistema universal se não se ensina um cuidado universal?

Estudante 69: [...] é um tema que perpassa a construção da cidadania, e a universidade deveria contribuir com esse tipo de formação, mesmo que seja de forma acadêmica. Contar apenas com o interesse pessoal de cada estudante não é suficiente, pois para muita gente esses temas não são de importância direta, porém, se fazem externamente importante para a sua formação social.

Estudante 107: De extrema importância. Porque precisamos de mais disciplinas como esta, esclarecedoras de conhecimentos; para que possamos nos desvencilhar das amarras e tirarmos a venda dos olhos e parar de achismo, porque está bem claro que o mundo não é somente rosa e azul, [...] os seres não estão constituídos só no masculino e no feminino, [...] Precisamos amadurecer conhecimentos, e compreender, e assim sentirmos, o quanto é carente e precária nossa visão, desprovida do respeito.

A educação, por sua vez, tem uma contribuição importante na circulação dos conhecimentos acerca das temáticas de corpos, gêneros, sexualidades e diversidades na sociedade, por ser uma maquinaria social permeada de pedagogias de gêneros e de sexualidades, a qual, de alguma maneira, promove um controle dos corpos por meio da disseminação de saberes, da regulação e da normalização desses.

De acordo com Foucault, “para compreender o que são essas relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar essas relações” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 234). Ao refletirmos sobre essas resistências, que emergem a partir de relações de poder-saber, fazemos o exercício de nos questionarmos a respeito da

reivindicação dos/das estudantes para a importância das discussões promovidas pela disciplina. Nesse processo, os/as estudantes são um ponto de resistência. Ademais, o que corrobora, para que as relações de poder, em torno da oferta ou não da disciplina, seja constante, é a participação e o reconhecimento que eles/as conferem à disciplina.

Embora, na pesquisa, a maioria dos/as alunos/as apontem para a importância da disciplina e das discussões que atravessam esse espaço instituído no âmbito do Ensino Superior, – seja de forma obrigatória, seja de maneira optativa ou ainda como atividade complementar – a resposta de dois estudantes expressa uma contrariedade a essa questão, evidenciando-se como outro foco de análise. Em um desses questionários, estava expresso apenas a palavra “não” (Estudante 48) como resposta; já no outro questionário, conforme expresso nas enunciações a seguir, são apresentados argumentos que explicitam os entendimentos desse/a estudante.

Estudante 61: *Não como disciplina obrigatória, pois se formos analisar esse tema também deveria ser obrigatório estudar outras questões, como por exemplo a disciplina de libras. Mas ela poderia ser ofertada como disciplina optativa na grade de todos os cursos.*

É importante destacar que esse dado se configura como relevante para a pesquisa, visto que nossa intenção não é instituir a obrigatoriedade de oferta da disciplina na universidade. Nosso propósito é problematizar os motivos de determinados conhecimentos integrarem os currículos dos cursos de graduação e outros, não; entender por qual razão existe determinada organização curricular e não outra; por que determinada forma de ensinar e não outra. Ainda que questões relativas ao “como” do currículo continuem importantes, elas só adquirem sentido dentro de uma perspectiva que as considere em sua relação com questões que perguntem pelo “por quê” das formas de organização do conhecimento escolar.

Nesse sentido, o currículo sanciona socialmente o poder, por meio das maneiras e das condições pelas quais o conhecimento é selecionado, organizado e avaliado nas escolas (POPKEWITZ, 2008). Isso implica em não o considerar como resultado de um processo social necessário de transmissão de valores, conhecimentos e habilidades, em torno dos quais haja um acordo geral, mas significa enxergar o currículo enquanto um processo contínuo de conflitos e de lutas entre diferentes tradições e diferentes concepções sociais.

Por fim, com base no último foco de discussão que emergiu, a partir da análise das enunciações dos/as estudantes, é possível observar que as problematizações realizadas, durante as aulas, possibilitam que os/as estudantes consigam pensar sobre maneiras de combater o

preconceito, a discriminação. Além disso, incentiva-os no sentido de que possam refletir acerca de modos de se obter a promoção do reconhecimento das diversidades e das diferenças – de classe, de raça, etnia, religião, geracional, gênero e sexualidade – no Ensino Superior, tornando-se, assim, multiplicadores/as dos debates tecidos na disciplina.

Estudante 2: *Considero que a cadeira de gênero e sexualidade deveria ser obrigatória para toda universidade, com os atuais casos de intolerância e violência acho que seria fundamental.*

Estudante 4: *Considero importante que alcance a todos os estudantes de graduação com o objetivo de desconstruir toda a forma de preconceito e discriminação que existe em nossa sociedade.*

Estudante 11: *Entendo que essa disciplina é de extrema importância, pois discutir essas temáticas se faz necessário em um país como o Brasil, onde o preconceito é significativo e escancarado.*

Estudante 12: *Sim! Para desconstruir preconceitos e conceitos que foram institucionalizados ao longo dos tempos, para que os acadêmicos possam expandir seus conceitos a respeito do tema e principalmente nos cursos de graduação, para que os profissionais saibam abordar essa temática em sala de aula.*

Nas enunciações anteriores, os sujeitos de nosso estudo chamam a atenção para o combate aos preconceitos, às discriminações e às violências. Nossa sociedade foi sendo construída com base em um pensamento que colocou a figura feminina, principalmente, como sendo submissa. Inclusive, muitas mulheres, por exemplo, não identificam situações de assédio ou de violência, porque, muitas vezes, são questões que estão tão arraigadas na sociedade que se tornam imperceptíveis. Logo, é só por meio do debate que se torna possível visualizar e romper com alguns desses comportamentos naturalizados.

Apesar dos esforços de autoridades, de ativistas, de toda uma rede que trabalha na busca para que todos/as possam gozar desses direitos essenciais e mínimos para uma vida digna, mulheres e sujeitos LGBTI+, frequentemente, ainda têm sua dignidade negada, seja por meio da violência, do preconceito ou da discriminação. O Brasil é um dos países que tem os mais altos índices de violência contra essas populações, as quais resultam, muitas vezes, em assassinatos. De acordo com os dados da 13ª Edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2018, “1.206 mulheres foram vítimas de feminicídio, sendo 61% de mulheres negras e 52,3% dos assassinatos cometidos por arma de fogo. Em 88,8% dos casos, o autor era o companheiro ou o ex-companheiro da vítima” (BRASIL, 2019)

Além disso, o Brasil apresenta altos índices de violência contra LGBTI+, chegando a números significativos de mortes desses sujeitos. O relatório emitido pelo site Homofobia Mata menciona que, em 2018, ocorreu a morte de 420 pessoas LGBTI+ em decorrência de homofobia. Os dados sobre isso são bastante expressivos: “a cada 20 horas um LGBT morre de forma violenta vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais” (HOMOFOBIA MATA, 2018, p. 1). Ainda, segundo o site, “[...]matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT” (HOMOFOBIA MATA, 2018, p. 2).

Esses dados de violência contra mulheres e sujeitos LGBTI+ são uma pequena parcela do que as estatísticas vêm nos mostrando, e essas questões também se articulam às discussões promovidas durante a disciplina de *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*. Nesse sentido, acreditamos ser a universidade uma instituição importante para problematizar essas questões.

No entanto, é importante destacar que temos o entendimento de que ter uma disciplina como a de *Gêneros e Sexualidades, nos Espaços Educativos*, sendo ofertada na universidade, não significa conseguir a redução das violências, do preconceito e da discriminação. Acreditamos que esse tipo de iniciativa seja uma possibilidade para que os/as estudantes consigam repensar sobre essas questões, buscando, assim, maneiras para minimizar essas diferentes formas de violências.

Outra questão, a qual foi mencionada nas enunciações, é com relação à tolerância. Contudo, destacamos que a ideia de tolerância não é trabalhada na disciplina, mas sim o respeito, pois a tolerância “[...] perpetua hierarquias, relações de poder e atualiza técnicas de gestão das fronteiras da normalidade” (JUNQUEIRA, 2014, p. 8). Essas fronteiras são responsáveis por manter vivos os preconceitos, por marginalizar, silenciar e, até mesmo, matar aqueles/as que são considerados fora da norma. No Brasil e no mundo, pessoas morrem, todos os dias, em função de não se enquadrarem no que é entendido para alguns/algumas como “normal” e/ou “natural” em relação aos gêneros, aos corpos ou às sexualidades.

Então, é importante que esse movimento de luta e de resistência, para garantir que as discussões sobre corpos, gêneros e sexualidades continue a ser promovido no âmbito da educação, mais especificamente nas universidades, seja por meio de uma disciplina ou de forma transversal, em articulação com diferentes campos de conhecimento. Dessa maneira, as pessoas podem refletir sobre questões importantes e ajudarem na promoção de uma sociedade com mais respeito e dignidade a todos/as.

Algumas Considerações

Os/as estudantes compreendem a disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, e as discussões nela propostas, como iniciativa importante e que deve estar presente na universidade. Afirmam ser crucial para o combate aos preconceitos, às discriminações e às violências, tanto que ficou evidente, nas análises de alguns/algumas participantes do estudo, a reivindicação da oferta obrigatória da disciplina. Eles/as apontaram, ainda, que as principais questões relacionadas às temáticas trabalhadas, na disciplina, e que são preocupações constantes da nossa sociedade, são os altos índices de violência contra as mulheres e a população LGBTI+. Essas são algumas discussões presentes em nossa sociedade, as quais emergiram em sala de aula e acabaram sendo problematizadas, permeando, assim, de alguma forma, alguns currículos dos cursos de graduação.

Ficou nítida, dessa forma, a importância de pensarmos em currículos do Ensino Superior que questionem práticas pedagógicas que vêm enfatizando uma visão de conhecimento que legitima determinadas produções identitárias em detrimento de outras ou que têm legitimado o discurso científico como aquele que deve integrar o currículo, colocando, assim, as pautas de gêneros, sexualidades e corpos, muitas vezes, às margens do currículo.

O processo de fabricação dos currículos das universidades não é lógico nem neutro, ele tem caráter social e cultural. Convivem, lado a lado, com os currículos, fatores lógicos, epistemológicos e intelectuais, determinantes sociais menos “nobres” e menos “formais”, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle. Nesse sentido, o currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados válidos socialmente.

Por esse viés, ele é produzido para ter efeitos (e tem) sobre pessoas. As instituições educacionais processam conhecimentos, contudo também – e em conexão com esses conhecimentos – pessoas. Assim, é importante prestar atenção às formas pelas quais o processamento diferencial do conhecimento está vinculado ao processamento diferencial de pessoas. Diferentes currículos produzem diferentes sujeitos, de forma que não devem ser vistos apenas como representação de interesses sociais determinados, mas também como produtores de identidades e de subjetividades sociais determinadas.

Desse modo, a oferta da disciplina *Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos*, no âmbito do Ensino Superior, possibilita a emergência de outros olhares e de outras enunciações, fazendo os/as estudantes repensarem seus entendimentos e desestabilizarem alguns discursos

naturalizados em nossa sociedade. Isso, por sua vez, pode contribuir para a existência de outras formas de ser e de estar no mundo.

Nossas discussões não se encerram neste estudo. Esperamos que outros olhares a respeito da oferta de disciplinas que tenham, como temáticas, os gêneros, as sexualidades e os corpos possam emergir e que sejamos sempre instigadas/os a novos acontecimentos. Ademais, desejamos que essas questões sejam não somente motivo de dúvidas nem, muitas vezes, de disputas. Nossa vontade é que, por intermédio delas, possamos caminhar em direção a uma sociedade em que as “diferentes” vivências, em relação aos corpos, aos gêneros e às sexualidades, sejam respeitadas.

Referências

BARROS, José D' Assunção. Uma “disciplina” – entendendo como funcionam os diversos campos de saber a partir de uma reflexão sobre a história. **Opsis**, Catalão, v. 11, n. 1, p. 252-270, jan.-jun. 2011.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponibilidade em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em 09 abr. 2020.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24. ed. São Paulo: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HOMOFOBIA MATA. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil relatório 2018**. Disponibilidade em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2018.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e a ofensiva antigênero. RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 179-210.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Conceito de diversidade. **Revista diversidade e Educação**, v. 2, n. 3, p. 4-11, jan.-jun. 2014.

PARAISO, Marluce Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* (Org.). **Corpo, gênero**

e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 7-28.

POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulamentação social e poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 173-210.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; Rizza, Juliana Lapa; ÁVILA, Dárcia Amaro. Gênero e Sexualidade no Ensino Superior: reflexões sobre a produção de possíveis heterotopias. In: MAGALHÃES, Joanalira Corpes Magalhães; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.). **Educação para a sexualidade.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2014. p. 129-142.

RIZZA, Juliana Lapa. **A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras.** 2015. 217 f. Tese, Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

RIZZA, Juliana Lapa; RIBEIRO Paula Regina Costa; MOTA, Maria Renata. Disciplinas que discutem sexualidade nos currículos do Ensino Superior brasileiro: produzindo um diagnóstico da situação atual. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 197-224, maio-ago. 2016.

SOUZA, Marcos Lopes; FERRARI, Anderson. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino em Re-vista.** v. 26, n. 1, p. 40-59, jan.-abr. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 190-207.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

2. NOTAS SOBRE UMA DISCIPLINA QUE DISCUTE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Resumo: Este artigo tem, como objetivo, analisar as enunciações de estudantes universitários que cursaram a disciplina “Gêneros e sexualidades nos espaços educativos”, ofertada pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, buscando problematizar se eles/as perceberam mudanças em seus entendimentos em relação às temáticas corpos, gêneros e sexualidades. Para tanto, aplicamos um questionário on-line, composto de perguntas abertas e fechadas, aos/as estudantes. Nas análises, o espaço da disciplina foi apontado como: uma possibilidade de repensar seus entendimentos sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades; um espaço que promove o reconhecimento das diferenças, auxiliando na compreensão de preconceitos e discriminações e uma disciplina relevante para a formação profissional deles/as. Todavia,

alguns/algumas estudantes afirmaram que não perceberam mudanças de entendimentos a respeito dessas temáticas após cursarem a disciplina, mas apontaram um aprofundamento sobre os temas trabalhados nas aulas. Assim, por meio desse estudo, ficou evidente que os/as estudantes reconhecem o espaço da disciplina como uma possibilidade para eles/as repensarem seus entendimentos acerca dos assuntos corpos, gêneros e sexualidades.

Palavras-chave: Corpos; Gêneros; Sexualidades; Disciplina; Ensino Superior.

Introdução – Tecendo algumas notas iniciais

Nas últimas décadas, é possível constatar que os debates acerca das questões de gênero e sexualidade têm adentrado, de forma mais significativa, a arena de debates no âmbito da educação. Isso se dá seja pela presença das múltiplas formas dos sujeitos produzirem e viverem os seus gêneros (travesti; transexual; gênero fluido; gênero não binário; entre outras posições de sujeito) e as suas sexualidades (bissexual; assexual; homossexual, entre outras), seja pelos movimentos antigênero mobilizados por um conservadorismo social de alguns grupos populacionais, os quais ditam que a escola ensina, e a família educa.

Essas pautas, por sua vez, embrenharam não somente a Educação Básica, visto que, em outras etapas de ensino, também é possível notar alguns movimentos. No Ensino Superior, por exemplo, algumas políticas públicas passaram a considerar o debate das questões de gênero e sexualidade como importantes de serem promovidos em espaços destinados à formação profissional dos sujeitos, como as universidades.

Dentre as políticas, podemos citar as Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial (2015) em nível superior e as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (2012), em que as questões de gêneros e sexualidades estão expressas. Além disso, ainda nas universidades, é possível observar a emergência de disciplinas que vêm sendo ofertadas e que têm, como foco de discussão, as temáticas de gêneros e sexualidades (RIZZA, 2015). Cabe destacar que essas disciplinas, de alguma forma, vêm tensionando os currículos dos cursos de graduação e a formação profissional dos sujeitos, já que elas enfatizam a importância de temas contemporâneos, como assédio sexual, equidade de gênero, LGBTQIfobia, dentre outros.

Esse movimento de oferta de disciplinas, no Ensino Superior, com a finalidade de discutir as temáticas corpos, gêneros e sexualidades, é apresentado na tese de doutorado de Juliana Rizza. A pesquisadora realizou um mapeamento em todas as universidades federais

brasileiras, buscando investigar a oferta de disciplinas com essas discussões em cursos de licenciatura, bacharelado e tecnólogo. Segundo ela:

[...] essas disciplinas expressam uma relação de poder/prazer/saber/ instaurada pelo dispositivo da sexualidade, que busca capturar os sujeitos em suas tramas, mas a partir também de outros dispositivos que não somente aqueles pautados na materialidade biológica e no cuidado com a saúde e o risco a doenças. Outros saberes então ingressam nessa teia discursiva sobre a sexualidade, já que a palavra de ordem na atualidade é a promoção e o reconhecimento da diversidade e da diferença (RIZZA, 2015, p. 32).

Além da pesquisa que corrobora com o que apontamos, é também importante citarmos alguns dados do relatório final de um seminário sobre “Educação em Sexualidade e relações de Gênero na formação inicial docente no Ensino Superior” (UNESCO, 2017), realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pela Fundação Carlos Chagas (FCC/SP) e pela Rede de Gênero e Sexualidade (REGES). Nesse relatório, é apontado que:

(1) apesar dos marcos normativos possibilitarem a inserção da discussão de tais temáticas nas escolas, a realidade social não é favorável; (2) a inserção tem sido realizada de forma isolada, por iniciativas individuais e com disciplinas não obrigatórias; (3) os grupos e os núcleos de pesquisa têm sido grandes aliados nessa discussão no âmbito das universidades; e (4) aspectos religiosos têm influenciado sobremaneira a inclusão de tais temáticas nas escolas, assim como o desenho de políticas públicas. Com base nesses aspectos, alertava-se para a necessidade de uma discussão sobre a reestruturação desses currículos de modo que os temas apresentados nesse seminário passassem a ser obrigatórios na formação de profissionais da educação no Brasil. (UNESCO, 2017, p. 4)

Ainda de acordo com o relatório (UNESCO, 2017), para 2030, foi instituído um marco, assinado por diversos países, que aponta para a importância de discussões sobre as questões de gênero na educação, visando a uma agenda que promova estratégias no combate à discriminação de gênero e uma atenção aos grupos vulneráveis na tentativa de que esses grupos não sejam deixados de lado em nenhum aspecto social.

Na busca dos objetivos citados pelo documento, um destaque importante é feito para alcançarmos a promoção da igualdade e equidade de gênero e também para o enfrentamento de preconceitos e discriminações. O destaque está na busca de brechas na atuação dos/as profissionais das mais diversas áreas, “[...] que não dependam somente das ações cotidianas de cada um de nós, mas que sejam institucionalizadas pelos setores da educação e saúde [...]” (UNESCO, 2017, p. 5).

Desse modo, as temáticas corpos, gêneros e sexualidades vêm disputando espaço nos currículos do Ensino Superior e possibilitando a emergência de um debate que tem o intuito de colaborar na construção de uma sociedade que respeita as diversidades de gênero, de raça/etnia, de sexualidade, entre outros aspectos que nos constituem enquanto sujeitos.

Sabemos que a universidade é um espaço de multiplicidade, da diversidade, de todos/as e para todos/as, um lugar de produção de conhecimentos e de vivências, de múltiplas posições de sujeitos. Em função disso, entendemos como importante que a diversidade e a diferença sejam pautas presentes nas problematizações tecidas no âmbito dos cursos de graduação, uma vez que é por intermédio delas que vamos conhecendo/reconhecendo aos outros e a nós mesmos, marcando, assim, as diferenças.

A importância desse conhecimento diz respeito também à possibilidade de se “[...] questionar as práticas nas quais estamos inscritos/as, é possível pensar, também, que as normas podem ser multiplicadas para que elas nos caibam em nossas diferenças” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 18). A partir disso, quem sabe, possamos lutar por uma sociedade mais plural, a qual respeite essas diferenças, sejam elas relacionadas aos nossos corpos, ou à maneira que nos reconhecemos enquanto sujeitos com gêneros e sexualidades diversos.

Essas múltiplas posições de sujeito vêm permeando os estudos e as pesquisas no que tange à formação profissional nos diferentes campos de conhecimento, ou seja, não é algo que permeia uma ou outra atuação profissional, mas, que nos dias atuais, tornou-se imprescindível para as mais diferentes áreas de atuação no mercado de trabalho.

Dessa maneira, os debates dessas questões vêm atravessando as diferentes formações profissionais dos sujeitos, impactando o mercado de trabalho, abrindo brechas para a possibilidade de serem constituídos profissionais que tenham um olhar atento, bem como que estejam preparados/as para lidar com as múltiplas produções identitárias. Enfim, profissionais que reconheçam as diversidades e diferenças, que as respeitem.

É importante salientarmos que, embora essas mudanças possam ser percebidas no mercado de trabalho, elas não são garantia para que os sujeitos que não se enquadrem nos modelos heteronormativos possam exercer suas profissões. Afirmamos isso em função de que existem outros elementos nessa rede discursiva – discurso religioso; discurso médico; discurso científico; discurso moral, entre outros – que estão implicados diretamente na exclusão de muitos sujeitos que rompem com as normas culturalmente construídas.

Sobre essa problemática que apontamos anteriormente, devemos considerar a construção social e a normalização dos corpos, pensadas e vinculadas a padrões heteronormativos. Assim, para corroborar com esse estudo, trouxemos as contribuições de Julia

Varela (1994), as quais indicam que houve uma pedagogização do conhecimento, a qual se deu por meio de uma seleção e de uma organização dos saberes, com o intuito de uma formação voltada à construção de “bons cristãos”.

A organização dos saberes foi pensada para cada nível de capacidade intelectual e de acordo com a idade dos/as estudantes. Essa pedagogização dos conhecimentos teve, por finalidade, “[...]conferir, tanto aos *estudantes*, como aos saberes, uma natureza moralizada e moralizante” (VARELA, 1994, p. 89). E foi através desse discurso moral que se construiu nosso conhecimento e nossos modos de ser e estar no mundo, os quais têm excluído, em especial, os sujeitos que fogem a essas normas heteronormativas impostas e tão bem articuladas discursivamente.

Nessa busca por uma moral cristã, muitas questões sociais foram sendo colocadas à margem da sociedade, como é o caso dos assuntos relacionados aos corpos, aos gêneros e às sexualidades. Contudo, é importante lembrar que discussões no âmbito biológico sobre essas temáticas “sempre foram feitas”. As tentativas de silenciamento dessas questões, feitas por alguns grupos da sociedade, ao longo dos tempos, tinham, e ainda têm, o propósito de que elas não fossem problematizadas e que o padrão heteronormativo, difundido e normalizado, em nossa sociedade, não fosse questionado.

Dessa forma, para tentar conter as problematizações em torno dessas questões no âmbito da educação, as temáticas corpos, gêneros e sexualidades têm sido alvo de discursos que as produzem, socialmente, como “saberes sem utilidade” ou, até mesmo, “sem importância” de serem abordadas na escola, nas universidades e em outros espaços sociais.

Os saberes que foram ganhando reconhecimento, nas mais diferentes formações profissionais, são aqueles ligados à escrita, à matemática; que são saberes tidos como “verdadeiros, inquestionáveis”. Logo, “saberes ligados ao mundo do trabalho, às lutas sociais, às culturas de determinados grupos ou classes sociais começaram a ficar marcados pelo estigma do erro e da ignorância e viram-se desterrados do recinto sagrado da cultura culta [...]” (VARELA, 1994, p. 89).

Esse movimento reflete diretamente no mercado de trabalho, nas empresas, nas indústrias, nas fábricas, nos escritórios, entre outros espaços de atuação profissional, os quais, sem um preparo e debate sobre essas questões, excluíram e excluem sujeitos pelos mais diferentes motivos relacionados a preconceitos construídos socialmente. Essas diferenciações, por sua vez, são dirigidas, de forma pontual, aos sujeitos LGBTQI+ como apontou o estudo de Henrique Zanin, Leandro Ferreira e Luiz Ribeiro (2019).

Para eles, além de o Brasil ser o país que mais mata essa parcela da população no mundo, existe, ainda, o agravante de que os sujeitos LGBTQI+ não têm acesso aos mais diferentes ramos relacionados ao trabalho formal. Além disso, os autores destacam que, mesmo havendo uma legislação envolvendo o direito ao trabalho de maneira que as minorias não sejam discriminadas ou até mesmo tenham seu acesso prejudicado, no Brasil, esses direitos ainda são violados, impedindo que esses sujeitos permaneçam ou, em muitos casos, ingressem no mercado de trabalho.

Na contramão desse movimento, temos a emergência de discussões sobre esses temas adentrando os mais diferentes espaços. Um desses lugares é a universidade, conforme já pontuamos no início desse estudo.

O debate sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades, no Ensino Superior, tem se tornado constante. Segundo Juliana Rizza (2015), o movimento dessas discussões, nesse nível de ensino, é significativo e vem crescendo, já que muitas universidades estão ofertando disciplinas com a finalidade de problematizar essas questões.

Ainda na concepção dessa autora, “essas disciplinas são oferecidas em diferentes cursos de graduação e apresentam distintas abordagens: falam nas questões de gênero, saúde, cuidados com o corpo, diversidade em diferentes enfoques – de sexo, de raça, de etnia, de gênero [...]” (RIZZA, 2015, p. 64). Com esse aumento da abordagem e com a criação de disciplinas que vêm problematizando as questões de gênero e sexualidade em interface com diferentes espaços educativos, os/as estudantes passaram a ter a possibilidade de vivenciar outras experiências, para além das interlocuções que já estavam presentes nos currículos das universidades.

Observamos, então, que essas disciplinas promoveram pequenas rupturas nos currículos do Ensino Superior. Isso se deu a partir de suas ofertas, tensionando as relações de poder/saber²⁵, visto que essas questões sempre foram tidas como saberes não “oficiais”. Esses tensionamentos desestabilizaram essas relações de poder/saber em torno de questões como a diversidade sexual e de gênero, a LGBTfobia, o sexismo, o assédio sexual, entre outras discussões. A partir disso, foi possível “repensar, desestabilizar e borrar algumas fronteiras instituídas e discursos naturalizados, produzindo outras formas de ser e estar no mundo em que vivemos” (RIBEIRO; RIZZA; ÁVILA, 2014, p. 140).

Assim, temos, como objetivo, nesse artigo, analisar as enunciações de estudantes que cursaram a disciplina gêneros e sexualidades nos espaços educativos, ofertada pela

²⁵ Poder/saber é uma expressão utilizada por Foucault, o qual destaca que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (1999, p. 27).

Universidade Federal do Rio Grande. Nosso intento é problematizar se eles/as perceberam mudanças em seus entendimentos em relação às temáticas discutidas após cursarem a disciplina.

Antes de tecermos nossas estratégias de pesquisa e as nossas análises, é necessário que se faça uma breve apresentação da disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos.

Tecendo algumas notas sobre a disciplina

A disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos é disponibilizada para todos os cursos de graduação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG – 15 cursos de licenciatura, 32 de bacharelado e 2 de tecnólogos, totalizando, desse modo, 49 cursos de graduação – e é importante deixar claro que essa oferta acontece de maneiras diferentes. Em alguns cursos, a disciplina é ofertada de forma optativa, assim, ela aparece enquanto um componente curricular, ou seja, está explícita na grade curricular desses cursos, juntamente com as demais disciplinas ofertadas de forma obrigatória e também optativa. Apenas em um curso de Educação a Distância (EAD) a disciplina passou a ser obrigatória.

Com isso, os/as estudantes conseguem ter conhecimento de que a disciplina de Gêneros e Sexualidades, nos Espaços Educativos, é uma possibilidade para ser cursada ao longo de suas graduações.

Em outros cursos, ela não faz parte do conjunto de disciplinas oferecidas, nem das optativas nem das obrigatórias. Em função disso, os/as estudantes desses cursos têm conhecimento sobre a oferta da disciplina através do sistema da universidade, das notícias na página da universidade, de divulgações feitas em redes sociais. Nesses casos, a oferta da disciplina, para esses/as estudantes, acontece enquanto uma atividade complementar.

Dentre os cursos que têm a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos como optativa, estão seis cursos de bacharelado: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Direito, Medicina e Psicologia; e cinco cursos de licenciatura: Pedagogia, Educação Física, Letras Português, Letras Português Francês, Letras Português Inglês, totalizando 11 cursos. No curso de Ciências Licenciatura EaD, por sua vez, ela é obrigatória. Para os outros 37 cursos da universidade, a oferta dela se dá de forma complementar.

Quando a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos foi pensada/organizada, sabendo-se que sua oferta se daria para todos os cursos de graduação, foi levada em consideração a sua nomenclatura, composta pela expressão espaços educativos. Isso

foi pensando para que ela expressasse a ideia de que gênero e sexualidade não são temáticas que atravessam apenas os espaços formais de educação, mas sim todos aqueles espaços “que produzem conhecimentos e saberes e que, de alguma forma, ensinam-nos modos de ser e estar no mundo, construindo e (re)produzindo significados sociais. Assim, não somente a escola é um espaço educativo, mas todos que exercem pedagogias [...]” (LONGARAY; RIBEIRO, 2015, p. 725).

Desse modo, são espaços como a família, as instituições religiosas, os grupos de amigos/as, entre outros espaços em que transitamos como, por exemplo, as mídias e as redes sociais que, diariamente, constituem-nos através dessas diferentes pedagogias sociais e culturais.

Pensando assim, foi realizado um movimento de apresentação da disciplina para todos/as os/as coordenadores/as de cursos de graduação da universidade, visto que ela carregava, já na sua nomenclatura, a ideia de espaços que nos educam.

Paula Ribeiro, Juliana Rizza e Dárcia Ávila apontam que, durante a apresentação da proposta da disciplina, foi preciso “problematizar o entendimento de espaços educativos [...] tensionando sobre os diferentes espaços sociais [...] locais que ensinam e possuem uma pedagogia, ou seja, espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados [...]” (2014, p. 138), sejam esses acerca dos corpos, dos gêneros ou das sexualidades, que, de diferentes maneiras, interpelam-nos e produzem sentidos.

Portanto, a expressão espaços educativos emerge com o objetivo de tensionar as áreas de conhecimento que estão vinculadas aos variados cursos de graduação, problematizando que as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, discutidas na disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, não são assuntos exclusivos de uma ou outra área. Além disso, é preciso que as mais diversas áreas possam compreender/problematizar seus conceitos, pensando acerca da forma como vamos sendo produzidos/as social, histórico e culturalmente a partir das marcas de gênero e de sexualidades que são inscritas em nossos corpos. Essas questões permeiam/atravessam, e/ou deveriam permear/atravesar, todas as formações profissionais.

Se revisitarmos os movimentos empreendidos por Michel Foucault (2015), a respeito da forma como os discursos sobre a sexualidade foram sendo produzidos, ao longo dos tempos, é possível perceber que diferentes campos do saber, como a educação, a psicologia, a medicina entre outros, foram produzindo e, até mesmo, instituindo alguns discursos sobre a sexualidade como legítimos. Ainda, essas áreas elegeram locutores/as e interlocutores/as autorizados/as ou não a falar sobre a sexualidade.

Sabemos que essas questões geram implicações, até mesmo nos dias atuais, quando se pensa no que é ou não importante para integrar os currículos dos cursos de graduação no âmbito do Ensino Superior, no que tange às diferentes formações profissionais dos/as acadêmicos/as. Desse modo, os discursos que foram sendo produzidos interpelaram as áreas do conhecimento de diferentes formas, fazendo, assim, que, em alguns cursos, as pautas de gênero e sexualidade estivessem presentes, como em algumas licenciaturas e bacharelados, e em outros não, como nos cursos de tecnólogo.

Em nosso estudo, tomamos, como base, os cursos de bacharelado que ofertam a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, em suas grades curriculares, como disciplina optativa, os quais são Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Direito, Medicina e Psicologia; e também os cursos de licenciatura: Pedagogia, Educação Física, Letras Português, Letras Português Francês, Letras Português Inglês. Assim, buscamos, nas diretrizes curriculares nacionais desses cursos, analisar se essas temáticas são contempladas nas diretrizes.

De acordo com Rodrigo Carvalho, as Diretrizes Curriculares “podem ser entendidas como um conjunto de orientações, de parâmetros gerais curriculares, colocado para uma etapa educacional” (2015, p. 467), que, no caso desse estudo, é o Ensino Superior. Ainda segundo o autor, as diretrizes são constituídas por um “conjunto de enunciados implicados em uma discursividade pedagógica oficial, não se operacionalizam por meio da repressão ou do constrangimento, mas através da produção permanente da subjetividade de todos os envolvidos” (CARVALHO, 2015, p. 468).

Ao analisarmos as diretrizes curriculares dos cursos citados anteriormente, observamos que somente no curso de Pedagogia as discussões de gêneros e sexualidades estão expressas no perfil do/a licenciado/a. Nesse perfil, são descritas as aptidões para os/as egressos/as do curso: “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (BRASIL, 2005, p. 9).

Ademais, nas diretrizes do curso de Pedagogia, especificamente na organização curricular do curso, está prevista a atenção às questões de gênero e sexualidade. Nessas normativas, também se dispõe acerca da atenção às orientações do Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001):

[...] no sentido de que a formação de professores, nas suas fases inicial e continuada, contemple a educação dos cidadãos(ãs), tendo em vista uma ação

norteada pela ética, justiça, dialogicidade, respeito mútuo, solidariedade, tolerância, reconhecimento da diversidade, valorização das diferentes culturas, e suas repercussões na vida social, de modo particular nas escolas, dando-se especial atenção à educação das **relações de gênero**, das relações étnico-raciais, à **educação sexual**, à preservação do meio ambiente articuladamente à da saúde e da vida, além de outras questões de relevância local, regional, nacional e até mesmo internacional (BRASIL, 2005, p. 10, grifo nosso).

Nos trechos destacados das diretrizes para o curso de Pedagogia, é possível observar que está prevista a atenção para as temáticas gêneros e sexualidades, entre outras questões que permeiam as relações sociais, mostrando a importância desses assuntos serem abordados no curso de graduação em licenciatura. As diretrizes “operam articulando jogos de poder e vontade de saber, estabelecendo vínculos entre um jogo de sedutoras proposições que tem por objetivo produzir” (CARVALHO, 2015, p. 467) sujeitos, e cada vez mais essa produção vem sendo discutida e pensada para além dos discursos que nos ensinam padrões heteronormativos, os quais acabam por normalizar preconceitos e discriminações.

Conforme apontamos nesse estudo, essas questões emergiram em disciplinas no Ensino Superior, as quais passaram a discutir sobre corpos, gêneros e sexualidades. Dessa forma, entendemos esse espaço como potente para a produção, problematização e tensionamento dos discursos em torno dessas temáticas. Considerando esses apontamentos, nesse texto, nossa proposta centra-se em pesquisar um outro espaço-tempo no currículo do Ensino Superior, ou seja, a disciplina Gêneros e Sexualidades nos espaços educativos a partir das enunciações de acadêmicos/as que cursaram essa disciplina.

Tecendo as estratégias da pesquisa

Ancoradas nos pressupostos dos Estudos Culturais do viés pós-estruturalista, trilhamos alguns caminhos ao longo da pesquisa, buscando desnaturalizar e problematizar algumas verdades que nos constituem enquanto sujeitos. Tais verdades vão nos ensinando maneiras/modos de viver em sociedade e, especialmente, no que diz respeito às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, que são centrais nesse estudo.

Os Estudos Culturais, conforme pontua Marisa Vorraber Costa, “configuram um movimento das margens contra o centro. Sua principal virtude talvez seja a de começar a admitir que a inspiração possa advir de qualquer lugar, contribuindo para desfazer os binarismos tão fortemente aderidos às epistemologias tradicionais” (COSTA, 2004, p. 13). Isso nos permite problematizar os binarismos ligados aos gêneros e às sexualidades como, por exemplo, os pares

homem/mulher, heterossexual/homossexual, possibilitando, assim, algumas discussões sobre questões que sempre estiveram à margem da sociedade. Com isso, buscamos outros olhares, atentos e dispostos a pensar a respeito nossa construção social e acerca da naturalização de comportamentos que, muitas vezes, são preconceituosos.

Os Estudos Culturais nos dão a possibilidade de abrir brechas, de caminhar em solo fértil de saídas, de escapes, rompendo as “grades totalizantes e homogeneizadoras das grandes metanarrativas na busca pela singularização” (COSTA, 2002, p. 19). Essa perspectiva “não se destina àqueles e àquelas que acreditam que existe “um caminho certo” e que, ao encontrá-lo, tudo se resolve como num passe de mágica. Dirige-se a todos/as que estão dispostas/os a inventar seu próprio caminho” (COSTA, 2002, p. 19).

Desse modo, temos o intuito de inventar/produzir os nossos caminhos a fim de problematizarmos, de colocarmos em suspensão as redes de enunciações dos/das estudantes universitários sobre os entendimentos produzidos por eles/as acerca da disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos.

Na trajetória da pesquisa é que emerge o caminho para produção dos dados, e nossa escolha foi pela utilização de um questionário. Em nosso entendimento, essa ferramenta configura-se como uma estratégia para responder às questões levantadas nesse estudo.

Importante destacarmos, ainda, que o questionário foi organizado com 20 perguntas abertas e fechadas, sendo aplicado aos/as estudantes que cursaram ou que estavam cursando a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços e que aceitaram participar do estudo. O recorte temporal da pesquisa foi o seguinte: ela foi realizada do segundo semestre de 2012 ao primeiro semestre de oferta da disciplina em 2018, sendo 2012 o ano em que a disciplina começou a ser ofertada e 2018 o ano de nosso ingresso no mestrado, quando o finalizamos com os dados produzidos para a qualificação.

As perguntas fechadas do questionário²⁶ tinham, como objetivo, conhecer os/as participantes. Assim, foram aplicados questionamentos relacionados a gênero, sexualidade, religião, entre outros. Já as perguntas abertas, destacavam as percepções deles/as sobre a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos.

²⁶ Algumas perguntas do questionário foram problematizadas em outro artigo.

Na construção do questionário²⁷ utilizamos a plataforma do *google forms*²⁸, a qual tem um sistema que salva e organiza as respostas, gerando um link para acesso ao questionário. Isso nos possibilitou o envio dessa ferramenta de análise para todos/as os/as estudantes que cursaram ou estavam cursando a disciplina durante o período já mencionado. É importante salientar que o acesso aos/as estudantes ocorreu através de documentos, como cadernos de chamada e relatórios de notas vinculados ao sistema da universidade. Esse movimento possibilitou a identificação dos/as estudantes que concluíram a disciplina, um total de 537 concluintes, que corresponde ao número de questionários enviados. Desse total, recebemos o retorno de 110 questionários respondidos.

O questionário, como estratégia para a produção dos dados da pesquisa, permitiu, além da emergência das enunciações construídas sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, que pudéssemos conhecer o perfil dos/as estudantes que passaram por alguma oferta da referida disciplina. Os sujeitos participantes do estudo eram de diferentes cursos de graduação, gêneros, sexualidades, idades e religiões. Assim, em primeiro momento, apresentaremos o perfil desses/as estudantes, os quais participaram da pesquisa, conforme as respostas deles/as às perguntas fechadas do questionário.

Em relação à idade dos/as estudantes, os dados apontam que: 55% possuía entre 20 – 30 anos; 23% tinha de 31 – 40 anos; 15% possuía de 52 – 60 anos; 6% apresentava de 42 – 50 e 1% tinha 61 anos. No que diz respeito ao gênero, 61% dos/as estudantes se reconheceram como mulheres cisgênero; 20% se classificaram como homens cisgênero; 7% mulheres afirmaram ser transgênero; 3% se reconheceram como homens transgênero; 3% como não binários; 2% afirmaram pertencerem ao gênero fluido; 1% se classificou como “bixa preta travesti não binária”; 1% mulher e 1% homem hetero. Segundo podemos constatar, além das diferentes faixas etárias dos/as estudantes que responderam ao questionário, essa diversidade aparece também em relação às suas identidades de gênero, apesar de a maior porcentagem que respondeu ao questionário ainda ter se reconhecido como mulheres cisgênero.

Quanto à raça/etnia, 71% se declararam pessoas brancas; 14%, pardas; 13%, pretas; 1%, amarela e 1% quilombola. Já no que se refere à identidade sexual/orientação sexual, 66% dos/as estudantes que responderam ao questionário se reconheceram como heterossexual; 14%,

²⁷ Antes de enviarmos o questionário para todos/as estudantes, optamos por fazer um pré-teste em que, primeiramente, o enviamos pela plataforma *moodle* e por e-mail aos estudantes que cursaram a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos no ano de 2018. Após o retorno das respostas, verificamos que não seriam necessárias modificações na estrutura do questionário e que poderíamos enviá-lo para os/as demais estudantes da disciplina, dando, assim, seguimento à pesquisa.

²⁸ Serviço gratuito presente na plataforma *google*, o qual possibilita a produção de formulários e questionários para pesquisa.

bissexual; 11%, gay; 3%, lésbica; 2%, assexual; 2%, pansexual; 1% preferiu não declarar e 1% não soube dizer com exatidão.

Perguntamos também qual a religião dos/das estudantes. Com relação a isso, 36% responderam não pertencer a nenhuma religião; 21% se declararam católicos/as; 13%, espírita; 12%, de alguma religião afro-brasileira (umbanda ou candomblé); 7% preferiu não declarar; 3% afirmaram ter fé, sem religião; 2% afirmaram ser budista; 1%, agnóstica; 1%, evangélica; 1%, mórmon; 1%, luterano; 1%, amor a mim e ao universo e, por fim, 1% se declarou espiritualista.

Dos/as estudantes que responderam ao questionário, 59 cursaram e/ou estavam cursando as seguintes licenciaturas: Pedagogia, Geografia, Educação Física, Química, Letras Português/Inglês, Letras Português/Espanhol, Ciências Biológicas, Letras Português, Artes Visuais, Física, Matemática. Além desses, 41 estudantes cursaram e/ou estavam cursando bacharelado nos seguintes cursos: Psicologia, Arquivologia, História, Artes Visuais, Administração, Oceanologia, Direito, Medicina, Arqueologia, Biblioteconomia e Sistemas de Informação. Ainda, havia 10 estudantes que não identificaram os cursos que cursaram e/ou que estavam cursando.

Para as análises das enunciações dos/as estudantes, realizadas nesse artigo, foi considerada a seguinte questão aberta do questionário: Depois que você fez a disciplina, percebeu mudanças em seus entendimentos em relação às temáticas discutidas? Por quê?

É necessário lembrar que entendemos a enunciação a partir de Foucault. Assim, para nós, ela é “um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir” (FOUCAULT, 2004, p. 114). As enunciações são a expressão do que os/as estudantes apontam sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos. Em função disso, não temos a intenção de desvelar, de decifrar algo não dito, mas sim de olhar a materialidade do que foi expresso nas enunciações.

Tecendo algumas discussões a partir das enunciações dos/as estudantes

A disciplina “Gêneros e sexualidades nos espaços educativos” foi pensada com a “proposta de suscitar novos acontecimentos” (RIBEIRO, RIZZA, ÁVILA, 2014, p. 132), mobilizar, movimentar os/as estudantes do Ensino Superior a “pensar em outras experiências para além do que é instituído nos currículos oficiais dos cursos de graduação” (Idem, Ibidem). A partir dela, a pretensão era de compartilhar conceitos e teorias em torno das temáticas corpos, gêneros e sexualidades e, através das discussões propostas, possibilitar a desconstrução e a

desnaturalização de tabus, de preconceitos, de representações construídas social e culturalmente.

Essas questões nos levaram a debruçarmos nosso olhar nas enunciações dos/as estudantes. Já as primeiras enunciações que analisamos indicaram, segundo os/as estudantes, para mudanças de entendimentos. No pensamento deles/as, a disciplina, além de desconstruir e reconstruir compreensões sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades, possibilitou o reconhecimento das diferentes formas de os sujeitos se constituírem, auxiliando no entendimento dos preconceitos que aqueles/as que fogem às normas socialmente estabelecidas sofrem e também na elaboração de argumentos para levar essas discussões para outros espaços. Essas ideias são perceptíveis nas respostas que seguem:

Estudante Pedagogia 3²⁹: Com certeza! A maneira de ver as coisas como são e como saber se comportar diante dessa diversidade de gêneros e sexualidades.

Estudante Química 15: Sim, muito. Eu consigo dialogar com as pessoas sobre como fazê-la entender as diferenças entre gêneros e sexualidades

Estudante Letras Português/Inglês 33: Sim. Embora seja um homem gay, percebi diante da disciplina que pouco conhecia sobre outras identidades de gênero e sexualidades, sobre feminismo(s) e sobre as possibilidades que um professor tem para abordar esses temas em sala de aula.

Estudante Arquivologia 37: A disciplina auxiliou no entendimento de vários assuntos sobre gênero e sexualidade.

Estudante História Bacharelado 42: Fiquei mais consciente da diversidade de gênero e de como ela é afetada no dia a dia numa sociedade binária, além de perceber/sentir o quanto isso infelicitava todos nós, dificultando, e em alguns casos até impedindo, uma convivência harmoniosa, gerando doenças e tristeza.

Estudante Artes Visuais Licenciatura 65: Sim. Ao tomar conhecimento dos estudos culturais e de gênero e de autores que pesquisam a partir desta perspectiva pude desconstruir entendimentos prévios e equivocados que tinha.

A partir dessas enunciações, é possível pensar que, quando compreendemos os assuntos corpos, gêneros e sexualidades como elementos “constitutivos de sujeitos e subjetividades, atravessados pela linguagem, pelo poder, pela cultura” (CASTRO; REIS, 2017, p. 110), passamos a problematizar essas construções culturais que nos constituem, bem como os saberes em torno dessas questões. Com isso, temos a possibilidade de “desconstruir entendimentos prévios e equivocados”, como bem colocou o estudante de Artes Visuais Licenciatura 65. As aprendizagens construídas a respeito desses assuntos, durante as aulas, ajudam ou ajudaram os/as estudantes a compreenderem, que essas questões são sociais e perpassadas por relações de poder. E essas relações de poder é que vão determinar os significados e inscrever formas de vivermos nossa sexualidade e nosso gênero, muitas vezes, criando discursos que normalizam padrões, excluindo aqueles considerados anormais.

²⁹ A numeração refere-se ao número do questionário que foi respondido pelo/a estudante.

Tornar legítimas outras possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades é parte do processo de (re)construção dos entendimentos acerca dessas temáticas, segundo expressa o estudante de Letras Português/Inglês 33: “Embora seja um homem gay, percebi diante da disciplina que pouco conhecia sobre outras identidades de gênero e sexualidades”. O reconhecimento das diferentes maneiras de os sujeitos se constituírem, apontado pelo estudante de Letras, é uma das reflexões promovidas pela disciplina, assim como o respeito às diversas formas de ser e estar no mundo; as diferentes configurações de família, de relacionamentos; entre outros aspectos que se articulam às discussões de gêneros e sexualidades. Tudo isso nos auxilia a pensarmos sobre essas normas e modelos que a sociedade foi construindo a respeito dessas questões.

De acordo Marlucy Paraíso e Maria Caldeira (2018), a construção social em torno dos corpos, gêneros e sexualidades foi hierarquizando, promovendo divisões, e esse processo precisa ser questionado, estranhado. Só assim, por meio desse estranhamento, torna-se possível notar que aqueles/as que fogem às normas socialmente estabelecidas sofrem diferentes preconceitos e discriminações. Essas normas, ligadas à maneira como devemos agir e nos comportar em relação aos nossos gêneros e sexualidades, precisam ser tensionadas no âmbito dos currículos do Ensino Superior. Isso ajuda na superação das desigualdades sociais, visto mais pessoas passam a entender que existem muitas maneiras de ser e estar no mundo.

Paula Ribeiro (2002) defende que o conhecimento em torno das temáticas corpos, gêneros e sexualidades colaboram no combate e no enfrentamento das diferentes violências, sejam elas sexistas, homofóbicas, étnico raciais, entre outras. Um elemento importante, para pensarmos sobre essas violências, normas de gêneros e sexualidades, é levantado pelo estudante de História Bacharelado 42: “Fiquei mais consciente da diversidade de gênero e de como ela é afetada no dia a dia numa sociedade binária, além de perceber/sentir o quanto isso infelicita a todos nós”. Esse processo que o/a estudante aponta de como algumas vivências são afetadas pelas normas binárias de gêneros e sexualidades foi mencionado no início dessa escrita, através da realidade que indica as dificuldades que a população LGBTQI+ sofre para ingressar ou se manter no mercado de trabalho. Além do mais, a maioria dessas pessoas não consegue ingressar na universidade, nem mesmo concluir o Ensino Médio. Esses, portanto, são alguns pontos que afetam essa parcela da população, impedindo que muitos/as deles/as consigam construir uma formação profissional.

É importante salientarmos que, sim, foi produzido um padrão de homem e mulher na nossa sociedade, que tem como modelo o homem heterossexual, branco e cristão. Esse modelo

padrão é central e dele partem os pares binários macho-fêmea, homem-mulher e assim é que vamos construindo, na cultura, tudo que é aceitável para cada gênero e vivência da sexualidade.

Essa construção começa na família, que é o primeiro grupo social em que estamos inseridos/as; logo em seguida, vem a escola, a religião e todas as outras instituições pelas quais vamos passando e que vão nos interpelando durante nossas vidas. No entanto, para além desse padrão, existem e resistem as pessoas trans, não binárias, travestis, homossexuais, bissexuais, entre outras identidades. São indivíduos que sofrem diferentes tipos de discriminação, que são privados de seus direitos e do acesso a muitos espaços, ponto importante problematizado pelo estudante de História.

Ao compreendermos sobre as diferentes questões que permeiam esses processos de preconceito e discriminação com essas outras identidades, temos a possibilidade de repensar acerca das normas sociais e de como os discursos a respeito dos gêneros e das sexualidades estão em disputa, sobretudo “[...] dos enfrentamentos que se pretende inspirar” (MEYER, 2018, p. 10). Por meio das problematizações propostas, torna-se possível repensar e construir possibilidades de multiplicarmos nossas resistências e avançarmos na busca por uma sociedade que respeite essa diversidade.

Dessa forma, é possível nos tornarmos multiplicadores/as de debates que potencializem esse respeito, com argumentos e embasamento em pesquisas que não somente falem dessas outras identidades, mas que tenham a participação cada vez mais significativa desses sujeitos. Assim, podemos levar essas discussões para outros espaços.

É nesse sentido que passamos para o próximo bloco de enunciações, em que os/as estudantes reconhecem a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos como relevante para suas formações profissionais. Eles/as compreendem, ainda, que as problematizações realizadas, durante as aulas, sobre os assuntos corpos, gêneros e sexualidades não estão relacionadas somente às questões pessoais e às suas vivências cotidianas, mas também às suas futuras atuações profissionais.

Estudante Pedagogia 19: eu já tinha esclarecimento sobre a temática, mas acredito que contribuiu muito para **minha formação** e visão sobre o tema.

Estudante Direito 62: Sim. Embora já pesquise a respeito dos assuntos, as discussões também permearam assuntos relativos a área da educação. Sendo assim, possibilitando reflexões acerca dos diversos **espaços educativos** e como os mesmos influenciam na construção de saberes relativo aos temas da disciplina.

Estudante Geografia 63: Sim, pois nos ensina ser mais empático na nossa vida **profissional, pessoal, acadêmica e cotidiana**.

Estudante Licenciatura em Matemática 77: Imensamente, antes da disciplina não tinha noção de muitos problemas sociais que não havia encontrado até fazer as leituras e discussões em sala de aula. Muitas vezes não somos nós que sofremos com as problemáticas do tema, e muitas vezes tampouco

convivemos com pessoas que sofrem. Acredito que a demanda do curso ainda seja de pessoas previamente interessadas ou impactadas pelos assuntos tratados na disciplina. Me inscrevi por incentivo de amigos/conhecidos e depois de cursar pude "me colocar no lugar" de pessoas que vivenciam as dificuldades sobre gênero e sexualidade, e isso foi superimportante para **minha formação pessoal e como professor**.

Anteriormente, há quatro enunciações de estudantes que vivenciaram e/ou estão vivenciando formações acadêmicas distintas, a saber: Pedagogia, Direito, Geografia e Matemática. Essas enunciações nos ajudam a compreender como os/as estudantes estão percebendo a oferta da disciplina e suas temáticas. Eles/as falam em empatia e construção de saberes sobre os temas corpos, gêneros e sexualidades, articulados às suas formações.

Nas quatro enunciações anteriores, tendo em vista que aqui analisamos um recorte delas, os/as licenciandos/as apontaram que a disciplina contribui ou os ajudou justamente pela importância das discussões sobre os temas corpos, gêneros e sexualidades durante a suas formações como futuros/as professores/as. Ficou claro que ela será útil no momento em que eles/as estiverem atuando nas escolas e possam, com base no estudado na disciplina, pensar em estratégias para a promoção de debates sobre esses assuntos. Cabe destacar que a disciplina não garante uma mudança de entendimentos a respeito das temáticas, mas tensiona o lugar do/a futuro/a professor/a no processo de produção e reprodução de padrões sociais naturalizados e excludentes, além, é claro, de ajudar na construção de meios para o combate de preconceitos e discriminações nas escolas, visto que elas são espaços sociais sexualizados e generificados.

É importante considerarmos que o entendimento da sexualidade e do gênero, em algumas escolas, é baseado em visões deterministas e que sempre regularam os corpos dos/as estudantes em um modelo/padrão de ser homem, mulher e também no que diz respeito à vivência de suas sexualidades (RIBEIRO, 2017). Esses modelos vêm excluindo, colocando, à margem da sociedade, os sujeitos que desviam essas normas e, consequentemente, são paradigmas que estão diretamente ligados às violências e à morte de pessoas LGBTQI+.

O estudante de Licenciatura em Matemática 77 contempla essas questões em sua enunciação, quando menciona que: “antes da disciplina não tinha noção de muitos problemas sociais que não havia encontrado até fazer as leituras e discussões em sala de aula”. Muitas vezes, estamos distantes ou não reconhecemos algumas demandas da população porque são aspectos que não nos atravessam, ou seja, não compartilhamos dessas vivências diretamente. Contudo, quando passamos a questionar e a pensar sobre algumas questões sociais, como o estudante coloca, através da disciplina e de suas problematizações, de alguma maneira, é possível nos “colocarmos no lugar” de sujeitos que vivenciam dificuldades relacionadas a seu

gênero e sexualidade, e isso é, de algum modo, significativo, tanto para a formação pessoal quanto para a formação como professor/a e outras formações.

Alinne Bonetti e Fabiane Silva (2016) corroboram com nossas discussões apontando que a emergência da produção de conhecimento, estudos, pesquisas, sobre essas normas sociais que acabam por marcar sujeitos pelas suas diferenças, construídas por discursos hegemônicos e seus mecanismos de exclusão, precisam ser desestabilizadas por meio de uma educação democrática. Tal educação, por sua vez, deve ser pautada no respeito às diferenças, de modo a ser promovido o reconhecimento da diversidade.

As problematizações a respeito dessas questões, na formação de professores/as e nos demais cursos de graduação da universidade, são suscitadas, constantemente, nas discussões promovidas na disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos. Desse modo, são tensionados modelos de ensino sobre essas questões que silenciam e controlam, há muito tempo, os sujeitos em relação à sua sexualidade, seu gênero e que acabam por somente trabalhar com um enfoque na reprodução humana e nas aulas de ciências (SOUZA; FERRARI, 2019).

Todavia, a disciplina trabalha essas temáticas pensando não somente no espaço da escola ou da universidade, mas nos mais diversos espaços sociais que nos educam, de acordo com o que aponta o estudante do curso de bacharel em Direito, o qual explicitou que a disciplina problematiza a questão “acerca dos diversos **espaços educativos** e como os mesmos influenciam na construção de saberes relativo aos temas da disciplina”.

Segundo Felipe Hatje, “embora as discussões que envolvam direito e gênero tenham ganhado maior espaço e visibilidade, a forma de atuação de algumas das instâncias de justiça acabam por reproduzir e reforçar os estereótipos de gênero” (2018, p. 55). As palavras desse autor exemplificam a importância das discussões no âmbito do Direito, como elas refletem nas ações futuras e a longo e curto prazo, caso pensarmos na formação e na atuação dos bacharéis em Direito e afins.

Hatje, de alguma forma, reforça, com suas palavras, o que o estudante de Direito observa a respeito dos espaços sociais e suas influências na construção de saberes que naturalizam as normas em torno dos gêneros e sexualidades, colaborando para serem perpetuados preconceitos, mesmo se tratando diretamente de onde deveria partir a garantia dos direitos básicos de todos os sujeitos.

Em decorrência disso, devemos lembrar que não é só na escola ou na universidade que os sujeitos se produzem. Essa é, na realidade, uma construção social vivenciada diariamente, e os preconceitos e discriminações, em relação àqueles/as que não correspondem aos padrões heteronormativos, estão em todos os espaços.

Nesse sentido, a construção da disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos e sua oferta, para todos os cursos da universidade, foi pensada justamente para contemplar e potencializar as discussões sobre corpos, gêneros e sexualidades nas diferentes formações. Desse modo, a disciplina é uma das possibilidades dos/as estudantes pensarem a respeito dos discursos que naturalizam e gerenciam esses preconceitos. Por isso, a importância da referida disciplina à formação profissional dos/as estudantes, conforme eles/as ressaltaram em suas enunciações.

A seguir, passamos ao último bloco de enunciações, em que sete estudantes, ao responderem à pergunta, apontaram que não perceberam mudanças em seus entendimentos a respeito das temáticas discutidas na disciplina. Esses se diferenciaram da maioria dos/as estudantes que responderam que sim, que tinha notado mudanças em seus entendimentos. Seguem as falas daqueles/as estudantes que declararam não terem constatado mudanças:

Estudante Administração 43: Não. Eu já tinha estudo sobre as temáticas.

Estudante Artes Visuais 44: Não, para um gay, lésbica, bi a disciplina pareceu bem sucinta, sem muito no que agregar, na época me lembro de ter pensado isso e outro colega gay que também fazia a aula concordou. Percebemos que para pessoas hetero é uma boa aula introdutória.

Estudante curso não informado 48: Não, pois não tenho preconceito de modo algum, porém achei interessante e bem produtivo.

Estudante Psicologia 54: Não muito, pq eu já possuía uma base sobre o assunto.

Estudante Oceanologia 69: mudanças de fato não posso afirmar, pois já tinha um pé nesse universo. Porém, me abriu o leque de possibilidades, principalmente acadêmicas sobre esses temas.

Estudante Direito 83: Não necessariamente uma mudança, mas sim um aprofundamento.

Estudante Pedagogia 103: Não mudou muito, sempre defendi que todo mundo tem direito de escolher o que quer para a sua vida e que ninguém deve opinar na vida do outro, assim como não aceito que opinem na minha vida. Só aumentou o vocabulário sobre o tema.

Segundo podemos perceber, nas enunciações, os/as estudantes afirmaram que não perceberam mudanças após terem cursado a disciplina. Alguns deles indicaram que houve um aprofundamento dos temas; outros/as, por sua vez, comentaram que já possuíam conhecimento sobre os assuntos trabalhados durante as aulas, e um/uma aluno/a achou a disciplina interessante para pessoas heterossexuais e não para pessoas LGBTQI+.

É importante compreendermos que, apesar de um envolvimento prévio com as temáticas propostas na disciplina, muitas vezes, estamos tão acostumados/as com os padrões que nos foram sendo impostos que não pensamos o quanto eles foram sendo naturalizados, incorporados às nossas vivências. Então, desmistificar, promover questionamentos, pensar estratégias para desnaturalizar esses padrões, também são maneiras de construir uma sociedade para todos/as, tensionando esses modelos que colocam, à margem social, aqueles/as que fogem às normas já definidas como aceitáveis.

Quando as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades são propostas em uma disciplina “o intuito é, antes, o de contribuir para a discussão, o questionamento, inquietar olhares acostumados com um reiterado estado de coisas e animar aqueles/as que apresentam suas retinas fatigadas” (JUNQUEIRA, 2011, p. 92).

Espaços como o da disciplina possibilitam, justamente, que essas normas sejam desnaturalizadas e que outras maneiras de ser e estar no mundo possam ser apresentadas/representadas pelos sujeitos que por ela passam. Para isso, é importante pensarmos no que o autor Tomaz Silva (2013) defende: na concepção dele, precisamos nos fazer algumas perguntas sobre essas representações: Que grupos de fato sempre estiveram representados no Ensino Superior? Que representações de gêneros e sexualidades são apresentadas durante nossa passagem pelas diferentes etapas de ensino? Quais são os sujeitos representados e quais são aqueles tidos como anormais? E, por fim, quais verdades foram sendo instituídas a respeito dos gêneros e sexualidades desviantes da norma?

É por intermédio de perguntas como essas que esse espaço do Ensino Superior “pode se tornar um espaço contestado” (SILVA, 2013, p. 195). Ainda, segundo Silva (2013), na luta por representação para os diversos sujeitos que se apresentam em nossa sociedade, na busca por outros significados, que não sejam fixos e que possam se transformar, apresentam-se maneiras de contestação desse espaço e é por meio desses tensionamentos das relações de poder, em torno dessas questões, que há possibilidade de desestabilização das identidades hegemônicas.

Podemos pensar nessa desestabilização justamente ao analisarmos as enunciações, nas quais alguns/algumas estudantes, pelas posições de sujeitos que ocupam e que possibilitam um conhecimento acerca das temáticas, compreendem que, para empreendermos alguns movimentos de minimização dos preconceitos, precisamos da participação, na disciplina, daqueles/as produzidos na norma, ou seja, os sujeitos heterossexuais. Cabe destacar que esses são a maioria dos/as estudantes que cursam ou cursaram a disciplina, um total de 66% segundo resposta deles/as ao questionário na pergunta que correspondia às suas identificações no que se refere à identidade sexual/orientação sexual.

Ao olharmos para as enunciações, é possível concluir que somos produzidos/as através de discursos construídos em nossa sociedade, que foram se configurando machistas, homofóbicos, racistas, transfóbicos. Assim, participamos dessa construção que, há muito tempo, vem marginalizando sujeitos LGBTQI+. “É através dos significados, contidos nos diferentes discursos, que o mundo social é representado e conhecido de uma certa forma, de uma forma bastante particular e que o eu é produzido” (SILVA, 2013, p. 194). Toda essa relação está estritamente perpassada por relações de poder.

Quando compartilhamos de espaços como o da disciplina, que mesmo sendo “sucinta”, como foi mencionado na enunciação, ainda é um espaço “interessante e bem produtivo”, conforme apontado em outra, ao cursar a disciplina, os/as estudantes têm, na universidade, a possibilidade de pensar maneiras para minimização de preconceitos. Ainda, têm a possibilidade de trabalhar essas questões nas mais diferentes formações profissionais e, de certa forma, as relações de poder em torno dessas questões são tensionadas.

Durante as aulas, muitas problematizações são feitas, aqueles/as que estão nas normas, homens e mulheres, cis gênero, podem ouvir os/as colegas LGBTQI+ e suas demandas, conhecer seus problemas e as dificuldades enfrentadas em nossa sociedade por eles/ as. Isso colabora para pensarem em ações e construírem estratégias de enfrentamento desses problemas em diversos espaços, sejam esses ligados ao mercado de trabalho, à educação, à assistência à saúde, ao reconhecimento do nome social, entre outras questões.

As enunciações também indicaram que a disciplina aumentou o “vocabulário sobre os temas”, ajudou a “aprofundar o conhecimento”, “abriu o leque de possibilidades”. Isso acontece porque participamos dos regimes de verdades, que possibilitam diversas formas de se produzir conhecimento. “Os regimes de verdades são produzidos no interior de cada sociedade através de uma política universal da verdade autocondicionada as disciplinas e as sanções normalizadoras” (SOUZA, 2015, p. 12).

É por meio do tensionamento e da problematização dessas normas que colocamos as “verdades” em xeque e passamos a entender que a construção social, em torno dos nossos corpos, gêneros e sexualidades, é extremamente excludente e capaz de provocar a morte de muitos/as que escapam dessas normas.

A população LGBTQI+ sofre constantemente com esses preconceitos, e sua busca por direitos ocorre por intermédio de muita luta e de muitos embates que acontecem, principalmente, com a parcela da população ligada diretamente a uma moral religiosa. Essa parte da população vem atacando, constantemente, e negando, de diferentes maneiras, os direitos e a legitimidade das vivências dos indivíduos LGBTQI+.

Essa luta por uma efetivação de direitos acontece diariamente, e os principais eventos que mobilizam nessa direção são as Paradas do orgulho LGBTQI+, as quais acontecem em todo território nacional, entre outras mobilizações direcionadas ao combate à transfobia. O enfrentamento dos preconceitos e das discriminações reflete, diretamente, no combate às violências e no desejo de que os diferentes espaços educativos contribuam para que possamos vislumbrar um modelo de sociedade que respeite todos/as.

Tecendo algumas considerações finais

Quando instituída, na universidade, uma disciplina como a de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, que tem, como finalidade, problematizar questões tão caras e que tratam de vidas, de outras possibilidades de viver os gêneros, as sexualidades e outras maneiras de lidar com as diferenças corporais, provoca-se um tensionamento das relações de poder-saber. Com isso, são criadas, segundo Dagmar Meyer:

Resistências que, nesse cenário adverso, mobilizem (ou possam mobilizar) indignação, coragem, esperança e ousadia tanto para denunciar a subtração de liberdades e direitos e driblar os silêncios impostos, como para experimentar e (re)inventar formas outras de re(des)dizer e re(des)fazer gêneros e sexualidades [...] (MEYER, 2018, p. 10).

Desse modo, são colocadas algumas verdades em xeque, problematizando acerca dos padrões que excluem e marginalizam uma parcela da sociedade, seja aquela que não se encaixa nos padrões heteronormativos, entre outras questões atreladas à diversidade e que tencionam sobre “o sujeito universal, as grandes narrativas organizadoras dos saberes, sobre a constituição do campo das ciências humanas e sociais em geral e, sobretudo, questionamentos sobre a produção de saberes e poderes” (CÉSAR, 2016, p. 147).

É preciso salientar que essas relações de poder-saber estão inscritas nas divisões que foram sendo feitas em relação ao conhecimento que deveria estar na universidade e aquele que deveria ficar de fora dela. Essa divisão é construída por meio de discursos que estão diretamente relacionados a todos os tipos de preconceitos, discursos que classificam sujeitos desviantes das normas como anormais ou até como “doentes” por muito tempo. (SILVA, 2013).

Manter espaços como o dessa disciplina, no Ensino Superior, é importante para colocarmos esses discursos em suspensão e pensarmos como eles foram nos colocando em caixinhas, de modo a promover divisões entre grupos sociais. No entanto, cabe destacar que só isso não basta, assim também como não garante mudanças, já que a disciplina ainda é sucinta, como indicaram os/as estudantes. Devemos lembrar, portanto, que a disciplina apenas abre brechas para essas temáticas no âmbito do Ensino Superior, promovendo algumas pequenas rupturas, mas que esse espaço também não é garantia de mudanças.

A disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, conforme revelaram as enunciações, movimenta os/as estudantes a pensarem em outras possibilidades para debater as temáticas gêneros, sexualidades e corpos; mobiliza o pensamento a respeito de outras identidades, de como trabalhar e lidar com as diversidades. Além disso, ela permite que se reflita sobre preconceitos, acerca da construção social em torno das questões discutidas, a

respeito da importância dessas questões para formação profissional de todos/as. Assim, vai se configurando esse espaço no currículo da graduação, o qual, para além das disciplinas obrigatórias de cada curso, torna-se um lugar para se pensar questões para formação, para vida; um espaço para se aprender sobre o outro e sobre si mesmo.

Quando os/as estudantes de diferentes cursos se propõem a cursar a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, eles/as se inserem, de alguma maneira, nessas problematizações e compreendem as temáticas discutidas na disciplina como parte do currículo dos seus cursos. É perceptível que esses estudantes reconhecem que os assuntos abordados agregam conhecimento às suas profissões.

Dessa forma, como apontam as análises, os/as estudantes reconhecem o espaço da disciplina como uma possibilidade de repensar seus entendimentos sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades; um lugar que promove o reconhecimento das diferenças, auxiliando na compreensão dos preconceitos que aqueles/as que fogem as normas heteronormativas sofrem e também na construção de argumentos para levar essas discussões, para outros espaços, com propriedade e base teórica. Ademais, os/as estudantes revelaram que a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos é ou foi relevante para a formação profissional deles/as e que as discussões propostas nas aulas fizeram-nos (nas) compreender que as temáticas corpos, gêneros, e sexualidades estão relacionadas às suas questões pessoais, às suas vivências cotidianas e, também, com suas futuras atuações profissionais.

Também analisamos, nesse estudo, as respostas dos/as 7 estudantes que afirmaram não terem percebido mudanças de entendimentos após cursarem a disciplina. Mesmo sem essa mudança, eles/a afirmaram que houve um aprofundamento sobre as temáticas trabalhadas nas aulas. É importante observar que alguns deles/as destacaram que já possuíam conhecimento a respeito dos assuntos através de estudos ou de suas vivências pessoais.

Para finalizar nossas considerações, provocadas para pensarmos e considerarmos toda a construção desse estudo, encerramos esse artigo imersas nas enunciações dos/as estudantes, que nos fizeram compreender que somos sujeitos diversos e que o que nos atravessa nem sempre perpassa o outro. Logo, existem linhas de fuga e, por mais que estejamos sendo construídos/as em uma sociedade heteronormativa e que normaliza preconceitos e discriminações de gêneros e sexualidades, espaços de rupturas, como o da disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, são necessários a fim de que nossos entendimentos sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades sejam abalados, desacomodados. É essencial que essas compreensões nos “saltem aos olhos” o quanto existem pessoas que sofrem com essas questões e que possamos ser mais sensíveis, não só em nossas vidas pessoais, mas em nossas profissões,

visto que a sociedade precisa, urgentemente, dessa empatia, de afetos e de pessoas preparadas para lidar com a diversidade.

Referências

BONETTI, Alinne de Lima; SILVA, Fabiane Ferreira. – Porque é preciso falar de gênero na escola, sim! – e de sexualidade, de relações étnicas e raciais. *In*: SILVA, Fabiane Ferreira; BONETTI, Alinne de Lima (orgs.). **Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a Educação**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 11-16.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 13 dez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 30 mai. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acessado em: 10 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1 jul. 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso 07 abr. 2020.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Análise do discurso das diretrizes curriculares nacionais de educação infantil: currículos como campo de disputas. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 466-476, set./dez. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/> <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2015.3.15782>. Acesso 12 set. 2020.

CASTRO, Roney Polato de; REIS, Neilton dos. Romper Binários de Gênero e Sexualidade: ensaiar uma Educação Não-binária. **Margens**, v. 11, n. 17, 2017.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, pós-estruturalismo e educação: identidades, para quê?. *In*: LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Salete (org.). **Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares**. Curitiba: Editora UTFPR, 2016. p. 147-163.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 169 p.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 286 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288 p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 288 p.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Guerra e Paz, 2015. 176 p.

HATJE, Luis Felipe. **Trans (formar) o nome: a constituição dos sujeitos transgêneros a partir do nome** / Luis Felipe Hatje. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Heteronormatividade e homofobia no currículo em ação. *In*: CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de (org.). **Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia**. Curitiba: Editora UTFPR, 2011. p. 89-124.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, 2015.

MEYER, Dagmar. Currículo de gênero e sexualidade: sobre tormentas e resistências criativas em territórios disputados. *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 9-13.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 13-21.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; RIZZA, Juliana Lapa; ÁVILA, Dácia Amaro. Gênero e Sexualidade no Ensino Superior: reflexões sobre a produção de possíveis heterotopias. *In*: MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2014. p. 129-141.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Identidades de gênero e sexuais na escola e formação de professores e professoras. *In*: VILAÇA, Teresa; ROSSI, Célia; RIBEIRO, Claudia; RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Investigação na Formação e Práticas Docentes na Educação em Sexualidade: Contributos para a Igualdade de Gênero, Saúde e Sustentabilidade**. 1. ed. Braga: Universidade do Minho, 2017. p. 3-12.

RIZZA, Juliana Lapa. **A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras**. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: Territórios contestados. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 185-201.

SOUZA, Joelmar Fernando Cordeiro de. **Regimes de verdade em Michel Foucault**. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2015.

SOUZA, Marcos Lopes; FERRARI, Anderson. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino em Re-vista**, v. 26, n. 1, p. 40-59, jan./abr. 2019.

VARELA, Julia. O estatuto do Saber Pedagógico. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 87-96.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação em Sexualidade e Relações de Gênero na Formação Inicial Docente no Ensino Superior**. 2017.

ZANIN, Henrique; FERREIRA, Leandro; RIBEIRO, Luiz. Ingresso e Permanência no Trabalho e Emprego por Sujeitos LGBTQ+ em Belo Horizonte, Brasil. **Id on line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 13, n. 44, p. 460-474, 2019.

7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR

Dou início às considerações desta dissertação movimentada pelas palavras de Fernanda Hampe, que nos diz: “desejo que esta escrita produza deslocamentos na conservadora, racista, machista e heterossexista que insiste em nos habitar” (2016, p. 31). Ao olharmos para as enunciações, fomos sendo instigadas a pensar sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos na perspectiva dos/as estudantes, a nos despir de nossas certezas e, assim, como nas palavras de Hampe, produzir alguns deslocamentos em nós mesmas. Sabemos que, quando começamos a construir um estudo, somos arquitetados com ele, não saímos ilesos/as; somos interpelados/as por essa construção, pois somos sujeitos das nossas vivências, protagonistas e, ao mesmo tempo, coadjuvantes desse processo. Quando decidimos que a pesquisa seria a respeito da disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, muitas ideias, para sua construção, surgiram, mas, desde o início, sabíamos que a pesquisa abarcaria o olhar dos/as estudantes sobre a disciplina.

A partir do olhar dos/as estudantes, focadas em suas enunciações, foram emergindo as questões que problematizamos em cada artigo. A disciplina, enquanto esse espaço de acontecimentos, consegue abordar para além do que está instituído nos currículos dos cursos da universidade. Assim, ela se apresentou, na pesquisa, como um lugar outro, em que os/as estudantes conseguem pensar e problematizar as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades em articulação às questões das suas futuras profissões e também em relação às suas vidas pessoais.

A disciplina representa um importante espaço de debate, aprendizado e compartilhamento de vivências, em que os/as estudantes conseguem construir entendimentos sobre as temáticas trabalhadas, mas também nos ensinam que todos/as temos nossas contribuições para dar. Desse modo, sem os/as estudantes, essa pesquisa não seria construída como foi, eles/as representaram a mobilização e o desacomodar, possibilitando-nos a construção desse estudo.

Logo, para a construção dessa pesquisa, foi preciso que a pesquisadora se desacomodasse, que ela se libertasse das verdades construídas e impregnadas de certezas. Para isso, foi preciso se reconhecer e se permitir, pensar para além das nossas verdades. Nessa construção, o processo foi lento, e a empatia, o ouvir, o saber, o compreender o/a outro/a foram essenciais.

Um pouco dessa elaboração, enquanto pesquisadora, foi sendo traçado no primeiro capítulo. Posso afirmar que foram momentos muito importantes para meu aprendizado e para

minha vida desde a acolhida pela professora Paula Ribeiro, e minha entrada para o grupo de pesquisa Sexualidade e Escola -GESE, até os dias que foi redigida essa escrita.

É preciso lembrar, ainda, que, no ano de 2020, passamos a viver momentos diferentes de tudo que podíamos imaginar, e isso se deu por conta da pandemia do coronavírus (COVID-19). Isso eu não poderia deixar de registrar aqui, pois as mudanças foram drásticas, a solidão, a ansiedade, os encontros virtuais, as tentativas de amenizar sentimentos que são difíceis de descrever, que me acompanharam e acredito que a todos/as que estiveram, de alguma maneira, ao meu lado. As dificuldades desse ano atípico também devem ter tocado aqueles/as que, por ventura, pararem para ler essa pesquisa.

Na segunda parte desse estudo, foram apresentados nossos pressupostos teóricos, as leituras, as compreensões, os autores/as, que muitas vezes foram a companhia nos dias difíceis. A esperança por dias melhores gerou muitas transformações, ninguém sai ileso de uma pesquisa, somos provocados/as a todo o momento, e essa é se não a parte mais bela do que nos propomos fazer, construir, “essa transformação de si por seu próprio saber é – penso – algo bastante próximo da experiência estética. Por que um pintor trabalharia, se ele não é transformado por sua pintura?” (FOUCAULT, 2014, p. 204). Assim, nada aqui é igual ao começo, e tudo é passível ainda de se transformar.

Na terceira parte da dissertação, apresentamos a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos. Essa, eu diria, foi parte fundamental da pesquisa, foi nossa mobilização do pensar, do querer saber. A disciplina se tornou um acontecimento que, segundo Deleuze (1992), significa acreditar no mundo e, através de pequenos acontecimentos, promover rupturas, fazendo nascer espaços-tempos que nos possibilitem a “afirmação da vida” (PARAÍSO, 2018, p. 19). Afirmar a vida é acreditar que, mesmo com pequenas ações, mesmo diante de dificuldades, nada pode parar uma professora/o quando ela/e deseja mudanças, quer que todos/as sejam respeitados/as. Posso registrar, aqui, a admiração por todos/as aqueles/as que ousaram construir e ofertar a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos na Universidade Federal do Rio Grande - Furg.

Logo após, na quarta parte do estudo, passamos à construção da metodologia, aos caminhos para alcançarmos o objetivo da pesquisa, que, inicialmente, era o de investigar a potencialidade da disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos no processo formativo dos/as estudantes da Universidade Federal do Rio Grande – Furg que cursaram a disciplina. Com o olhar atento às enunciações, foi possível emergir o enunciado que afirmou a potência do debate das questões corpos, gêneros e sexualidades por meio de uma disciplina no Ensino Superior, o que passou a ser nosso objetivo de estudo.

Na quinta e última parte da dissertação, que corresponde aos artigos, nosso intuito não poderia ser diferente, ou seja: o olhar dos/as estudantes foi o que procuramos trazer para as análises. Desse modo, a rede de enunciações construída, através das respostas deles/as ao questionário, configurou o processo de produção dos saberes sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos e, é claro, possibilitou-nos reconhecer o enunciado sobre **potência do debate das questões corpos, gêneros e sexualidades através de uma disciplina no Ensino Superior.**

Assim, nos artigos, foi possível problematizarmos a importância das temáticas debatidas, a partir da oferta da disciplina, como possibilidade de olharmos/reconhecermos as diferenças, bem como a importância de serem instituídos espaços como os da disciplina para a promoção de discussões acerca dos temas corpos, gêneros e sexualidades, as disputas curriculares e também a respeito da obrigatoriedade da disciplina.

As enunciações apontaram, ainda, segundo os/as estudantes, as possibilidades de reflexão sobre os assuntos centrais da disciplina e destacaram o alcance e os desdobramentos que ela permite. Entre esses desdobramentos, foi mencionada a possibilidade de se pensar sobre maneiras de combater o preconceito e a discriminação.

Problematizamos também as mudanças de entendimentos acerca das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades; modificações que foram capazes de promover a empatia e a construção de saberes acerca das questões. Tais mudanças, conforme os/as estudantes, possibilitaram o reconhecimento das diferentes formas de os sujeitos se constituírem, auxiliando no entendimento dos preconceitos existentes em nossa sociedade. Além disso, houve o reconhecimento, pelos/as estudantes da disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, como sendo assuntos relevantes às suas formações profissionais.

Nesse sentido, o enunciado sobre a potência do debate das questões corpos, gêneros e sexualidades, através de uma disciplina no Ensino Superior, emerge, e a disciplina surge como acontecimento, um espaço em que as normas de gêneros e sexualidades são colocadas em questão, “[...]um espaço que agrupa pessoas que querem um respiro e se fortalecer para não se tornarem objetos de políticas de criminalização; de políticas que considerem como um desvio; de políticas de normalização[...]” (PARAÍSO, 2018, p. 20), um “lugar outro”, que, de acordo com Foucault (2001) são lugares reais, não como as utopias que são espaços imaginários. Esses lugares outros, por sua vez, diferente das utopias, apresentam regras, sejam elas de entradas ou saídas. Eles permitem ver, sentir, transformar, (re)construir e estão em qualquer cultura, nos diferentes grupos humanos, tendo essa capacidade de provocar pequenas rupturas no que,

supostamente, está posto. Trata-se de uma ruptura naquelas verdades que nos constroem e nos colocam em caixinhas, mas que, sim, podemos subverter.

Diante dessas considerações, esperamos que o espaço da disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos possa ser força e resistência, que ele permaneça, disseminando afetos felizes. Além disso, esperamos que a união e a busca por uma sociedade que respeite as diferenças seja sempre nosso principal motivador para que, juntas e juntos, façamos, de dias difíceis, nossa esperança por tempos melhores.

Lutar pelo que acreditamos é o que nos impulsiona a problematizar e a tensionar os diferentes espaços educativos para que as temáticas de gêneros e sexualidades, entre outras, estejam presentes nas universidades, nas escolas, nas empresas, nos diferentes espaços que nos educam e nos produzem enquanto sujeitos. Esperamos que, juntamente com o grupo de pesquisa e também com aqueles/as que nos fortalecem e nos dão as mãos, em nossas lutas, possamos “apostar numa ética que nos coloque como autores da vida, transgressores da força do instituído para nos fazermos instituintes de novos modos de existências, sempre plurais, sempre libertários” (HAMPE, 2016, p. 31).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Caroline Amaral. **Literatura Juvenil Contemporânea LGBTI**: significados sobre identidades de gênero e sexuais. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

ARNT, Ana de Medeiros. **De muros, tempos, artes e pingue-pongue aos genes, anfioxos, mórulas e trissomias**: falando do corpo nas práticas escolares. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BARROS, Suzana da Conceição de. **Corpos, gêneros e sexualidades**: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS – Rio Grande. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

BARROS, José D' Assunção. Uma “disciplina” – entendendo como funcionam os diversos campos de saber a partir de uma reflexão sobre a história. **Opsis**, Catalão, v. 11, n. 1, p. 252-270, jan.-jun. 2011.

BENEVIDES, Bruna G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê**: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. Publicado originalmente em: <<https://goo.gl/259mrw>> Acesso em: 14/072019.

BUJES, Maria Isabel Edelweis. Descaminhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 13-34.

BONETTI, Alinne de Lima; SILVA, Fabiane Ferreira. – Porque é preciso falar de gênero na escola, sim! – e de sexualidade, de relações étnicas e raciais. *In*: SILVA, Fabiane Ferreira; BONETTI, Alinne de Lima (org.). **Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a Educação**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 11-16.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. 288 p.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponibilidade em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>. Acesso em 09 abr. 2020.
BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 13 dez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 30 mai. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acessado em: 10 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1 jul. 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso 07 abr. 2020.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Análise do discurso das diretrizes curriculares nacionais de educação infantil: currículos como campo de disputas. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 466-476, set./dez. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/> <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2015.3.15782>. Acesso 12 set. 2020.

CASTRO, Roney Polato de; REIS, Neilton dos. Romper Binários de Gênero e Sexualidade: ensaiar uma Educação Não-binária. **Margens**, v. 11, n. 17, 2017.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, pós-estruturalismo e educação: identidades, para quê?. *In*: LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Salete (org.). **Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares**. Curitiba: Editora UTFPR, 2016. p. 147-163.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 286 p.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 169 p.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 13-34.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 7-17.

DELEUZE, Giles. O devir-revolucionário e as criações políticas: entrevista concedida a Antonio Negre. **Novos Estudos**, v. 28, p. 67-73, 1990.

DELEUZE, Giles. **O Abecedário de Giles Deleuze**. 2001. Disponível em: <http://filosofiaemvideo.com.br/video-abecedario-de-deleuze/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997. 176 p.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Guerra e Paz, 2015. 176 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 80 p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 275 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 295 p.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico: As heterotopias**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2013. 112 p.

FOUCAULT, Michael. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. 368 p.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 2. ed. São Paulo: Guerra e Paz, 2015. 176 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAMPE, Fernanda. Sejam@s tod@s feministas: interseccionalidade, direitos humanos e educação. *In*: SILVA, Fabiane Ferreira; BONETTI, Alinne de Lima (org.). **Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a Educação**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 11-16.

HATJE, Luis Felipe. **Trans (formar) o nome: a constituição dos sujeitos transgêneros a partir do nome** / Luis Felipe Hatje. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018

HOMOFOBIA MATA. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil relatório 2018.**

Disponibilidade em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/03/relatorio-2018.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Heteronormatividade e homofobia no currículo em ação. *In*: CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de (org.). **Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia**. Curitiba: Editora UTFPR, 2011. p. 89-124.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Conceito de diversidade. **Revista diversidade e Educação**, v. 2, n. 3, p. 4-11, jan.-jun. 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e a ofensiva antigênero. RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 179-210.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

LONGARAY, Deise Azevedo. **A (Re)Invenção de si: investigando a constituição de sujeitos/as gays, travestis e transexuais**. 2014. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, 2015.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Saberes e (in)visibilidades dos corpos trans nos espaços educativos. **Ensino Em Re-vista**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 121-146, jan./abr. 2019.

MEYER, Dagmar. Currículo de gênero e sexualidade: sobre tormentas e resistências criativas em territórios disputados. *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 9-13.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 07-38.

OLIVEIRA, Jane Cordeiro. Conhecimento, currículo e poder: um diálogo com Michel Foucault. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 23, n. 2, p. 390-405, jul./dez. 2016. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rep. Acesso em: 07 jun. 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Apresentação. *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Pesquisa sobre currículos e cultura**: temas, embates, problemas e possibilidades. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: resistência e ocupa(ções) nos espaços educativos. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 7-27.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 13-21

POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulamentação social e poder. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 173-210.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscribendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002. 113 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; Rizza, Juliana Lapa; Ávila, Dácia Amaro. Gênero e Sexualidade no Ensino Superior: reflexões sobre a produção de possíveis heterotopias. *In*: MAGALHÃES, Joanalira Corpes Magalhães; RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2014. 285 p.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Prefácio. *In*: MATTOS, Zaine Simas (org.). **Diversidade sexual e de gênero na educação**. Juiz de Fora: Fapeb/Editora UFJF, 2013. 148 p.

RIZZA, Juliana Lapa. **A sexualidade no cenário do ensino superior**: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Identidades de gênero e sexuais na escola e formação de professores e professoras. *In*: VILAÇA, Teresa; ROSSI, Célia; RIBEIRO, Claudia; RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). **Investigação na Formação e Práticas Docentes na Educação em Sexualidade**: Contributos para a Igualdade de Gênero, Saúde e Sustentabilidade. 1. ed. Braga: Universidade do Minho, 2017. p. 3-12.

RIZZA, Juliana Lapa. **A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras**. 2015. 217 f. Tese, Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

RIZZA, Juliana Lapa; RIBEIRO Paula Regina Costa; MOTA, Maria Renata. Disciplinas que discutem sexualidade nos currículos do Ensino Superior brasileiro: produzindo um diagnóstico da situação atual. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 197-224, maio-ago. 2016.

SATO, Michèle; GAUTHIER, Jacques Zanidê; PARIGIPE, Lymbo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Arnedt, 2005. p. 99-117.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila. Recife: SOS Corpo, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 190-207.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOUZA, Joelmar Fernando Cordeiro de. **Regimes de verdade em Michel Foucault**. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2015

SOUZA, Marcos Lopes; FERRARI, Anderson. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. **Ensino em Re-vista**. v. 26, n. 1, p. 40-59, jan.-abr. 2019.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 208 p.

SEFFNER, Fernando. Tem nexos não falar sobre sexo na escola? **Revista textual**, v. 1, n. 25, 2017.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação em Sexualidade e Relações de Gênero na Formação Inicial Docente no Ensino Superior**. 2017.

VARELA, Julia. O estatuto do Saber Pedagógico. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 87-96.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 37-72.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZANIN, Henrique; FERREIRA, Leandro; RIBEIRO, Luiz. Ingresso e Permanência no Trabalho e Emprego por Sujeitos LGBT+ em Belo Horizonte, Brasil. **Id on line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 13, n. 44, p. 460-474, 2019.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumara, 2004.

APÊNDICE A QUESTIONÁRIO

Prezados/as participantes, este questionário é parte integrante da pesquisa de mestrado cuja temática versa sobre “Significados e acontecimentos possíveis: uma investigação com os/as alunos/as que cursaram a disciplina, Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. O objetivo dessa pesquisa é investigar a potencialidade da disciplina, Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, no processo formativo dos/as acadêmicos/as da Universidade Federal do Rio Grande – FURG que cursaram a disciplina.

Sua participação é muito importante para essa pesquisa, e, por isso, desde já agradeço a sua colaboração!

A. Informações pessoais/Sobre você

1. Data de nascimento mês: _____ ano: _____

2. Com qual gênero você se identifica?

() Mulher Trans

() Homem Trans

() Travesti

() Mulher Cis

() Homem Cis

() Gênero Fluido

() Não Binário

() Outra/o. Qual? _____

3. Quanto à raça/etnia você se considera? (Essa classificação descrita abaixo está relacionada aos dados de raça/etnia presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE).

() Branca

() Preta

() Parda

() Amarela

() Indígena

() Outra/o. Qual? _____

4. A respeito de sua identidade sexual/orientação sexual, você se identifica como?

☐ Heterossexual

☐ Bissexual

☐ Lésbica

☐ Gay

☐ Assexual

☐ Pansexual

☐ Prefiro não declarar

☐ Outros. Qual? _____

5. Atualmente, qual sua religião? (Essa classificação descrita abaixo está relacionada aos dados de religião presentes no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)

☐ Nenhuma

☐ Católica

☐ Evangélica

☐ Espírita

☐ Afro-brasileira (Umbanda, Candomblé)

☐ Prefiro não declarar

☐ Outra. Qual? _____

6. Quando você realizou a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos qual curso de graduação estava cursando? _____

7. Atualmente, você está fazendo:

☐ Graduação

☐ Residência

☐ Mestrado

☐ Doutorado

☐ Não estou estudando no momento

☐ Apenas trabalhando

☐ Outra. Qual? _____

B. Sobre a disciplina

8. Em que ano você cursou a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”?

☐ 2012

☐ 2013

☐ 2014

☐ 2015

☐ 2016

☐ 2017

☐ 2018

9. Quais as motivações que levaram você a se inscrever na disciplina “Gênero e Sexualidade nos Espaços Educativos”?

☐ Curiosidade

☐ Ampliar conhecimentos

☐ Cursar uma disciplina optativa para atender a carga horária do curso de graduação

☐ Cursei como disciplina complementar

☐ Tenho interesse nos temas

☐ Pesquisa nessa área

☐ Acho importante para a minha formação profissional

☐ Vivencio ou vivenciei alguma situação de violência de gênero ou sexual

☐ Outra(s). Qual? _____

10. Você considera importante que se instituem, nos cursos de graduação, disciplinas para discutir as temáticas de gêneros e sexualidades? _____

11. Você identifica ou identificou temáticas de gêneros e sexualidades no seu curso de graduação?

☐ Não identifico

☐ Nas disciplinas do meu curso de graduação

☐ No projeto de curso

☐ Nos trabalhos das disciplinas

- () Nas ementas e referências bibliográficas das disciplinas
 - () Nas discussões em sala de aula
 - () Em eventos promovidos pelo curso
 - () Nas oficinas promovidas pelo curso
 - () Especificamente na disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos
 - () Outro. Qual?
-

12. Já teve contato com leituras ou cursos que tratam das temáticas problematizadas na disciplina? Gostaria de compartilhar alguma leitura ou algum curso? _____

C. Cursar a disciplina possibilitou...

13. Você acha que a disciplina pode colaborar para combater o preconceito? Por quê?

14. Em que situações você acha que estão presentes os temas que a disciplina se propõe a problematizar?

- () Cotidiano
- () Trabalho
- () Escola
- () Universidade
- () Família
- () Instituições religiosas
- () Mídia
- () Todos os espaços citados
- () Outros espaços. Quais? _____

15. Qual ou quais módulos da disciplina foi/foram mais significativo/s para sua formação, Módulo Diversidade, Módulo Gêneros, Módulo Corpos, Módulo Sexualidades? Por quê?

16. Algum assunto trabalhado na disciplina foi mais significativo para você? Qual? Por quê?

17. Depois que você fez a disciplina percebeu mudanças nos seus entendimentos em relação às temáticas discutidas? Por quê?

18. Você tem alguma sugestão em relação à disciplina? _____

19. Gostaríamos de aprofundar esse estudo conversando mais sobre a disciplina. Caso queira participar deixe seu e-mail abaixo:

Caso você tenha algum comentário/sugestão para as perguntas que foram feitas nesse questionário, a fim de auxiliar a pesquisa que será desenvolvida e que tem como objetivo investigar a potencialidade da disciplina, Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, no processo formativo dos/as acadêmicos/as da Universidade Federal do Rio Grande – FURG que cursaram a disciplina, por favor, deixe seu comentário abaixo: _____
